



**MESTRADO EM COMUNICAÇÃO**

**Enquadramentos sobre acontecimentos políticos em vídeos de  
YouTube: uma análise das narrativas de quatro *youtubers***

**VANESSA NEME SPIRANDEO**

SÃO PAULO  
2022

**VANESSA NEME SPIRANDEO**

**Enquadramentos sobre acontecimentos políticos em vídeos de YouTube:**  
uma análise das narrativas de quatro *youtubers*

Dissertação apresentada para a obtenção de grau de Mestre  
em Comunicação pela Faculdade Cásper

Orientador: Prof. Dr. Luis Mauro Sá Martino

SÃO PAULO  
2022

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

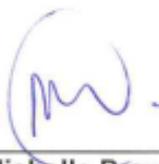
AUTORA: VANESSA NEME SPIRANDEO

“ENQUADRAMENTOS SOBRE ACONTECIMENTOS POLÍTICOS EM  
VÍDEOS DE YOUTUBE: UMA ANÁLISE DAS NARRATIVAS DE QUATRO  
YOUTUBERS”



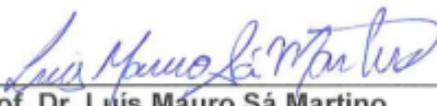
---

Profa. Dra. Ângela Cristina Salgueiro Marques  
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG



---

Profa. Dra. Michelle Prazeres Cunha  
Faculdade Cásper Líbero - FCL



---

Prof. Dr. Luís Mauro Sá Martino  
Faculdade Cásper Líbero - FCL

Data da Defesa: 11 de março de 2022

## DEDICATÓRIA

*Dedico esta dissertação aos meus coabitantes de casa, leia-se meu filho e minha mãe, pela paciência com as longas horas na frente do computador, e minha cachorra, que não sabe ler, mas perdeu algumas caminhadas por isso.*

## **AGRADECIMENTO**

Tem algumas pessoas sem as quais este trabalho não sairia. Além dos três amores com quem divido a casa e a quem dediquei a pesquisa, agradeço à família toda que me apoiou.

Agradeço demais ao meu orientador, o Prof. Dr. Luís Mauro Sá Martino, pela paciência infinita, pela gentileza inabalável, por compreender que faço piadas para aliviar tensão e me abarcar nesses momentos, mesmo quando as anedotas são sem graça, e por compartilhar com muita abnegação seu conhecimento sempre. Luís, nenhuma linha sairia sem você. Obrigada daqui até o infinito.

Também agradeço aos colegas (hoje, amigos) da caminhada de mestrado, com um carinho especial para minha dupla Nara Borges, que compartilhou comigo cada momento e me ajudou a dar passos mais alegres e assertivos. Vale mencionar os queridos Felipe Fonseca, Alessandra de Vasconcelos, Keite Pacheco, Marianna Guimarães, Abner Augusto, André Petrick, Ana Paula Novaes. As trocas com vocês, eu levo para a vida.

Agradeço ainda aos professores que me acompanharam. Duas menções com nomes precisam ser feitas: primeiro, o Prof. Dr. Welington Andrade, diretor da instituição, que me acompanha desde a graduação, com conselhos inspiradores e um bom humor inigualável – foi ele quem me deu aquele “empurrão” amigo que me deu a coragem para dar esse passo. E o Prof. Dr. Marcelo Santos, que me apoiou para além das aulas e sempre me desafiou a buscar mais. Sem bons professores, acredito que a maioria de nós (se não todos) sequer sairia do lugar.

Tenho a sorte de ter muita gente incrível na minha vida que me incentiva e deposita uma fé em mim que eu nem sempre consigo manter. Meus amigos de todos os dias, que me mandam mensagens, me relembram de que eu sou capaz, me apoiaram incondicionalmente a concluir o mestrado e até ouviram sobre esta pesquisa mesmo em momentos de descontração, obrigada! Não vou nomear todos, vocês sabem quem são. Mas deixo a Bruna Bertolete com nome para representar a todos, porque esta, além de tudo, ainda fez o papel da revisão.

Por fim, queria deixar dois agradecimentos póstumos: meu pai, meu maior torcedor e incentivador. Um cara incrível que nunca me deixava baixar a cabeça. E minha prima Ana Paula, que se foi quando eu concluía essas páginas, e que sempre dizia o quanto se orgulhava por eu trilhar esse caminho. Essa é para vocês dois. Comemorem aí em cima por mim.

*As alterações na tecnologia pela ação humana não se separam de sua cultura, de sua história e das sociedades formadas. A relação não é de causa e efeito, mas dialética. As mídias digitais, integradas ao cotidiano, foram apropriadas pelas pessoas, grupos, comunidades. [...] Ideias diversas, pontos de vistas diferentes, mesmo contraditórios a respeito do que acontece conosco nessa ligação. [...] Mas nossa vontade de saber continua.*

*(Luís Mauro Sá Martino)*

## RESUMO

Esta pesquisa discute como o mesmo evento é percebido de forma diferente de acordo com a maneira com que a pessoa o enquadra. Para observar estas variações, foram analisados quatro canais de YouTube, e estudaram-se as diferentes representações de acontecimentos trazidas em suas narrativas sobre política nos primeiros 150 dias de 2019, após a posse de Jair Bolsonaro como presidente do país. Os *youtubers* foram escolhidos por defenderem visões e ideais diferentes, apresentarem repertórios diversos e, também, terem presença constante na plataforma, sendo este último critério um meio de tentar garantir que tenham capital social no YouTube para influenciar as pessoas que assistem a seus vídeos. Foram escolhidos 16 vídeos desses canais de YouTube para a análise, seguindo o critério de estarem compreendidos no recorte temporal supramencionado e debaterem acontecimentos políticos em voga no país naquele momento. O norte teórico é a noção de enquadramento de Goffman (2012), enriquecida por teóricos pós-goffmanianos e pautando-se operacionalização do conceito para análise de quadros proposta por Mendonça e Simões (2012). As diferenças entre o que se entende como realidade para cada um dos *youtubers* ficam claras, por meio de observação do que resulta das representações comunicacionais que fazem dos acontecimentos, ao contarem as mesmas histórias com recortes que variam de acordo com seus quadros de referência, formados por seus repertórios diversos, crenças variadas e vieses políticos desde a esquerda até a direita: figuras políticas importantes do governo federal vistas como “incompetentes” e “mal intencionadas” por Ana Roxo, Cauê Moura e Sabrina Fernandes, contrastando com o apoio de Nando Moura, que usa definições como “o melhor projeto de governo do Brasil”, são um exemplo marcante; o mesmo vale para as pessoas da população que apoiam este governo, que são “sensatas” e “do bem” para Nando, e “desprovidas de bom senso” para Ana e Cauê.

*Palavras-chave: comunicação, poder, enquadramento, acontecimentos, YouTube, youtubers, Goffman, pós-goffmanianos, análise de quadros, Bolsonaro*

## ABSTRACT

This thesis debates how the same event can be perceived differently, according to how one frames it. To observe such variations, four YouTube channels were analyzed, and their different representations of how political events happen and are narrated, being these events related to politics and regarding the first 150 days of 2019, after Jair Bolsonaro's presidential inauguration. The *youtubers* were selected for having different views and ideals, presenting diverse repertoires and, also, showing they were constantly present at the platform, and this last criterion is to try to assure they have social capital on YouTube to influence the audience that follows them and watches their videos. 16 videos from these YouTube channels were chosen, following the selected timeframe as well as the topic of debating politics and important events happening in the country at that time. The theoretical framework includes the notion of frames from Goffman (2012), enriched by the post-Goffmanian authors' inputs, and considering the operationalization for frames analysis as proposed by Mendonça and Simões (2012). The differences between what is seen as reality for each one of the *youtubers* become clear, as a result of observing the communicational representations they bring forth while retelling the events with highlights that differ according to their reference frames, formed by their diverse repertoires, different beliefs and political views from the left to the right: a recurring example is the fact that the federal government is described as "incompetent" and "ill-intentioned" by Ana Roxo, Cauê Moura and Sabrina Fernandes, in contrast with the Nando Moura's depiction as "capable of doing what is best for Brazil". The same goes to the way they talk about the population that supports the federal government, who are "wise" and "good people" to Nando, and who "lack common sense" to Ana and Cauê.

*Keywords: communication, power, framing, events, YouTube, youtubers, Goffman, post-Goffmanian, frame analyses, Bolsonaro*

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	<b>7</b>
O YouTube	14
Os <i>youtubers</i>	16
<b>Capítulo 1. Enquadramento: limites e potências de acionamento do conceito</b>	<b>21</b>
1.1. Noções de enquadramento a partir de Goffman	21
1.2. Pós-Goffmanianos: novas visões sobre enquadramentos	24
1.3. A operacionalização do conceito na comunicação	31
<b>Capítulo 2. Enquadramentos convergentes: a construção de uma realidade compartilhada pelos youtubers de esquerda</b>	<b>37</b>
2.1. Enquadramentos gerais percebidos nos quatro youtubers	37
2.2. O início de 2019 para Ana, Cauê e Sabrina	45
2.3. Um mês depois: Flávio Bolsonaro, Brumadinho e Davos enquadrados	49
2.4. Reflexões sobre o primeiro trimestre	54
2.5. . O enquadramento em defesa do campo dos youtubers	58
<b>Capítulo 3. Divergências: enquadramentos conflituosos entre esquerda e direita no Youtube</b>	<b>64</b>
3.1. Em que Nando Moura diverge dos youtubers de esquerda	64
3.2. As diferentes visões sobre a posse	66
3.3. Definições diferentes sobre acontecimentos: Davos, Flávio Bolsonaro, Davos, 1964 e a natureza	71
3.4. Enquadramentos gerais sobre o governo federal	79
<b>Considerações finais: O que está acontecendo aqui?</b>	<b>84</b>
<b>Referências</b>	<b>89</b>

## INTRODUÇÃO

O que está acontecendo aqui? Esta é uma pergunta trivial, que, todavia, pode ser difícil de responder, especialmente quando se fala de política. Aliás, quando se discute fervorosamente sobre o assunto, uma vez que debates acalorados sem compreensão ou escuta têm se tornado a regra. Na internet, então, parece que grupos de ideais diferentes sequer dividem a mesma noção de realidade.

A política está, como sempre esteve, em todos os lugares, inclusive na internet. E os usos políticos da rede mundial de computadores não são poucos. Numa revisão da literatura sobre internet e política, há mais de dez anos, Sampaio (2010, p. 34) já explicava como autores defendiam que

a internet modificaria o polo de transmissão da informação. Agora, não apenas as mídias de massa controlariam a informação. De tal maneira, agentes políticos e cidadãos poderiam interagir diretamente, não mais necessitando da intermediação e filtragem da mídia de massa, dos grupos de pressão ou mesmo dos partidos políticos. Ainda haveria a vantagem de se tratar de uma comunicação mais fácil e barata em relação às mídias tradicionais.

Porém, a internet é apenas um meio e, apesar de facilitar o acesso, a ocupação e os diálogos ainda são feitos por pessoas. Como prossegue Santos (2010, p. 40), “os cidadãos poderiam decidir se juntar a indivíduos de pensamento similar (*like-minded*), evitando, assim, posições contrárias às suas. Os debates online seriam geralmente polarizados por posições extremas e acabariam se tornando trocas de insultos (*flames*)”.

Essa segunda visão relatada por Santos é o que parece que tem ganhado força online: as pessoas se desencontram como se tivessem acesso a informações opostas no mesmo ambiente digital. A resposta à pergunta “o que está acontecendo?” muda – e é essa questão que embasa a noção de enquadramentos, também ajudando a dar forma à pergunta central desta pesquisa.

Com isto em mente, este trabalho se propõe a observar como grandes formadores de opinião no mundo digital, os *youtubers*, mobilizam recursos de seus campos de atuação e os expõem em seus canais na rede digital por meio de suas interpretações sobre o campo da política, resultando em cada um deles narrar a mesma história sob pontos de vista e enquadramentos diferentes, a ponto de construir realidades opostas.

Um exemplo disso são as eleições de 2018 para a presidência do Brasil, marcadas por um altíssimo nível de polarização que, mesmo passada a disputa, se nota nos discursos de muitos. A revista Exame, em 2018, no período de eleição, noticiou que, entre 30 de setembro e 11 de outubro, houve ao menos 70 ataques motivados pela divergência política no Brasil (Albuquerque, 2018).

Mouffe (2015) argumenta que a resolução do conflito entre indivíduos é sempre provisória e não se situa em uma arena racional, pois o político é transpassado pelas paixões. Segundo a visão da autora, a diversidade de enquadramentos faz sentido, posto que, como ela argumenta, ainda se vivencia hoje “uma democracia marcada por antagonismos, na qual os indivíduos se interpretam como inimigos”.

Avançando na polarização, ainda de acordo com Mouffe, a importância de delimitar o que é da direita e o que cai no escopo da esquerda embasa a suposta legitimação do conflito. É como se houvesse um “nós” contra “eles”, e o “eles” é inimigo.

O anseio por um mundo no qual a dicotomia nós/eles estaria superada está baseado em falsas premissas, e aqueles que compartilham essa visão certamente não compreendem a verdadeira tarefa que a política democrática tem diante de si (MOUFFE, 2015, p. 2).

Mesmo fora da política, é esse estranhamento entre “nós” e “eles”, ou “o outro”, que costuma ser a fonte de discórdia: “Se estranhamos o outro ou nos estranhamos no outro, somos também estranhos para ele, e compreender isso nos convoca à compreensão de que somos estranhos em e para nós mesmos” (Kristeva, 1988, p. 9).

Os lados participantes dessa polarização se veem como opostos, e suas interpretações dos fatos não são menos diversas. Como grupos tão divididos, faz sentido que seus enquadramentos variem, uma vez que “os quadros primários são construídos e modificados social e contextualmente, sendo, pois, elemento central da existência intersubjetiva de uma coletividade” (Goffman, 2012, p. 27). É assim que eles passam a relatar os mesmos acontecimentos com versões bem diferentes.

Aldé argumenta que isso ocorre pois

Os indivíduos procuram justificativas válidas para se orientar e agir num contexto político do qual, querendo ou não, são obrigados a participar e em relação ao qual, às vezes contra sua vontade, precisam se posicionar. Para o cidadão comum, a construção dessas justificativas se apoia em discursos elaborados e recebidos. Discursos ao mesmo tempo informados e limitados pelos diversos quadros de referências a que os cidadãos recorrem. O próprio processo de construção das atitudes políticas é comunicacional, uma vez que estes quadros de referências - mais ou menos importantes na elaboração das explicações com que cada um organiza o mundo da política - têm natureza discursiva (ALDÉ, 2004, p. 41).

Para entender como essa construção diversa da realidade se propaga entre a população para além do que se escuta em discursos elaborados pelos políticos, esta pesquisa analisa 16 vídeos feitos por quatro *youtubers* e colocados no ar nos primeiros 100 dias do governo do Presidente Jair Bolsonaro. A saber, foram considerados aqui *youtubers* pessoas que usam a plataforma YouTube como meio principal de divulgação de seus conteúdos próprios.

O YouTube recriou e transformou um modo de comunicar, conduzindo-o a novos patamares, criando um formato para chamar de seu. Com algumas peculiaridades e

particularidades que o espaço agrega ao conteúdo ali compartilhado feito para o site e não meros usos *crossmedias* (reprodução de material de outra mídia, adaptação) (MONTEZANO, COUTINHO, 2019).

A plataforma digital foi escolhida para essa análise, porque o ambiente virtual tem sido a escolha de muitas pessoas como fonte de informação. Segundo uma pesquisa do DataSenado de 2019<sup>1</sup>, mais de 80% dos brasileiros acreditam que as redes sociais influenciam muito a opinião das pessoas, e 49% dos entrevistados dizem sempre se manter informados justamente pelo YouTube (DataSenado, 2019). Isso mostra que

algo mudou na realidade social das sociedades com o desenvolvimento das tecnologias de comunicação e das redes de relações sociais criadas a partir de então. O que aqui foi chamado de capilarização das tecnologias na intimidade da vida das pessoas parece ser o movimento significativo que, através de inúmeras modalidades, vem se tornando cada vez mais profundo (SIGNATES, 2011, p. 10).

Segundo o autor, uma opinião é formada por meio de conversa e, a julgar pelos dados do DataSenado, essa conversa está online. Aldé (2004, p. 137) complementa que

os meios de comunicação, cada qual com suas especificidades – rádio, televisão, jornais, revistas, internet –, interagem com os indivíduos no mesmo nível cognitivo que os outros quadros de referência, fornecendo enquadramentos e explicações para o mundo em geral e a vida política em particular.

Assim, esta pesquisa busca entrar em diferentes conversas para entender enquadramentos diversificados, e a lista de produtores de vídeos para a plataforma digital precisava, portanto, ter perfis divergentes. Até porque, de forma inconsciente,

normalmente os que estão envolvidos na situação não criam esta definição, embora frequentemente se possa dizer que a sociedade a que pertencem o faz; ordinariamente, tudo o que eles fazem é avaliar corretamente o que a situação deveria ser para eles e então agir de acordo (GOFFMAN, 2012, p. 23).

Em razão do foco no enquadramento e nas definições que dele advêm, o interesse principal será nas falas dos *youtubers*. A premissa do YouTube, inclusive, permite esse olhar em palavras, uma vez que

Fazer um login no YT significa, afinal, iniciar uma coleção de vídeos, ou de comentários de amigos, processos todos mediados por vídeo. Significa também acionar uma geração espontânea de séries de vídeos como resposta a uma determinada busca e pensar o mundo através de palavras-chave ou etiquetas (MONTAÑO, 2015, p. 71).

---

<sup>1</sup> **Pesquisa do DataSenado sobre a influência das redes sociais na opinião das pessoas**, publicada em 10 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datsenado/publicacaodatsenado?id=mais-de-80-dos-brasileiros-acreditam-que-redes-sociais-influenciam-muito-a-opinio-das-pessoas>.

Desta forma, ainda que seja uma plataforma audiovisual, para esta análise, o foco principal serão as falas dos *youtubers* e suas mensagens-chave, utilizando os demais elementos dos vídeos como pano de fundo apenas. Mais do que vídeos, cada produção ali é uma resposta ao público que acompanha a conversa digital proposta por cada *youtuber* – talvez uma resposta à pergunta central de Goffman, “O que está acontecendo aqui?”, quando traz à baila a noção de enquadramentos, que são construções de um grupo.

Tendo o usuário como banco de dados, o grupo Google tem uma penetração na vida social muito poderosa. Tudo parece indicar que esse modo de se enunciar como grupo, quase como um ecossistema, consolida um conjunto de ações estratégicas largamente praticadas nos modos de organizar a vida de todo contemporâneo que tem acesso à internet (MONTAÑO, 2015, p. 107).

É com os *youtubers*, independentemente do formato audiovisual, que muita gente “dialoga” e forma opiniões, como dito anteriormente. Porto explica isso discorrendo sobre o poder da construção narrativa:

Narrativas fornecem uma solução para um problema fundamental da vida cotidiana: como criar uma ordem inteligível nos assuntos humanos. Narrativas são também elementos importantes no trabalho dos profissionais da comunicação de massa. Como todo evento tem de necessariamente se tornar uma história antes de se tornar um evento comunicacional, a construção de narrativas é parte integral da construção de notícias (PORTO, 2007, p. 71).

Tais produtores escolhidos para esta pesquisa deveriam ser proprietários de seus conteúdos, os chamados “criadores” e, nessa plataforma, denominados *youtubers*, por publicarem online conteúdo para popular seus canais no YouTube.

Ser YouTuber se tornou uma espécie de profissão agregada ao status de celebridade e influenciadores como mostrou a pesquisa encomendada pelo Google e realizada pelo Instituto Provokers apontando as personalidades mais influentes no Brasil em 2017, dos dez primeiros lugares cinco foram ocupados por eles, incluindo a primeira posição do ranking (MONTEZANO, COUTINHO, 2019).

A escolha dos *youtubers* foi feita ainda de acordo com a temática – deveriam ser *youtubers* brasileiros que debatessem política no momento atual, falando sobre o Brasil e expondo sua opinião de forma clara. Para garantir um nível razoável tanto de influência quanto de noção de comunidade com os que os assistem, formando o grupo com quem compartilham opiniões, eles deveriam cumprir critérios de alcance (precisariam ter no mínimo 50 mil seguidores) e longevidade (estarem ativos na rede com certa frequência e terem iniciado seus canais há mais de 2 anos – leia-se: em 2017 ou antes).

Esse *youtubers*, sociologicamente falando, dividem um espaço social entre si e gozam de certo capital de influência por seus *status*, trazido pelo número de pessoas que os seguem (a partir de 50 mil pessoas se alinham com cada um deles a ponto de se colocarem como seguidores

de seus canais). Isto pode ser um espaço social, como define Bourdieu (2011), à medida que este

é construído de tal modo que os agentes ou os grupos são aí distribuídos em função de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação [...] – o capital econômico e o capital cultural. Segue-se que os agentes têm tanto mais em comum quanto mais próximos estejam nessas duas dimensões, e tanto menos quanto mais distantes estejam nelas. As distâncias espaciais no papel equivalem a distâncias sociais (2011, p. 19).

Posto que, ainda segundo Bourdieu (2011, p. 27), o espaço social engloba as pessoas e atua como um “ponto de vista, princípio de visão assumida a partir de um ponto situado no espaço social, de uma perspectiva definida em sua forma e em seu conteúdo pela posição objetiva a partir da qual é assumida” e ainda é capaz de ser “a realidade primeira e última já que comanda até as representações que os agentes sociais podem ter dele”, é viável ler que as comunidades que cada *youtuber* forma com aquelas pessoas que os segue cria esse ambiente de compartilhamento de visões e, ao mesmo tempo, como são seguidos por estas pessoas, gozam de mais capital cultural que eles, exercendo influência sobre a formação de suas opiniões.

Embora os *youtubers* objetos desta pesquisa tenham muito em comum e tenham interseções, como um certo alcance e um certo tempo de atuação, buscaram-se representações e repertórios diferentes para o tensionamento de diversas visões de vida. Houve, assim, uma preocupação com o histórico diverso do grupo e a representação de mais de um gênero. Outrossim, os quatro selecionados, embora sejam atuantes em outras plataformas digitais, fazem por merecer a alcunha *youtuber* por terem na rede social de vídeo do Google suas principais atuações online.

Os *youtubers* escolhidos foram Cauê Moura (mais de 5 milhões de inscritos, ativo no YouTube desde 2010), Nando Moura (mais de 3 milhões de inscritos, ativo no YouTube desde 2011), o canal *O mundo segundo Ana Roxo* (mais de 50 mil inscritos e ativo no YouTube desde 2016) e o canal *Tese Onze* (mais de 350 mil inscritos e ativo no YouTube desde 2017).

Como *youtubers* que debatem política, são vozes ativas neste campo, o que, como definiu Bourdieu (2019), os coloca em um mesmo espaço simbólico: cada espaço temático corresponde a um campo no qual é determinada a posição social dos agentes e se revelam autoridades a depender do capital social de cada um. Quanto mais atuante no campo, mais o capital tende a crescer. Estes criadores de conteúdo têm, no YouTube, capital social suficiente para influenciar conversas ao compartilharem seus quadros e suas visões dos acontecimentos.

Os *youtubers* têm em comum, ainda, a faixa etária, e três dos canais compartilham visões que podem ser alocadas em um espectro político esquerdista. Porém, as semelhanças se

encerram aí, e talvez seja por conta disso que os canais trazem os mesmos fatos contados de formas tão diferentes.

Ana Roxo, acredita-se, é a mais velha do grupo selecionado, tem um visual fora do padrão comercial vigente de beleza e não demonstra preocupação com isso. Atriz, diretora, escritora, ela é a representante LGBTQIA+ dos eleitos – sua dupla de canal por trás das câmeras é, inclusive, sua ex-esposa. Ambas são moradoras da região metropolitana de São Paulo.

Cauê Moura e Sabrina Fernandes, por outro lado, são os mais novos – ambos nascidos em 1988. Cauê é publicitário e músico, de Jundiaí, no interior do estado de São Paulo. Sabrina é de Goiânia, socióloga, professora-doutora e ativista feminista, de esquerda bem como do veganismo, com muito apego à causa ambientalista.

No meio do caminho em termos de idade, encontra-se Nando Moura, nascido em 1984. Morador de Embu da Artes, em SP, ele é músico, produtor e professor de música, além de empreendedor digital.

A intenção é observar como as produções desses canais relatam a mesma história valendo-se de enquadramentos diversos a partir de seus campos, de forma a retratar acontecimentos que por vezes chegam a ser tão diferentes a ponto de comporem visões de realidades praticamente opostas.

Na visão de França e Lopes (2017, p. 75), “o acontecimento não se resume a um objeto a ser explicado ou uma construção linguageira que conforma a realidade, mas é tomado como algo que mostra o que somos enquanto sociedade.” E os diferentes enquadramentos são justamente uma possibilidade de análise, dependente de nosso papel ou situação social, já que, ao observá-los, é possível identificar, por eles,

não apenas o ângulo adotado pelas abordagens noticiosas, mas sobretudo percebendo a utilização de quadros de sentido, isto é, a inserção do acontecimento dentro de determinadas configurações, a definição de situações interativas e o posicionamento dos sujeitos no âmbito do acontecimento (ibid, p.77).

Com a escolha de quatro sujeitos tão diferentes, o foco é observar “os diversos sentidos produzidos por meio da identificação dos quadros, dos sujeitos e das suas interações” (França e Lopes, 2017, p. 77). Durante a escolha, ainda foi cogitada a possibilidade da inclusão de Rafinha Bastos, porém, após análise mais cautelosa, foi possível notar que a temática do humorista, no início de 2019, não andava mais ao lado de comentários políticos atuais, como em fases anteriores de sua produção para a plataforma digital e até mesmo para a televisão aberta.

O período foi escolhido por se tratar do momento logo após as eleições presidenciais, em que o clima de polarização ainda estaria em alta, mas, ao mesmo tempo, passada a votação,

todos se voltariam às notícias do presidente eleito, e não de cada candidato envolvido na disputa, facilitando a escolha de temáticas que convergissem para análise das narrativas e enquadramentos a partir delas.

Tendo o período escolhido (os 150 primeiros dias de governo de Bolsonaro, com a polarização ainda muito acirrada), os vídeos de cada um dos canais foram observados e, após análise temática, foram elencados os que fariam parte desta pesquisa, por conterem ainda interseção de assuntos (o assunto principal de cada vídeo deveria ser tratado na mesma época por outro canal também analisado, para efeito de comparação – afinal, é mais factível observar a formação de enquadramentos diversos e narrativas de acontecimentos que levam e a construções sociais da realidade de forma divergente se o mesmo fato for levado em consideração no desenvolvimento da conversa digital).

Cada vídeo foi revisado cuidadosamente para entender a narrativa que traz à tona os enquadramentos que demonstra e as ideias que defende por meio deles. Depois disso, os vídeos foram comparados tanto entre os que tinham as mesmas temáticas dentre os *youtubers* como com os outros vídeos lançados no mesmo canal. As comparações entre vídeos do mesmo canal serviram para ajudar a captar o cenário e os enquadramentos de cada um dos *youtubers* estudados. Já as comparações entre vídeos lançados em datas próximas e trazendo a mesma temática serviram para que fosse possível entender as diferenças entre as narrativas.

Entendem-se aqui enquadramentos de cada *youtuber* ou sobre cada assunto como espécies de quadros de referência que uma pessoa traz ao dizer o que se passa ou se passou em determinada situação, como detalha Goffman (2012):

Pressuponho que as definições de uma situação são elaboradas de acordo com os princípios de organização que governam os acontecimentos – pelo menos os sociais – e nosso envolvimento subjetivo neles; quadro é a palavra que uso para me referir a esses elementos básicos que sou capaz de identificar. [...] Minha expressão “análise de quadros” é um slogan para referir-me ao exame, nesses termos, da organização da experiência (p. 34).

Em seu sentido primordial, esta pesquisa trará, em seu cerne, isto: uma análise de quadros. As diferenças no enquadramento de cada um dos *youtubers* são enunciadas nos vídeos, e é isso que leva à impressão de realidades diversas. Berger e Luckmann (2018) trazem o conceito de construção da realidade social apontando que

O cabedal social de conhecimento diferencia a realidade por graus de familiaridade. Fornece informação complexa e detalhada referente àqueles setores da vida diária com que tenho frequentemente de tratar. Fornece uma informação muito mais geral e imprecisa sobre setores mais remotos. Assim, meu conhecimento de minha própria ocupação e seu mundo é muito rico e específico, enquanto tenho somente um conhecimento muito incompleto dos mundos dos trabalhos dos outros. O estoque social do conhecimento fornece-me além disso os esquemas tipificadores exigidos para as principais rotinas da vida cotidiana (p. 64).

Após essa análise comparativa de narrativas dos vídeos que tratassem dos mesmos temas e acontecimentos, foi possível obter o recorte final de 16 vídeos que trazem, com concordância ou não, os mesmos assuntos. São vídeos que, de certa forma, conversam, dialogam entre si e com os mesmos fatos. Considerando Signates e sua afirmação de que é preciso

conferir a centralidade devida à comunicação, no trato das questões políticas, a partir do reconhecimento de que, em grande sentido, fazer política é fazer comunicação – fato que tem se tornado cada vez mais importante, quanto mais as tecnologias da comunicação penetram o cotidiano das pessoas e instituições (2011, p. 15).

E aliando isto ao fato de que os brasileiros formam suas opiniões pelas plataformas como o YouTube, como supracitado, é possível vislumbrar como as disparidades de visão da realidade e das construções sociais ao redor dela se formam a depender de como os *youtubers* narram os acontecimentos por meio de quadros de referências diferentes. Essa pesquisa busca analisar os diversos prismas que são utilizados como ponto de partida de observação para além do que se diz “verdade” ou “mentira”. Neste esforço, os vídeos foram estudados com a lente da análise de enquadramento, como definem Mendonça e Simões:

A ideia é analisar enunciados e discursos de natureza variada, captando o modo como a realidade é enquadrada por eles. No cerne desse tipo de operacionalização, reside uma preocupação em compreender o modo como discursos estabelecem molduras de sentido, enquadrando o mundo a partir de perspectivas específicas. Busca-se pensar a maneira como o próprio conteúdo discursivo cria um contexto de sentido, convocando os interlocutores a seguir certa trilha interpretativa (2012, p. 193).

Ao observar vídeos que tratam do mesmo acontecimento com vieses diferentes a ponto de, por vezes, nem parecerem falar do mesmo assunto, entende-se o quanto o enquadramento é feito de acordo com o que cada um traz como repertório. Goffman, que inspirou o artigo de Mendonça e Simões (2012), além de ser referência no conceito de enquadramento, explica que “tendemos a perceber os acontecimentos em termos de esquemas primários e o time de esquema que utilizamos proporciona uma maneira de descrever o acontecimento ao qual ele é aplicado” (Goffman, 2012, p. 49). É olhando para estes enquadramentos tão diversos dos mesmos acontecimentos que se pretende promover a “compreensão das consequências individuais e sociais da predominância de determinados quadros” (*ibid.*, 2012, p. 196).

## **A. O YouTube**

A escolha do YouTube como plataforma que abriga os vídeos a serem analisados não foi aleatória. Esta plataforma de vídeos é a rede que mais cresce no Brasil e a mais usada pelos brasileiros, segundo dados do estudo Global Digital 2019, feito pela We Are Social em parceria com a empresa Hootsuite. 95% dos usuários brasileiros de internet assistem a vídeos na

plataforma, o equivalente a 133 milhões de pessoas. Já foi citado que as redes sociais são usadas no país para fins informativos e, no caso do YouTube em especial, este é um dos principais motivos de acesso.

Montaño (2015) define o YouTube como a “principal plataforma de compartilhamento de vídeos, criada em 2005. Ele se enuncia como uma memória universal do vídeo, onde os vídeos são colocados em maior número de trânsitos e conectividades. Enuncia o audiovisual como espaço mediador de todas as relações sociais e que conecta usuários e imagens”. Nesta perspectiva, muito além de vídeos, ganha foco o atributo de “espaço mediador”, que interessa para esta análise por mediar conversas e enquadramentos que delas advêm. Como pontua a própria Montaño, esta é uma plataforma com tremendo potencial de alcance, já que

o YouTube é o terceiro site mais acessado do mundo. [...] Conforme informações da plataforma, o YT possui servidores em 25 países e está disponível em 43 idiomas. 70% dos computadores com internet acessam a plataforma, ocupando 40% de todo o tráfego de internet móvel. Tem três bilhões de visualizações por dia (2015, p. 93-94).

A empresa RockContent, especializada em comunicação digital, aponta que o YouTube é o segundo site mais acessado no Brasil, perdendo apenas para o Google. Mundialmente, mais de um bilhão de horas de conteúdo em vídeo são consumidos diariamente nessa plataforma.

Com esse grau de penetração na vida das pessoas, faz sentido que o que ali se apresenta entre na construção social da realidade das pessoas, ampliando seu alcance que, antes, era formado apenas pelo imediatamente tangível.

Aquilo que é “aqui e agora” apresentado a mim na vida cotidiana é o realíssimo da minha consciência. A realidade da vida diária, porém, não se esgota nessas presenças imediatas, mas abraça fenômenos que não estão presentes no “aqui e agora”. Isto quer dizer que experimento a vida cotidiana em diferentes graus de aproximação e distância, espacial e temporalmente (BERGER, LUCKMANN, 2018, p. 39).

Buscando informação pelo YouTube, ele passa a ser o “aqui e agora” de muitas pessoas. Montaño (2015, p. 76) desvenda isso com sua visão das plataformas de compartilhamento de vídeos “como espaços moldados pelo audiovisual de interface, um ambiente desenhado para que os diversos fluxos interajam e onde o audiovisual se atualiza numa reclamação constante de intervenção”. A autora vê em plataformas como o YouTube três montagens: espacial, temporal e uma terceira que une as duas por meio dos cliques dos usuários:

Essa coexistência tensa entre modos de montagens é característica importante da interface do audiovisual da web em seu estágio atual. Os três são movimentos próprios da rede: conectar nós, computadores (mas também usuários, tecnologias, mídias, estéticas, etc.). e, um tempo espaço próprio, pela transmissão de dados, formando ao mesmo tempo uma grande superfície e uma sequência (2015, p. 77).

É nesses espaços digitais que parecem estar sempre no mesmo tempo e no mesmo lugar de quem assiste (o usuário) que os *youtubers* criadores dos discursos analisados aqui habitam.

## **B. Os Youtubers**

### *i. Ana Roxo*

A “cara” do canal *O mundo segundo Ana Roxo*, que promete explicações simples para assuntos complexos, é a dramaturga Ana Roxo, representante LGBTQIA+, filha de professores. Ela é a única que aparece nos vídeos no período analisado, embora o canal tenha, atualmente, mudado seu formato. Este trabalho vai focar no formato que era utilizado em 2019, em que Tati Fadel, a contraparte, era uma voz de diálogo, mas não efetivamente aparecia nos vídeos.

A dupla é da área de Humanas, sendo que Tati é professora de Língua Portuguesa, e Ana é atriz, poeta, dramaturga e estudante de Filosofia. Elas debatem sobre política, filosofia, literatura, feminismo e atualidades. Piadas, linguagem simples e bom humor fazem parte do repertório. Críticas ao governo Bolsonaro e à direita também. Não costumam criticar a esquerda, embora assumam que não concordam com tudo que as pessoas partidárias da esquerda falam.

O canal é desmonetizado por ideologia da dupla, o que significa que não recebem dinheiro do YouTube e, em contrapartida, seus vídeos não podem ser interrompidos por anúncios. Ainda assim, elas têm mais de 60 mil inscritos, e o conteúdo de vídeos ultrapassa os 4 milhões de visualizações no total.

### *ii. Cauê Moura*

O *youtuber* Cauê Moura é do interior do estado de São Paulo e começou seu canal na plataforma em 2010. Há mais de dez anos fazendo vídeos, ele acumulou mais de 5 milhões de inscritos em seu canal e ultrapassou 680 milhões de visualizações somando todos os vídeos.

Declaradamente de esquerda, Cauê ganhou notoriedade falando sobre temas polêmicos e notícias atuais com humor ácido, sem parecer roteirizado. Sua temática mais polêmica é a política, e ele é sempre muito vocal a respeito de suas opiniões, usando linguagem popular, palavrões e gírias, de forma a se aproximar de um público mais amplo (pelo humor e pela popularização) e mais jovem (pela estética e pela linguagem).

Embora seja de esquerda, Cauê se considera separado do que ele chama de “esquerda cirandeira”, os “lacradores” do Twitter. Ele não faz uma explicação muito clara sobre essa divisão no período da análise, ainda que expresse constante descontentamento com o que considera serem excessos dessa outra esquerda.

### iii. Nando Moura

Luis Fernando de Moura Cagnin é o nome completo do músico Nando Moura, que está no YouTube desde 2011. Com mais de 3 milhões de inscritos e com a soma de visualizações de seus vídeos ultrapassando os 680 milhões, em sua descrição do canal, Nando diz que fala sobre “música, filosofia, economia, teologia, política e atualidades”. Dentre os links oferecidos para quem visita sua página no YouTube, há uma livraria do artista, com os livros que ele indica quando fala de filosofia e política - todos de acordo com sua orientação de direita, que ele assume e defende.

À época dos vídeos escolhidos para esta análise, 2019, Nando ainda era um grande defensor de Jair Bolsonaro e foi um de seus cabos eleitorais. Talvez valha dizer que, hoje, sua opinião parece ter mudado a respeito do presidente, embora ele continue veemente quanto à sua predileção pela direita. Ele tem um linguajar simples, bem similar ao de Cauê Moura, com gírias e palavrões, uma proximidade jovem e um público amplo devido ao seu cunho popular.

Mesmo na época em que ainda apoiava Bolsonaro, Nando já tinha críticas leves a uma parte da direita, mas apenas focado no que chama de desunião das pessoas que compartilham desse viés ideológico. Nada tão contundente contra seus companheiros ideológicos como Cauê ou a próxima *youtuber*.

### iv. Sabrina Fernandes

Sabrina Fernandes, de Goiânia, é doutora em Sociologia e iniciou o canal no YouTube justamente para debater sobre a esquerda com a própria esquerda. Ela define seu canal, *Tese Onze*, como comunicação política radical, que apresenta contrapontos ao senso comum, traz análises sobre sociologia e política. Feminista, marxista, ecossocialista e vegana, Sabrina traz todas essas temáticas à baila em seu canal, com mais de 400 mil inscritos e acumulando mais de 13 milhões de visualizações.

Ainda que de esquerda, da mesma forma que Cauê Moura, Sabrina traz críticas a colegas esquerdistas. Porém, diferentemente de Cauê, ela sempre mostra os porquês e oferece explicações mais aprofundadas para suas queixas. De todos os canais, aliás, é o *Tese Onze* de Sabrina que traz as explicações mais alongadas e pautadas em pesquisas, o que provavelmente se deve ao perfil acadêmico da *youtuber*. Há um cuidado muito claro em explicar termo a termo, e uma cautela igualmente perceptível em não ofender aqueles com quem discorda - ela busca apontar motivos sempre.

v. *Quadro comparativo*

Youtuber / Canal	Idade em 2019	O que o <i>youtuber</i> faz	Estreia no Youtube	Número de inscritos do canal	Vídeos analisados	Visão geral de enquadramentos políticos predominantes
Ana Roxo / O mundo segundo Ana Roxo	Entre 30 e 40	Escritora, dramaturga, roteirista, poeta, <i>podcaster</i> e professora. Formada em direção teatral pela ECA – USP.	07 de janeiro de 2016	60,4 mil	1. Indicações de canais e podcasts, de 05/01/20019 2. Chame pelo nome certo, de 03/02/2019 3. Governados pela 5ªB ressentida, de 14/5/2019	Ana é uma <i>youtuber</i> de esquerda, com inclinação artística e intelectual, além de forte apego à causa da educação. Conversa leve, temas entre leves e sérios. Ela e Tati Fadel, que é sua ex-mulher e sua dupla por trás das câmeras, falam de política, temas atuais e artes. Críticas majoritariamente à direita. Explicações simples.
Cauê Moura / Cauê Moura	31	Empresário, <i>podcaster</i> , músico e publicitário. Sua maior ocupação é mesmo como influenciador digital - ser <i>youtuber</i> faz parte disso.	18 de março de 2010	5,1 milhões	Vídeos da série “Giro de Quinta”: 1. Nova era chegou, de 10/01/2019 2. Eu vou virar Fábio Assunção, de 24/01/2019 3. Homem-Aranha brasileiro arrebenta meliante, 26/3/2019 4. O Carluxo tá descontrolado!!!1, 25/4/2019 5. Sobre Danilo Gentili e cirandagem, 11/4/2019	<i>Youtuber</i> de esquerda, com tom crítico majoritariamente voltado ao governo Bolsonaro e ao clã da família do presidente. Na série “Giro de Quinta”, Cauê comenta notícias atuais do Brasil e do mundo, colocando sua opinião de forma solta, irreverente, com linguagem simples e bem popular, abusando de gírias e até mesmo palavrões. Cita dados, mas nem sempre se atém a explicações. Embora seja esquerdista, suas críticas não se restringem à direita.
Nando Moura / Nando Moura	35	Músico, professor de música, produtor musical e empreendedor.	11 de setembro de 2011	3,1 milhões	1. Conversa fiada, de 02/01/2019 2. Seria Flávio Bolsonaro inocente???, de 22/01/2019 3. #GloboLixo - 1964, ursos e franceses!, de 30/3/2019 4. Por que parei com os vídeos no	Nando Moura é direitista e, na época da análise, era grande defensor de Bolsonaro. Faz críticas contundentes à esquerda, a colegas <i>youtubers</i> que divergem dele politicamente e à mídia tradicional, sendo a Globo o principal alvo. Usa linguagem

					Youtube???, de 04/05/2019 5. E agora Danilo Gentili???, de 11/4/2019	informal, popular, gírias com marcação de regionalismo e palavras também. Tenta embasar o que fala em livros que ele vende em um site cuja curadoria do que é listado é feita por ele.
Sabrina Fernandes / Tese Onze	31	Sabrina é autora, socióloga, economista, professora, pesquisadora. Doutora em sociologia.	05 de junho de 2019	403 mil	1. O mau exemplo da esquerda, de 01/01/2019 2. Um mês de Bolsonaro, de 05/02/2019 3. A quem interessa o desmonte do Brasil?, de 09/5/2019	Além de esquerdista, Sabrina tem como proposta principal de seu canal falar sobre política. Porém, diferente dos outros canais, seu foco principal nessa discussão é aprofundar temas políticos e tentar jogar luz sobre o que está acontecendo no país. Ela critica o governo Bolsonaro, mas também critica o que ela considera desvios da esquerda, sempre com embasamento e explicações detalhadas. Apesar de uma linguagem relativamente simples, ela tem assuntos mais complexos e menos próximos do público que os outros três canais dessa pesquisa.

Diante desse panorama, com *youtubers* selecionados por representarem grupos e ideais distintos, esta pesquisa buscará observar através de quais quadros cada um deles observa os fatos que se desenrolam nos primeiros meses de 2019, para analisar como isso afeta suas respostas à pergunta “o que está acontecendo aqui?”. Os vídeos elencados como objetos foram cuidadosamente selecionados por apresentarem interseções temporais e de assunto, justamente para que se evidencie o uso de quadros similares ou diferentes entre cada um dos *youtubers*.

No Capítulo 1, serão apresentados e tensionados os pilares teóricos desta pesquisa. A seguir, para não enviesar apenas em busca do que se conta de forma diferente, no Capítulo 2, esta análise também passará pelos pontos nos quais os canais de YouTube estudados convergem, os momentos em que seus quadros, se não idênticos, são ao menos similares, mostrando recortes das cenas que se sobrepõem. Por fim, no Capítulo 3, as diferenças serão

trazidas à baila para começar a responder à pergunta principal: por meio de diferentes quadros, observando-se a mesma cena, é possível obter histórias diferentes, mesmo atendo-se a fatos? Assim, nas considerações finais, traz-se a questão sobre a atuação do enquadramento na construção dos diálogos e narrativas ter mesmo a capacidade de responder, sem mentir, de forma diversa ao questionamento sobre o que está se passando.

## **CAPÍTULO 1 – ENQUADRAMENTO: LIMITES E POTÊNCIAS DE ACIONAMENTO DO CONCEITO**

Este capítulo discute a noção de enquadramento a partir dos pontos de vista de diversos autores, para embasar teoricamente esta pesquisa, explicando um pouco mais sobre o uso do conceito aqui, bem como sua operacionalização.

Uma vez que a principal questão que essa pesquisa busca esmiuçar é a forma como os enquadramentos modificam as noções que se constroem sobre a realidade, é um passo importante se deter num diálogo com a teoria, e entendê-la de diversos ângulos para prosseguir com a análise.

### **1.1. Noções de enquadramento a partir de Goffman**

Parece trivial, mas a resposta à pergunta “o que está acontecendo aqui?” pode ser complexa. Isso porque as pessoas, ainda que estejam no mesmo lugar, na mesma hora e testemunhem os mesmos acontecimentos, terão lugares de observação diferentes. Cada observador enxerga de um ponto, interpreta de acordo com seu repertório, entende com base no que já vivenciou e traz consigo.

Isso pode ser observado tanto no dia a dia quanto em veículos de comunicação e redes sociais. É o caso dos vídeos de YouTube estudados aqui. Cada *youtuber* conta o mesmo acontecimento de um jeito, muitas vezes como se não compartilhasse da mesma realidade - no caso da posse de Jair Bolsonaro em 2019, por exemplo, a *youtuber* Sabrina Fernandes conta um momento sofrido para o país e, em especial, para os jornalistas presentes à cerimônia, enquanto Nando Moura relata uma grande festa e um momento repleto de orgulho. Por isso, tentar entender o que está acontecendo a partir da noção de “realidade” parece não bastar para a questão principal trazida por essa pesquisa, que é o fato de que grupos diferentes tendem a construir mundos paralelos em que a tal "realidade" não converge.

Antes mesmo da longa linha de estudiosos de enquadramento, Schutz, sociólogo e ligado à fenomenologia, pensou muito sobre isso e trabalhou as pressuposições sociais do cotidiano. Em seu trabalho, ele comenta como se dá a criação de uma realidade social por meio de símbolos e ações humanas, tentando jogar luz na questão de ações simples terem interpretações tão diversas. Segundo ele,

O mundo da vida cotidiana, o mundo do senso comum, ocupa um lugar privilegiado entre as várias províncias da realidade, já que somente dentro dele é que se torna possível a comunicação com nossos semelhantes. Mas o mundo do senso comum é, desde o início, um mundo sociocultural e as muitas questões ligadas à

intersubjetividade das relações simbólicas originam-se nele, são por ele determinadas e encontram nele sua solução (SCHUTZ, 1972, p. 294).

Este pensamento serviu como inspiração para Goffman (2012), considerado o precursor e expoente dos estudos sobre quadros de referência e enquadramentos na área de Sociologia. Ele definiu “realidade” como uma impressão que alguém tem sobre o caráter real de algo, sendo completada e modificada pelo sentimento que a mesma pessoa tem sobre este algo. Com base na fenomenologia de Schutz e, também, na noção de enquadre elaborada pelo psicólogo Gregory Bateson, Goffman aplica o conceito de enquadramento à sociologia com a proposta de esmiuçar justamente quão complexa é a pergunta “o que está acontecendo aqui?”.

A contribuição de Bateson (1954) veio por conta de seus estudos sobre comunicação verbal humana e alguns comparativos com lontras e macacos: ele entende que as mensagens têm níveis - e seriam esses níveis que permitem que os indivíduos se entendam e enquadrem corretamente as mensagens dentro de determinados contextos.

Partindo dessas bases teóricas e de sua definição de realidade, Goffman (2012) se aprofunda nos conceitos de enquadramentos e quadros de referência, debatendo que cada pessoa tem uma espécie de repertório para interpretar as cenas que presencia ou as notícias a que tem acesso para entender, afinal, o que se passa. É com essa linha de pensamento sobre as diversas realidades que essa pesquisa se desdobra.

Isso quer dizer, de forma simplista, que enquadramento é o que a pessoa enxerga que está acontecendo: sua visão daquilo ou, melhor dizendo, seu quadro de referência para leitura do que se convencionou chamar de realidade. Na trilha de Goffman, muitos estudaram, destrincharam e, ainda, criticaram o conceito, o que, nesta pesquisa, ajuda a ampliar a noção e a precisar a aplicação dela.

Esse processo, como descreve Goffman (2012, p. 71), se utiliza de recursos para a formação do quadro. Três deles são essenciais aqui: os esquemas ou quadros primários, os tons (*keys*, “conjunto de convenções pelas quais uma dada atividade, já significativa em termos de algum esquema primário, é transformada em algo pautado sobre esta atividade, mas visto pelos participantes como algo muito diferente”) e subseqüentes posicionamentos, ou *footings* (a grosso modo, a opinião, o que o repertório da pessoa a ajuda a entender ou ler de determinada situação), e, por fim, as faixas ou *strips* (o recorte que o indivíduo faz do que está vendo, o que ele enquadra da situação).

Como estabelece o autor, os esquemas primários, fazendo jus ao nome que Goffman (2012) lhes deu, são uma espécie de primeira camada, estruturas enquadradas de forma social. Seu papel é permitir “ao usuário localizar, perceber, identificar e etiquetar um número

aparentemente infinito de ocorrências concretas, definidas em seus termos” (ibid., p. 45). É um quadro que a pessoa aciona sem notar e permite que ela interprete o mundo à sua volta, dando “significado àquilo que de outra forma seria um aspecto insignificante de uma cena” (ibid., p. 45). Esses quadros são construídos e alterados dentro de contextos e socialmente, o que os torna compreensíveis de forma coletiva, por todo o grupo.

“Tendemos, portanto, a perceber os acontecimentos em termos de esquemas primários, e o tipo de esquema que utilizamos proporciona uma maneira de descrever o acontecimento ao qual ele é aplicado” (Goffman, 2012, p. 49), e essas estruturas primárias ajudam as pessoas a se entenderem em determinados contextos.

Prosseguindo na conceituação, uma vez que as estruturas primárias dos enquadramentos são algo mais “superficial”, vale notar que um quadro primário pode se alterar com um tom diferente. Uma demonstração disso usada tanto por Goffman quanto por Bateson são as lutas de brincadeira, que até animais, como lontras e macacos, fazem. Ao olhar para a cena, a estrutura primária diz “luta”. Detendo-se mais sobre o momento, é possível notar que não há uma disputa real. O esquema primário “luta” é modificado para “brincadeira”, um tom de cena diferente - ele “modifica completamente aquilo que um participante diria que está ocorrendo” (Goffman, 2012, p. 73). E isso é parte do que torna a noção de enquadramento tão versátil.

De acordo com Goffman (2012), todos os envolvidos fazem essa busca pela definição da situação, mas não exatamente criam tal definição. Para o autor, é como se essa definição partisse da sociedade a que cada um pertence e, a partir disso, as pessoas negociassem certos aspectos dentro dos limites sociais para poderem agir de acordo. Assim, a realidade seria, de fato, subjetiva: ela é “a impressão que temos de seu caráter real, em contraposição ao sentimento que temos de que algumas coisas não têm essa qualidade” (ibid., p. 24).

Sim, realidade, que muitos dão como certa e simples, como dito desde o princípio deste capítulo, é um conceito complexo. “As definições de uma situação são elaboradas de acordo com os princípios de organização que governam os acontecimentos - pelo menos os sociais - e o nosso envolvimento subjetivo neles” (Goffman, 2012, p. 34). Tomando um exemplo que o próprio Goffman cita para situar melhor essa noção, os torcedores de times de futebol rivais, por exemplo, veem jogos bem diferentes na mesma partida.

Minha perspectiva é situacional, o que significa aqui uma preocupação com aquilo a que um indivíduo pode estar atento em determinado momento, e isto muitas vezes envolve outros indivíduos determinados, e não se restringe necessariamente à arena mutuamente controlada de um encontro face a face (ibid., p. 30).

## 1.2. Pós-Goffmanianos: novas visões sobre enquadramentos

Como dito, Goffman fez escola e, hoje, é possível encontrar pesquisadores que se debruçaram em suas conceituações e, em certa medida, evoluíram seus estudos. Examinando as formulações de esquema de pós-goffmanianos, essa falta de alinhamento entre as versões dadas por grupos distintos continua fazendo sentido.

Dentre quem veio após Goffman, há Gitlin (2003), sociólogo e teórico da comunicação, na década de 1980, que retira o conceito do campo estritamente sociológico e o traz para as comunicações. Para ele, os quadros são um recorte da realidade, não a totalidade, já que

Enquadramentos são os princípios de seleção, ênfase e apresentação compostos por teorias pouco tácitas sobre o que existe, o que acontece e o que importa. Na vida cotidiana, como Erving Goffman demonstrou amplamente, nós enquadrados a realidade, a fim de negociá-la, controlá-la, compreendê-la, escolher um repertório e ação adequados (GITLIN, 2003, p. 6).

Este processo de seleção, ênfase e exclusão não é consciente e tem papel fundamental na análise de enquadramentos - em geral e para esta pesquisa. Para o estudo dos quadros percebidos nos vídeos selecionados dos quatro *youtubers* aqui analisados, os pontos com mais ou menos destaques serão levados em consideração junto com tudo que torna cada quadro único, por vezes, paralelo a outros, por vezes, tão diverso, dependendo do que cada um salienta. Todos os vídeos estudados trazem comentários, visões e opiniões políticas.

Entende-se que cada *youtuber* faz a seleção dos fatos que compõem um acontecimento e elaboram suas narrativas de acordo com seu viés político, ainda que de forma inconsciente: o que eles enquadram a respeito das notícias sobre o governo Bolsonaro muda. Nando Moura, apoiador, salienta sempre os pontos positivos. Ana Roxo e Cauê Moura, opostos ao governo, têm um enfoque nos fatos que depõem contra Bolsonaro e seus seguidores. Sabrina Fernandes, ainda que oposição, num esforço para dialogar com a esquerda, também se detém nas falhas de seus colegas de visão política para tentar orientar ações mais assertivas.

Iluminando a forma como as pessoas buscam e elaboram explicações para sua construção de realidade, outra estudiosa pós-Goffman, Aldé, observa o que sujeitos de seu estudo argumentam a respeito do que viram na televisão e traz que

explicações estruturais estabelecem o que é pertinente num cenário; este, no entanto, é construído pelos próprios relatos. Os processos de produção e aceitação de explicações são fundamentais na compreensão do mundo social, e incluem as maneiras pelas quais os indivíduos fazem sentido suficiente no mundo político para funcionar como cidadãos (ALDÉ, 2004, p. 49).

Isso pode ser replicado em mídias digitais de difusão, como o YouTube, uma vez que, ainda segundo Aldé (*ibid*), é por meio de narrativas que as pessoas alimentam suas

interpretações do mundo, e é também na construção discursiva que as expressam, procurando apresentá-las como plausíveis e coerentes, enfim, como alternativas políticas válidas.

Isso ajuda a entender que a compreensão da situação à frente do indivíduo exige uma organização da experiência, e “uma determinada maneira de organizar e apresentar uma ação leva a uma conclusão interpretativa acerca da própria ação” (Butler, 2020, p. 23). Esta organização descrita por Butler retoma a ideia goffmaniana de esquemas primários usados para descrever o que se passa.

Já nesta primeira definição básica, mais uma pista das respostas diferentes à pergunta sobre o que está acontecendo. Retomando o objeto desta pesquisa, se os quadros são construídos e compreendidos coletivamente, como que compartilhados pelo grupo, faz sentido que Nando Moura, indivíduo de direita e com um repertório cultural alinhado a esta visão, tenha formas diferentes de significar um acontecimento comparado à Ana Roxo, esquerdista e feminista militante, pertencente a um grupo com poucas ou nenhuma interseções de repertório com Nando. Isso porque eles interpretam o que narram e

A interpretação não surge como um ato espontâneo de uma mente isolada, mas como uma consequência de certo campo de inteligibilidade que ajuda a formar e a enquadrar nossa reação ao mundo invasivo (um mundo do qual dependemos, mas que também nos invade, exigindo uma reação de formas complexas e, às vezes, ambivalentes) (BUTLER, 2020, p. 59).

Para Aldé (2004, p. 45), a noção de esquema vem impregnada de cognição e tem forte influência na formação de conhecimento de cada um, já que, segundo a autora, “entender o significado de algo não é apenas reproduzir um conteúdo, perceber sensorialmente um objeto, arquivá-lo e buscá-lo quando necessário, mas aceitar uma versão sobre como opera, que consequências advêm dele, o que o causa e que usos pode ter”. E ela detalha:

O conhecimento que a pessoa tem de seu ambiente contextual é mais rico do que o conhecimento das características do objeto isolado; procuramos sempre incorporar cada nova informação ao esquema preexistente, que é flexível e reflexivo, dinâmico e constantemente atualizado. O processo de compreensão, em suma, é bastante construtivo. Se determinada informação não tem “ganchos” que a relacionem ao contexto preexistente, sua compreensão torna-se mais difícil (ibid.).

Porto (2007, p. 65), outro pesquisador mais recente que se deteve sobre enquadramentos, explica que, até mesmo para fins analíticos, é possível definir “esquemas como estruturas cognitivas internas que organizam nosso conhecimento e dão forma ao processo pelo qual processamos novas informações.” Vale notar que o próprio Porto esclarece, adiante na mesma obra, que, ainda assim, esquemas não são estruturas fixas (um grande ponto levantado por diversos pós-goffmanianos), já que “a introdução de enquadramentos simbólicos muda atitudes políticas, mesmo quando a informação factual continua constante” (ibid).

A ideia de tom ajudará a entender quando a mesma fala está sendo usada de forma séria ou jocosa, por exemplo, pelos *youtubers*. Quando se referem a questões como catástrofes ecológicas, há alguma sobreposição de expressões. Analisadas fora de contexto e sem levar em consideração a tonalização, seria possível achar que Nando Moura e Sabrina Fernandes têm a mesma preocupação com a natureza. Porém, é a tonalização que dá pistas de que, nas falas de Nando, o enquadre é tonalizado e ele, na realidade, faz troça com essa preocupação, como será detalhado na análise ao longo deste trabalho.

Para Butler (2020, p. 103), quando ela debate quadros de referência e seus impactos, “isso se trata de ratificar o que será chamado de realidade: o alcance do que vai ser percebido como existente. A regulação da perspectiva sugere, portanto, que o enquadramento pode dirigir certos tipos de interpretação”. Isso vale, segundo Butler, tanto para quem narra quanto para quem consome a narrativa. A filósofa, que lançou mão desse aporte teórico também para entender relatos midiáticos, esclarece que

Podemos pensar no enquadramento, então, como algo ativo, que tanto descarta como mostra, e que faz as duas coisas ao mesmo tempo, em silêncio, sem nenhum sinal visível da operação. O que surge nessas condições é um espectador que supõe estar em uma relação visual imediata (e incontestável) com a realidade (BUTLER, 2020, p. 112).

Embora Goffman tenha se detido neste assunto e se debruçado sobre diversos aspectos dos quadros da experiência social, e ainda muitos autores que seguiram seus estudos o complementaram na intenção de utilizar o conceito e se aprofundar, houve outros que debateram as teorias com o propósito de aparar arestas do que o professor de estudos da comunicação e ciências políticas Entman (1993) chama de paradigma fraturado.

Mesmo tendo críticas, Entman se aprofunda no conceito, por ver nele a possibilidade de transformar “uma possível fraqueza em força” (1993, p.51). Nessa tentativa de fortalecer a teoria, esclarecê-la e, assim, torná-la mais hermética para uso, o autor delimita que

Quadros dão destaque a algumas informações sobre um item que é o assunto de uma comunicação, assim tornando-o mais saliente. O conceito de saliência por si só deve ser definido: quer dizer tornar uma informação mais notável, significativa ou memorável para o público. Essa saliência aumenta a probabilidade de o receptor perceber a informação, discernir seu significado e, assim, processá-la (ENTMAN, 1993, p. 53).

Na esteira de Entman, muitos autores dos anos 2000 seguem destrinchando Goffman e trazendo a consistência que os enquadramentos demandam. Com o intuito de aprofundar e reforçar o conceito para uma aplicação bem estruturada na análise dos vídeos de YouTube e suas múltiplas realidades, já foram mencionados alguns dos principais e se seguem aqui outros importantes estudiosos a serem considerados, em especial, os contemporâneos.

Os professores e doutores Mendonça e Simões (2011) fazem um apanhado cuidadoso das operacionalizações do conceito e ajudam a entender que este enquadramento individual não é uma construção consciente, nem tampouco uma manipulação: “Os quadros não são inventados pelo sujeito, mas mobilizados na interação comunicativa, dependendo, pois, da existência de sentidos partilhados” (2011, p. 189). Esses sentidos partilhados são as *schemata* de interpretação, “fornecendo-nos apenas uma tradição de compreensão, uma abordagem, uma perspectiva” (Goffman, 2012, p. 45).

Outro ponto importante sobre enquadramento que apoia os estudos de Goffman e sua fala sobre interpretação é trazido à baila por Carvalho (2011), que busca aportes para o conceito. Segundo o autor, o enquadramento ajuda as pessoas a interpretar e entenderem o que se passa, todavia, é variável pois

está centrado em reflexões acerca dos modos como é possível, a cada indivíduo, identificar a situação diante da qual se encontra em presença. A interpretação de uma situação, portanto, resultará sempre da resposta a uma indagação primeira: “o que está se desenrolando na cena à minha frente?”. O enquadramento é a chave para a resposta a tal indagação (CARVALHO, 2011, p. 2).

E, sobre essa variação, é possível encontrar mais aprofundamento com a pesquisadora portuguesa contemporânea Silveirinha (2005, p. 02), que traz o conceito para a mídia. Ela elucida que “os enquadramentos referem-se a crenças partilhadas na sociedade”. Isso quer dizer que, de acordo com a crença do grupo, a forma que algo é percebido como real ou não se modifica.

O pesquisador de enquadramento e comunicação Van Gorp (2007, p. 61) concorda com esta visão e, em suas releituras de Goffman, ele reafirma que um quadro não pode ser produzido individualmente: é algo coletivo, intersubjetivo e que se nota imerso nas construções comunicativas: “Os quadros dão estrutura a essas representações sociais e levam a uma série de conjuntos de quadros mutuamente excludentes”.

Nessa linha, então, como cada grupo tem um jeito de ver, de perceber e de compreender, esse enquadramento específico seria, por isso, “fruto de uma complexa teia de variáveis” (Mendonça e Simões, 2011, p. 197). O grupo criaria, entre si, uma espécie de definição compartilhada - os *youtubers*, por exemplo, fazem isso com seus seguidores. Vê-se que Nando dialoga com outros apoiadores de Bolsonaro e que Ana, Cauê e Sabrina conversam com pessoas que, como eles, compartilham enquadramentos desfavoráveis.

Essa definição situacional pragmaticamente elaborada ao longo da interação indica aos sujeitos como devem agir, abrindo-lhes campos de possibilidades e obstruindo-lhes outros veios de ação imagináveis. Os sujeitos devem estar atentos aos sinais que delimitam ou contextualizam enquadres, a fim de fornecer uma resposta adequada à situação e melhor corroborar a construção da comunicação em curso. Sempre

presente, o enquadramento possibilita identificar as regras e as instruções que orientam determinada situação e o envolvimento dos atores nela (MENDONÇA, SIMÕES, 2011, p. 197).

Se o quadro delimita, é preciso considerar, outrossim, o que Goffman (2012) definiu como *footings* ou posicionamentos, uma maneira de mudar o tom. A forma como a pessoa vê emoldura a situação, o enquadre, assim como a posição de onde ela vê e narra qualquer situação. “Uma transformação nessa postura implicará alterações no modo como a situação é definida. Assim, os *footings* e os enquadramentos são dinâmicos e discursivos, e devem ser apreendidos e compreendidos a partir da situação em que a interlocução entre os sujeitos ocorre” (Mendonça e Simões, 2011, p. 190).

Ora, se um grupo tem um viés político mais radical, a forma como encara o ocorrido, ou seja, o posicionamento, muda se comparado, por exemplo, a uma comunidade menos ligada a questões políticas, que pode não compartilhar das mesmas visões - para além de opiniões. Da mesma forma, a análise de Sabrina Fernandes, a *youtuber* marxista e doutora em Sociologia, tende a se contrapor de forma óbvia à visão do músico Nando Moura, com seu posicionamento de direita. Contudo, as oposições de *footing* nem precisam ser tão drásticas: por conta de seus estudos e amplo contato com diversas referências, a postura de Sabrina também diverge por vezes da de Cauê Moura, ainda que ambos estejam num espectro de esquerda. Isso porque Sabrina tende a diálogos mais estruturados e alongados, enquanto Cauê se detém em conversas mais superficiais e lança mão por vezes de ofensas gratuitas.

As informações culturais que cada um traz consigo aliadas às maneiras como aqueles à sua volta percebem os acontecimentos têm um peso no que se vê - ou, melhor, no que a lente de cada um enquadra e considera. Quando algo acontece,

os indivíduos lançarão mão, na construção das explicações, de um repertório dado por sua inserção no mundo, valendo-se de estruturas cognitivas que lhes auxiliem neste processo, que implicará na seleção de um aspecto particular (*strip*) da totalidade da cena, que prevalecerá sobre os demais (CARVALHO, 2011, p. 3).

Esses aspectos particulares a que Carvalho (2011) se refere são as *strips* ou faixas, que são o terceiro componente da experiência social relevante para esta pesquisa e designam “qualquer fatia ou recorte arbitrário do fluxo de uma atividade em curso [...], tal como são vistos a partir da perspectiva dos subjetivamente envolvidos em manter algum interesse neles” (Goffman, 2012, p. 33)

O recorte é, como dito, arbitrário, mas não inexplicável: é a fatia do acontecimento que chama a atenção da pessoa que a percebe. Uma vez mais, vê-se outro pilar das diversas realidades - como um acontecimento é repleto de faixas concomitantes e cada indivíduo se

atenta àquela que apela a ele, faz sentido, portanto, que suas percepções sobre “o que está acontecendo” nem sempre sejam encontradas.

Na atividade social cotidiana, a rotinização de convenções aparentemente secundárias na verdade organiza o mundo, restringindo fontes potenciais de tensão. Os atores são capazes de prestar contas, em seus próprios termos e através de ações coerentemente justificáveis, de seus motivos para a ação, da ideologia, se quisermos, a partir da qual constroem sentidos. [...] Os caminhos cognitivos para a construção dessas explicações podem ser mais ou menos sofisticados: podem incluir processos de seleção, dedução, inferência, interpretação e análise, e também imagens emblemáticas, anedotas e parábolas, generalizações moralistas, enfim, marcos e sinais que forneçam chaves de leitura para o mundo social e político. [...] Sua organização depende do rendimento cognitivo que têm para cada cidadão, o que inclui valorização de determinadas fontes e quadros de referências, capazes de minimizar o custo envolvido na elaboração de explicações aceitáveis e reproduzíveis discursivamente (ALDÉ, 2004, p. 43-44).

Como as atividades que se desenrolam, em geral, compõem quadros complexos com diversas faixas acontecendo ao mesmo tempo para formar a situação, alguns acontecimentos concorrentes podem ganhar mais relevância do que outros. “Uma característica marcante de qualquer faixa de atividade é a capacidade de seus participantes de ‘desatenderem’ a acontecimentos concorrentes, tanto de fato quanto na aparência, usando aqui ‘desatender’ para referir-nos ‘a retração total da atenção e da consciência’ (Goffman, 2012, p. 255).

Retomando a posse de Bolsonaro, nos dois primeiros vídeos a esse respeito, de Sabrina e de Nando, nota-se um exemplo perfeito disso: Sabrina notou os jornalistas sendo excluídos e as pessoas no Twitter criticando-os por se sujeitarem aos maus tratos na cobertura da posse, ao passo que Nando se atentou à faixa da comemoração e da alegria de ter no novo presidente uma representação de direita.

Assim, para além da cultura do grupo com o qual cada indivíduo partilha algumas noções, os enquadramentos são ainda um processo em que cada sujeito vai selecionar algo que, de acordo com seu repertório pessoal, faça mais sentido e, ao mesmo tempo, tenderá a ignorar ou dar menos atenção ao que escapa à sua total compreensão ou até mesmo à sua expectativa a respeito do que presencia.

Dentre os pesquisadores contemporâneos que falam do uso das noções de enquadramentos para análise de conteúdo em mídias, Scheufele (2004) é um dos destaques. Ele explica melhor esse processo de noções partilhadas e recortes dos grupos nesse ambiente em que as pessoas estão em lados opostos de telas, como ocorre com o objeto YouTube. De acordo com ele,

primeiro, enquadrar quer dizer dar mais atenção a certos objetos e relações. [...] Segundo, ao enquadrar, também se aplicam certos padrões a um objeto. [...] Levando isso em consideração, um quadro cognitivo pode ser definido como um agrupamento consistente de schemata (esquemas de conhecimento), que emerge no discurso, nas trocas com outros discursos, e influencia no processamento de informação (SCHEUFELE, 2004, p. 405).

Trazendo tal exemplo para o material deste trabalho, quando se trata de analisar vídeos de YouTube que trazem falas sobre política, esta noção não muda - apenas se torna mais multifacetada do que uma disputa de narrativa entre duas torcidas. E é nas falas dos *youtubers* que é possível perceber como essas conversas geram diferenças significativas na construção do que se chama de realidade.

A comunicação é a actividade básica pela qual os sujeitos comunicativos constroem conjuntamente as situações, de tal forma que uma boa parte da actividade comunicacional consiste em produzir a inteligibilidade e a naturalidade das nossas intervenções conjuntas (SILVEIRINHA, 2005, p. 02).

Como já mencionado, há aqui uma “preocupação em compreender o modo como discursos estabelecem molduras de sentido, enquadrando o mundo a partir de perspectivas específicas” (Mendonça e Simões, 2011, p. 193). Essas perspectivas específicas, de acordo com Entman (1993, p.52) levam cada possibilidade de quadro a definir um problema, seleccionando um agente causal com custos e benefícios “geralmente medidos em termos de valores culturais comuns” - de novo, a noção de cultura e de valores em comum.

Além da definição de problema, ainda de acordo com Entman, os quadros ainda identificam as forças que os criam, fazem julgamento moral, avaliam efeitos e sugerem soluções. “Visto que os *frames* podem definir problemas, diagnosticar causas, fazer julgamentos morais e sugerir soluções, fica evidente sua dimensão política” (Mendonça e Simões, 2011, p. 193). E, como num ciclo, quando se fala de política, é preciso olhar novamente para a sociedade.

As estruturas sociais são aquelas pelas quais os indivíduos sentem ter controlo através da sua vontade, dos seus objectivos ou esforços, e são elas que ajudam a localizar, perceber, identificar e rotular as acções e acontecimentos resultados da acção humana intencional. [...] É o enquadramento que dá as premissas ou instruções necessárias para deciframos a situação, sendo certo que podem variar e transformar-se em realidades múltiplas, pois a realidade é constituída por camadas ou bases (*layers*) em que nos podemos mover (SILVEIRINHA, 2005, p. 3).

Scheufele (2004) falava de mídias jornalísticas tradicionais quando abordou os efeitos dos enquadramentos em comunicações para grandes públicos, e concluiu que eles podem ativar novos esquemas de conhecimento, modificar os existentes e até mesmo levar à alteração de comportamentos. Considerando Manovich (2008), que contribui para teorias de novas mídias, a cultura que surge das interfaces computadorizadas por meio de imagens pode ser pensada como um novo tipo de mediação. Gomes (2006), com um olhar sobre ciências da comunicação, segue na mesma linha, alertando sobre a necessidade de atualizarmos os conceitos de mídia e revermos a forma como as pessoas se relacionam com esses ambientes.

Assim, a paralelização YouTube e mídia, bem como os empréstimos de alguns conceitos sobre enquadramento em jornalismo, parecem apropriados.

Dessa forma, a operacionalização do conceito nesta análise será feita notando em quais momentos os youtubers se repetem em seus próprios vídeos, evidenciando seus quadros de referência e, ao mesmo tempo, contrastando-os, onde convergem e em que divergem, para notar tanto enquadramentos compartilhados quanto a formação das tais realidades múltiplas – considerando o YouTube aqui como “espaço mediador de todas as relações sociais” (Montaño, 2015, p. 263).

### 1.3. A operacionalização do conceito na comunicação

Uma vez que o conceito começa a ficar aqui mais claro, faz-se importante entender sua aplicação delimitada para esta pesquisa. Aqui, entende-se que, como o material observado para a análise é composto por

produtos simbólicos, não estamos buscando as cenas primárias que serviram de base para os enquadramentos construídos na apresentação e a interpretação dele, mas precisamente as formas como eles estão articulados nas narrativas sob as quais se manifestam (CARVALHO, 2011, p. 13).

Entre Goffman e os pesquisadores posteriores a ele, o ponto é contextualizar esse conceito entendendo que essas fórmulas de enquadramento precisam ser identificadas em um contexto. A temporalidade nesses 4 meses se desdobra não necessariamente em enquadramentos diferentes, mas em pequenos movimentos para a situação contextual

Montaño é uma pesquisadora que muito se deteve em entender como funciona o YouTube, e ela será evocada aqui por conta disso, ajudando a formar a tessitura entre os enquadramentos e a plataforma na qual serão analisados. Os produtos mencionados por Carvalho são, segundo a autora, “modos de construir imagens coletivas que conectam usuários, mas também objetos de toda a história das imagens” (Montaño, 2015, p. 178), enquanto o *youtuber* ou “realizador audiovisual da *web* é, mais do que nunca, um produtor de sentidos, um montador, um realizador” e “a lente da câmera se transforma em retina capaz de tocar realidades e apreendê-las na sua superfície” (ibid.).

Para a aplicação dos conceitos sobre enquadramento, a operacionalização será feita de forma a abarcar o que os teóricos citados trazem, em especial, a visão de Entman (1993) que também foi descrita por Mendonça e Simões (2012): entendendo que enquadramentos são seleções de aspectos da realidade e que, nessa seleção, alguns pontos ganham mais notoriedade

para, a partir deles, ser possível definir um problema e sua causa, avaliá-lo e encontrar uma solução para ele. Essa esquematização será usada na análise.

Até por conta das críticas supracitadas ao conceito, vale retomar um crítico e ressaltar que nem toda fala terá as quatro etapas, como explica o próprio Entman: “Uma única frase pode desempenhar mais de uma dessas quatro funções de enquadramento, apesar de muitas frases num texto não desempenharem nenhum deles. E um quadro de qualquer texto pode não incluir as quatro funções” (1993, p. 52).

Desta maneira, serão destacadas as falas que se repetem, como quadros persistentes daquele *youtuber* e, neles, serão destrinchadas as fases como descritas por Entman, levando em consideração que há singularidades no acionamento desses quadros: observar-se-á como cada *youtuber* aciona seus recursos políticos, recursos performativos e recursos semânticos para produzir performances sociais e individuais, de maneira a expor seus enquadramentos, compartilhados com suas audiências. Tais quadros convocam argumentos e posturas que se aproximam e se repelem. A importância dessas falas se dá tanto pela proeminência dos *youtubers* de fato, quanto pelos seus destaques dentro dos contextos dos vídeos - afinal, enquadramentos também preveem essa saliência.

Uma vez que essa pesquisa gira em torno de canais de YouTube que, ainda que debatendo notícias políticas, não são veículos comerciais de mídia tradicional, outro elo entre a plataforma e o estudo de quadros pode ser encontrado em Mouilaud (2002), que teve um olhar cuidadoso para o que chamou de “dispositivos”, atribuindo um papel de destaque às formas que enquadram os discursos sobre notícias e delimitando que

um quadro opera ao mesmo tempo um corte e uma focalização. Um corte, porque separa um campo e aquilo que o envolve. Uma focalização porque, interditando a hemorragia do sentido além da moldura, intensifica as relações entre os objetos e indivíduos que estão compreendidos dentro do campo, e os reverbera para um centro (MOUILAUD, 2002, p. 61).

Quanto à proeminência dos *youtubers*, vale notar que, com tantos seguidores, eles têm a propensão de afetar opiniões. Assim, neste embasamento teórico, recorre-se ainda à professora e pesquisadora desta área, Vera França, que desenvolve projetos em torno dos processos interativos midiáticos, na relação popular/midiático, na análise de acontecimentos e celebridades – e dados os tamanhos de seus canais, os *youtubers* chegam perto desses status.

Com França, pode-se dizer que, sim, é possível entender o enviesamento de opiniões por meio de enquadramentos neste cenário, já que “os quadros de sentido (ou *frames*) identificam, organizam e dão inteligibilidade às interações vividas; eles situam uma ocorrência

vivida dentro de um dado contexto normativo, permitindo aos atores identificar a situação, adequar suas expectativas e orientar sua ação” (França, 2009, p. 14). Por conta disso,

os enquadramentos (o acionamento dos quadros de sentido) nos auxiliam a viver as ações do dia a dia, a interagir, mas também a lidar com fatos externos, a construir e encaixar novas ocorrências dentro de um certo padrão de inteligibilidade. A significação de um acontecimento se dá e se constrói situando-o dentro de um quadro de referências e de valores já estabelecidos, ligando-o a certas questões e sentidos, organizando-o conforme certos princípios (FRANÇA, 2009, p. 68).

Quando um fã ou seguidor de algum dos canais de YouTube estudados aqui assiste a um vídeo, as informações que encontra nele ajudam nessa significação, porque o *youtuber* compartilha com essa pessoa alguns princípios organizadores.

Parafraseando Carvalho (2011), que fala dos efeitos dos quadros no jornalismo, quem consome informação de cunho jornalístico (debatendo acontecimentos da vida cotidiana), possivelmente tem inclinação a acreditar nos relatos e, assim como o autor descreve quando fala dos jornalistas, os *youtubers* também se dirigem a um público que compartilha das mesmas negociações acerca dos enquadramentos. Muitos se identificam com a forma de enquadramento por conta de partirem do mesmo ponto de vista, aqui, o posicionamento ou *footing*. Embora já tenham sido apresentados os principais posicionamentos dos *youtubers* na introdução deste trabalho, a análise se deterá em apontar em quais momentos de suas falas e com quais formas de enquadramentos é possível notar e evidenciar essas posições.

Para tanto, juntamente com os quatro pontos de Entman (1993) – definição de problema, apontamento de causa, julgamento moral ou avaliação, sugestão de solução –, na análise dos enquadramentos percebidos na narrativa, ainda serão destacados os posicionamentos por meio de repetições das falas – isso, em uma análise entre os vídeos de um mesmo *youtuber*.

Já as realidades paralelas ou múltiplas construídas a que se refere Silveirinha (2005) serão notadas por contraste entre os enquadramentos diversos que os *youtubers* demonstram para a mesma situação, levando-se em consideração, ainda, *strips* ou faixas do quadro primário a que cada um deles dá mais ênfase em seu recorte.

Ademais, para tensionar essas percepções, será levado em consideração o tipo de enquadramento, como definido por Porto (2002, p.15), por conta de sua relevância no que diz respeito à aplicação de enquadramentos na mídia no campo da política: se são enquadramentos noticiosos, “padrões de apresentação, seleção e ênfase” que dão o “ângulo da notícia” e nos quais “o ponto de vista adotado pelo texto noticioso que destaca certos elementos de uma realidade em detrimento de outros”, ou se são “enquadramentos interpretativos”, por meio dos quais “padrões de interpretação promovem uma avaliação particular de temas e/ou eventos

políticos, incluindo definições de problemas, avaliações sobre causas e responsabilidades, recomendações de tratamento”.

Nos enquadramentos noticiosos, é possível notar com mais veemência quais foram as escolhas de recorte, qual é “a ênfase seletiva em determinados aspectos de uma realidade percebida” (ibid, p. 15). Já os enquadramentos interpretativos são justamente aqueles que permitem uma aplicação mais completa da divisão que Entman (1993) propõe sobre as funções do quadro. O enquadramento atua aqui como a ideia principal organizadora dessa opinião.

Nesse contexto, pela difusão massiva (afinal, os vídeos elencados alcançam centenas de milhares de visualizações e angariam milhões de seguidores), os enquadramentos podem se tornar “princípios epistemológicos”, como aponta Carvalho (2011), uma vez que

os quadros de referência, primários ou não, mas especialmente os primeiros, estão sujeitos a variações não somente em função dos olhares diferentes, mas também das negociações que cada interação aciona. Desse modo os enquadramentos variam de situação a situação, assim como ao longo de períodos históricos, derivando daí as possibilidades de que eles venham a fazer diferença para o mundo maior (p. 10).

Isso reforça e reembase a noção de que enquadramentos, dessa forma, podem afetar a percepção da realidade – a tal resposta a “o que está acontecendo aqui?” –, já que sua circulação ampla pode levar o público a reenquadrar os acontecimentos (Moulliaud, 1997). Goffman (2012) explica que quem fala costuma apresentar a quem ouve sua versão do que aconteceu e que

o indivíduo gasta a maior parte de seus momentos de fala em fornecer evidência da justiça ou injustiça de sua situação atual e outros motivos para simpatia, aprovação, absolvição, compreensão ou divertimento. E o que seus ouvintes estão primariamente obrigados a fazer é mostrar algum tipo de apreço típico de uma plateia (p. 609).

Embora Porto e Entman apontem melhorias na elocubração de Goffman, é possível usar todas as conceituações, para tensioná-las e, ainda, complementar a análise, que é o que se pretende aqui: aliar Goffman aos pós-goffmanianos e observar os efeitos dos quadros nas narrativas dos *youtubers* enquanto conversam com seus públicos.

Quando essa “conversa” acontece no YouTube, quem consome o conteúdo – o ouvinte – tem uma ligação com quem fala similar àquela explicada por Goffman, e que Porto já vislumbra quando traz os quadros para estudos de mídia. O que muda é o tamanho da plateia que escuta. Com Montaño (2015, p. 171), é possível entender que o consumo de vídeos pelo usuário-ouvinte na plataforma participa da “construção da notícia e do acontecimento que, de alguma forma, são pautados por um conjunto de atores (mídias, jornalismo, redes sociais)”, e é assim que, mesmo numa conversa assíncrona e não presencial, usuário e *youtubers* partilham o

enquadramento da experiência de forma ainda mais próxima do que as pessoas costumam ter com as narrativas da mídia jornalística tradicional.

A mobilização de saberes e de imagens, a interconexão deles com o acontecimento que o pauta é uma rede infinita na qual o que une uma coisa à outra é a figura do usuário, sua memória e a memória ou arquivo audiovisual a que ele tem acesso que, muitas vezes, são as plataformas de compartilhamento [...]. A razoabilidade que une esses sentidos tende a ser cada vez mais tênue, se a compararmos, por exemplo, com a busca da razoabilidade de todos os elementos na maneira tradicional de construir ou repercutir uma notícia no jornalismo e nas mídias tradicionais. Forma-se um ambiente que conecta os fatos (MONTAÑO, 2015, p. 173).

Para Montaña (2015), é como se os acontecimentos, dessa forma, fossem “emoldurados” – e é possível paralelizar essa moldura justamente com a ideia de enquadramento, posto que uma moldura atuaria como o quadro de referência para responder à eterna pergunta sobre “o que está acontecendo aqui”.

O pesquisador Jowon Park se fez uma pergunta similar contrastando a cobertura da televisão dos Estados Unidos de Coreia e de Japão. O que intrigou Park tinha relação com a questão no cerne dessa pesquisa: como a realidade muda tanto, e qual o papel dos quadros nessa situação. Para ele,

as pessoas apenas enxergam o mundo através de uma moldura de uma janela. Se a moldura da janela é muito pequena, as pessoas enxergam uma pequena parte do mundo. Se a janela na parede é voltada para o oeste, as pessoas apenas enxergam o oeste. Em outras palavras, a mídia pode mostrar apenas uma pequena parte do mundo a partir de um particular ponto de vista (PARK, 2003, p. 145).

O quadro do *youtuber* é a janela do usuário que o acompanha. A forma como cada *youtuber* explica o que está acontecendo, por meio de seus enquadramentos, apoia a formação das diversas realidades, já que as narrativas na plataforma e suas formas de distribuição levam “a repensar sobre o modo como todo e qualquer acontecimento, inclusive do chamado ‘real’, é criado e quanto há nele de ficção, imaginação e de maior ou menor liberdade associativa” (Montaña, 2015, p. 177).

Na análise que se segue, para entender melhor, em vez de pensar em ficção ou imaginação, são os enquadramentos, posicionamentos, faixas de destaque e saliência que ganham o centro da discussão, levando em conta que

quadros não são sinônimos de ângulos estratégicos, mas uma maneira de entender as molduras partilhadas de sentido que envolvem os discursos ao mesmo tempo em que são atualizadas e (eventualmente) modificadas por eles (MENDONÇA, SIMÕES, 2011, p. 195).

Os enquadramentos e as formas como eles alteram a forma de cada *youtuber* narrar um acontecimento – por vezes, gerando narrativas completamente diferentes, dada a distância que existe entre os quadros pelos quais observam tal fato – se mostraram o instrumento ideal para

esta pesquisa, já que ajudam a jogar luz sobre o motivo de a pergunta “o que está acontecendo aqui?” variar tanto em sua resposta.

Se parte-se da premissa de que, no caso dos *youtubers*, não há mentiras, tramas ou tentativas de manipulação, apenas formas diferentes de se observar um mesmo momento a partir de pontos de vista diversos e tendo um recorte ou quadro que saliente trechos não congruentes do que está se desenrolando, nota-se que buscar compreensão para as narrativas desconstruídas pelas lentes do enquadramento, desde Goffman até os pós-goffmanianos, pode ser um caminho interessante para a pesquisa – e é exatamente a trajetória percorrida aqui.

A seguir, estes conceitos serão aplicados para uma análise a respeito dos quadros que os *youtubers* compartilham nos vídeos selecionados para esta pesquisa.

## **CAPÍTULO 2 – ENQUADRAMENTOS CONVERGENTES: A CONSTRUÇÃO DE UMA REALIDADE COMPARTILHADA PELOS *YOUTUBERS* DE ESQUERDA**

Neste capítulo, aprofundam-se as visões e quadros compartilhados entre os *youtubers*, dialogando com o embasamento teórico do primeiro capítulo desta pesquisa.

Ainda se detalha como se constrói a visão de mundo compartilhada por enquadramentos em comum dos três expoentes de esquerda, Ana Roxo, Cauê Moura e Sabrina Fernandes, entendendo onde se encontram as interseções e os pontos em comum de suas construções dos acontecimentos.

### **2.1. Enquadramentos gerais percebidos nos quatro *youtubers***

O YouTube é uma plataforma poderosa. Montañó (2015) descreve como uma “comunidade global” com “grande poder mobilizador”. É por conta disso que é possível assumir que os *youtubers* de certa influência, em razão do tamanho de suas audiências, dialogam de forma próxima com quem os acompanha e, desse modo, compartilham visões de mundo com estas pessoas, como o fariam em uma comunidade *offline*. Essas visões são compostas por quadros ou enquadramentos.

As interpretações e a própria estrutura dos quadros são vistas como produtos de interações sociais, sendo que a admissão desse enfoque não implica aceitar que todos os atores se situem em condição de igualdade nesse processo. É preciso ter sempre em mente o pano de fundo sociocultural mais amplo que envolve a mobilização dos enquadramentos e as lutas políticas em torno dos quadros (MENDONÇA, SIMÕES, 2011, p. 197).

Posto que os vídeos debatem política, essas interações sociais já partem enquadradas de determinada orientação nesse campo, um viés mais à direita ou mais à esquerda a partir do qual se observam os fatos e se recortam os principais pontos. Sabendo que as pessoas que assistem a vídeos no YouTube buscam aquilo que gostam de ver dentro da plataforma, é natural que encontrem canais com que se identificam, liderados por pessoas que admiram. Isso as torna ainda mais suscetíveis ao que cada *youtuber* tem a dizer, porque compartilham naturalmente tanto afetos quanto muitos de seus quadros de referência.

Como essas respostas afetivas são invariavelmente mediadas, elas exigem e desempenham o papel de certos enquadramentos interpretativos; podem também colocar em questão o caráter aceito como verdadeiro desses enquadramentos e, nesse sentido, fornecer as condições afetivas para a crítica social (BUTLER, 2020, p. 59).

Dentre os *youtubers* escolhidos para esta pesquisa, em termos políticos, três são de vertente de esquerda: Ana Roxo, Cauê Moura e Sabrina Fernandes; enquanto Nando Moura é de direita. Todos são abertos em relação a seus posicionamentos políticos.

Sobre os *youtubers*, Cauê Moura é o maior deles em termos de assinantes do canal. Embora de esquerda, tem um foco maior em criticar o governo de Jair Bolsonaro e o que dele advém, do que ser um esquerdista engajado – ou seja, que discute as pautas de esquerda *per se*. Suas críticas costumam girar em torno de notícias atuais e, em geral, amplamente divulgadas. Em sua fala, há pouco aprofundamento no que tange a embasar teoricamente suas opiniões ou citar as fontes de onde retira suas notícias.

O relacionamento de Cauê Moura com sua audiência é informal e bem próximo ao público que o acompanha. Nota-se isso em algumas ações, como o encerramento – em quase todos os vídeos analisados, ele termina com o bordão: “Muito obrigado pela sua audiência, pela sua paciência, por ser esta pessoa maravilhosa, e tchau”. É nesses gestos que se faz notar o relacionamento próximo do *youtuber* com quem acompanha seus vídeos. Ele compartilha rituais com sua audiência, e “os rituais adquirem sentido estratégico cotidiano, situando-se nas conversações diárias e ordinárias, permitindo-nos estabelecer normas de conjunção e vida pública, como também a criação e a preservação de reputações” (Carvalho, 2011, p. 1).

Entre sua voz alta (ele praticamente grita em boa parte de seus vídeos), seus bordões, seu vocabulário simplificado e seu cenário cheio de referências pop, jovens, típicas do mundo digital, Cauê compõe aqui um quadro de *youtuber* empolgado, próximo e, ao mesmo tempo, profissional. Não passa despercebido que ele tem todo um cuidado com a composição do que se vê em tela, e é quase uma antítese, com um envelopamento pensado para ser casual e até mesmo despreocupado.

Sua linguagem segue sempre nesse padrão informal, tangível para praticamente todos. A maioria dos vídeos dele analisados nesta pesquisa pertence a uma série que ele denomina “Giro de Quinta”, na qual comenta as principais notícias atuais do mundo todo. Depois de comentar sobre o Brasil, Cauê fala de notícias de outros países – e costuma se referir ao exterior como “a gringa” ou “aconteceu lá na gringa”, gírias que apoiam a informalidade de suas falas.

Ele continua nessa linha, usando muita gíria para comentar as notícias que eleger para cada vídeo da série “Giro de Quinta” em seu canal. Para falar da casa de Fabrício de Queiroz, acusado de corrupção como ex-assessor de Flávio Bolsonaro, motorista e com um suposto bico vendendo carros, por exemplo, ele mostra a foto do local e diz que ele “mora nessa goma aí”.

Isso acontece em seu primeiro vídeo do ano de 2019. Nele, Cauê abre falando de Bubassauro (alguém que não aparece nem volta a ser mencionado), comenta sobre o cenário diferente, diz que pode explicar o que está acontecendo e, depois, desconversa e fala que não explicará naquela hora. Outro quadro de relação próxima: quem o acompanha claramente sabe que o cenário mudou e sentiu falta do tal Bubassauro (que ele também não explica quem é, dando a entender que não há necessidade).

Ao falar de política, suas críticas são ácidas e irônicas. Além de mostrar a casa de Queiroz nesse vídeo, Cauê comenta sobre o caso do ex-assessor e motorista com bastante ironia, pontuando que, embora seja de Taquara, no Rio de Janeiro, e more numa casa humilde, ele movimentou R\$1,2 milhão (que Cauê conta como “mais de uma milha” e ironiza que “ele vendia uns carros, né? Tá explicado”) em sua conta bancária e estava “internado no Einstein”, um dos hospitais mais caros da cidade de São Paulo. Ele não cita suas fontes, embora a notícia tenha sido divulgada em diversos jornais.

No segundo vídeo de Cauê incluso nesta pesquisa, lançado em 24 de janeiro de 2019, outro reforço do lado irônico e pouco embasado do *youtuber*: ele começa dizendo que “não pode mais homenagear miliciano que vira miliciano”, em alusão à notícia de que Flávio Bolsonaro foi responsável por proposta de moção honrosa ao major Ronald Paulo Alves Pereira, preso por participar de ações de milícia.

Esse humor crítico é a forma de enquadrar de Cauê: “Enquadrar, portanto, não é somente a estratégia de lançar mão de estruturas cognitivas, mas é também utilizar-se da interpretação como primeiro passo para ações sobre a realidade interpretada” (Carvalho, 2011, p. 6).

Observando o conjunto de vídeos de Cauê trazidos para este estudo, nota-se que a família Bolsonaro é um tema constante, sempre abordado com viés crítico e jocoso – é a visão de Cauê que transparece junto com os fatos. Abusando de gírias em suas falas, Cauê ainda se coloca de forma próxima, em uma relação informal com quem o acompanha – “mano” é um vocativo muito comum em suas falas.

Na mesma linha de Cauê, mas com viés direitista, Nando Moura também mira em vídeos mais curtos, uma forma de falar que sinaliza a existência de relações próximas com quem acompanha seus vídeos, além de manter análises mais superficiais. Ele cita fontes de forma bem seletiva: cita a Globo para criticar e aponta livros que vende em sua livraria online que se alinham com sua ideologia política. Nando raramente faz críticas à direita e, quando as faz, nunca de forma tão contundente. Em diversos momentos, Nando chama quem o assiste de “seus

bandidos ilícitos”, numa espécie de brincadeira conhecida entre ele e a audiência, conotando intimidade, como acontece nos vídeos de Cauê também.

Com palavras como “esbagaçado” e “periclitante”, Nando deixa mostrar seu regionalismo, e aponta o reforço à informalidade, junto com uma falta de preocupação com cenários. Em seu primeiro vídeo de 2019, Nando já estabelece seus laços com o novo governo do país, uma vez que foi convidado para a posse presidencial de Bolsonaro. Num crescer, esse vídeo conta como, depois da posse, ele ainda foi convidado para mais dois eventos relacionados ao momento, e diretamente pela família Bolsonaro. Ele conta como foi a cara viagem de última hora à Brasília e até faz propaganda de “fones capitalistas” para pagar sua passagem, numa clara alfinetada aos esquerdistas. Há também provocações mais claras, como quando ele diz que “uma das coisas impressionantes do Bolsonaro é que você não vai ver ninguém da equipe de trabalho dele falando dele. Sempre falam dele com muita admiração. Cara humilde, simples, cumprimenta todo mundo, diferente do que acontecia com Dilma, com Lula, os caras não olhavam nem na cara” (Nando Moura, no vídeo “Conversa Fiada”, de 02 de janeiro de 2019).

Aqui, já fica claro que ele e Cauê apreendem a realidade de formas diversas. Carvalho explica que

a perspectiva dos enquadramentos como estratégias para a interpretação da realidade, mas também para negociá-la, é de vital importância. Trata-se, assim, de realçar que a realidade não é estática, mas também que seu dinamismo só existe porque há sujeitos em interação e permanente disputa pelo estabelecimento dos seus sentidos (2011, p. 8).

Em vídeos seguintes, Nando sempre se refere à esquerda com muito desprezo e com menos humor do que se nota com Cauê Moura. Em seu vídeo de 22 de janeiro de 2019, por exemplo, ele diz que os 7 anos de PT à frente do governo federal foram uma “calamidade econômica”, “roubalheira” que deixou o país “à beira do precipício”. Assim como Cauê, ele não cita fontes.

Na fala de Nando, nota-se um enquadramento agressivo e especialmente impaciente quando o assunto são críticas ao governo Bolsonaro: ele também eleva o volume, vocifera, constrói um personagem que chega ao agressivo, efetivamente ameaçando bater em algumas pessoas por vezes. Uma demonstração disso é sua defesa de Flávio Bolsonaro de acusações de corrupção: “Ele pôs (o dinheiro) na própria conta. Ele é burro e estúpido nesse ponto? Ele não saberia que deveria justificar a origem? É complicado julgar antes de qualquer coisa. Aparecem 96 mil na sua conta, o banco não vai avisar a receita? Na entrevista dele na Rede TV e na Record, ele pareceu muito indignado” (Nando Moura, no vídeo “Seria o Flávio Bolsonaro INOCENTE ???”, de 22 de janeiro de 2019).

A agressividade costumeira deste *youtuber* continua e aumenta alguns tons quando se dirige à oposição política, como se vê nessa defesa que ele faz de Flávio Bolsonaro:

Canalhas eleitores de Haddad no segundo turno, vocês querem o quê? Que enfiem uma faca na barriga do cara? Vá pra P.Q.P., brother. Se um eleitor do PT tivesse a postura que nós, eleitores do Bolsonaro, temos desde o começo, não teria tido 16 anos de tanta roubalheira, canalhice, putaria nesse país, porque todo mundo sabia que o filho do Lula apanhava bosta no zoológico e aparece de repente como bilionário, e os caras ficaram quietos (Nando Moura, no vídeo “Seria o Flávio Bolsonaro INOCENTE ???”, de 22 de janeiro de 2019).

Ele também ataca a mídia jornalística, outra constante em seus vídeos - especialmente contra a Globo, chamada constantemente de “Globolixo” no canal. Aliás, seu vídeo de 30 de março de 2019 tem #Globolixo no título. Vale notar que a emissora aparece criticada para além desse vídeo.

Essa postura de ataque é um passo além que ele dá ao ofender inclusive pessoas comuns, parte da audiência do YouTube, que discordam dele. No quarto vídeo da análise, por exemplo, ele nomeia uma espectadora e a chama de “nojenta, canalha” e “verme, pequena protozoária”, porque, segundo ele, essa pessoa “morre de medo das verdades que ele fala no canal”. Numa ameaça aberta, ainda comenta que as pessoas, quando o veem na rua, “fica tudo pianinho. Não é anão, me enganei, o braço dele é do tamanho da minha cabeça.” E emenda com “Tô louco para ver o garoto espertinho numa audiência”, falando do *vlogger* e influenciador digital Felipe Neto, com quem antagoniza em diversos momentos. Nesse ponto, Nando destoa de todos os outros *youtubers* desta pesquisa, uma vez que as ameaças físicas e insinuações de brigas corporais são presentes apenas em suas falas.

As ameaças não se dirigem apenas a anônimos. O *youtuber* Felipe Neto é muito citado em constantes ameaças que Nando faz a ele em seus vídeos. A palavra “raiva” aparece bastante e reforça a maior agressividade de Nando em comparação aos outros. Diferente dos outros *youtubers*, ele cita a busca da verdade frequentemente - o que não significa que os outros não tenham a pretensão de dizer a verdade, apenas que essa preocupação é mais veemente em Nando.

Entman esclarece essa dissonância:

O quadro determina se a maioria das pessoas vai notar e como vai entender um problema, bem como a forma que o avaliam e escolhem agir a respeito. A noção de enquadramento, portanto, dá a entender que o quadro tem efeito sobre boa parte do público, apesar de provavelmente não ter um efeito universal (1993, p. 54).

Essa aspereza é reservada apenas a seus desafetos e antagonistas políticos, constantemente adjetivados como “canalhas”, já que os seguidores que compartilham de suas opiniões são sempre bem tratados, e eles conversam dividindo opiniões similares, favoráveis

ao governo federal. A relação de proximidade se reforça no encerramento dos vídeos, com mais palavras que são de “uso exclusivo” do grupo de Nando: ele pede que ativem “o xininho e o gostinha”, ou seja, que curtam o vídeo e ativem as notificações para não perder nenhum conteúdo.

No conjunto dos vídeos de Nando, também se nota uma predominância por pautas ao redor de Jair Bolsonaro, e muitos endereçamentos à esquerda do país, geralmente, de forma ameaçadora ou pejorativa. De forma geral, ele fala muito a palavra “raiva”, sempre para se expressar a respeito daqueles que considera contrapontos, e os contextos costumam ser agressivos e até mesmo ameaçadores. Seu cenário é menos pretensioso – na realidade, ele grava praticamente sem cenário, o que o faz ainda mais próximo do que os três demais. Ainda assim, por serem vídeos pensados e roteirizados, numa análise mais profunda, fica claro que essa falta de cenário e esse aparente desapego com a consistência visual, uma vez que cada vídeo tem produção independentemente disso, compõem a face que Nando quer mostrar de proximidade com quem o acompanha.

Se Nando e Cauê falam de forma próxima a quem os acompanha, Ana Roxo, junto com Tati Fadel, em *O mundo segundo Ana Roxo*, parece ser realmente próxima. Seu canal é o que o YouTube chama de desmonetizado, ou seja, não pode receber propagandas por definição das donas do canal e, dessa forma, não gera nenhum tipo de renda para a dupla. São os apoiadores do canal, por meio de doação de fundos em plataformas digitais, que mantêm *O mundo segundo Ana Roxo* no ar.

Em seu primeiro vídeo do ano, a dupla mostra estar um momento doloroso por ter que lidar com o novo presidente eleito. Ana nomeia que aquilo é difícil para elas a ponto de não quererem falar sobre isso, tanto que a estreia de vídeos de 2019 é a “Indicações de canais e podcasts”, publicação na qual elas listam canais de YouTube e podcasts que indicam, ou por serem de esquerda, ou por terem temas que elas gostam.

O foco esquerdista é notável, ainda que Ana e sua dupla Tati acabem tratando dos assuntos de forma um pouco diferente de Cauê. A forma com que elas interagem com os acontecimentos é o principal diferencial. Elas dialogam com outros *youtubers*, chegam a citar a própria Sabrina – que está à frente do quarto canal analisado aqui – e ainda pedem interação direta de quem as assiste em grupos mais próximos de mensageiros instantâneos. “O olhar focado na situação interativa e a atenção a diferentes planos da interação permitem perceber o modo como diversos atores sociais mobilizam enquadramentos e se posicionam diante deles” (Mendonça e Simões, 2011, p. 195).

Em seus vídeos, nota-se uma pauta que, nos dois canais anteriores, não aparece: a educação. Aliás, mais do que uma pauta, educação aparece no cenário dos vídeos: o fundo do cenário é uma estante de livros que parece muito usada e traz objetos e frases pessoais. A estante é gasta, parece não ser nova, e compõe um quadro que pode apontar para um ambiente estilo universidade pública, outra pauta constante do canal. Tudo dá um ar muito pessoal. Inclusive, na crítica à postura do governo federal em relação à educação em geral e às universidades públicas em particular, Ana e Tati usam exemplos pessoais e metáforas para contextualizar:

Éramos duas nerds, que gostavam de ler e estudar - isso não tinha valor aos 12, 13, 14. Passou a ter valor depois - a sensação de ter encontrado sua turma veio depois, passou a fazer sentido. Mas essa administração da 5ª B, de que as pessoas meia boca, medíocres, os fracassados pela falta de vontade de estar no mundo sem consciência de que estudar é privilégio, traz essa sensação de volta [...] Parece que essa raiva dos nerds e ressentimento da intelectualidade se volta em forma de política (Ana Roxo, no vídeo “Governados pela 5ªB Ressentida”, de 14 de maio de 2019).

Essas falas enquadram a educação como algo importante, e o governo federal daquele momento como sendo composto por pessoas intelectualmente inferiores. Olavo Carvalho, referenciado por muitos como filósofo do governo, segundo este vídeo, “sempre foi desdenhado pela academia” (Roxo, 2019). Esse grupo no governo é comparado aos “moleques que violentavam a gente emocionalmente, que faziam chacota com os professores” (Ibid.). E elas enquadram essa postura e os acontecimentos dela decorrentes como calculados e propositais, uma vez que dizem que

na questão da educação, corta-se verba das universidades, estrangulando a possibilidade de elas produzirem e serem lugares legais, e o MEC aprova em tempo recorde o credenciamento de mais de 150 universidades privadas. A irmã do Paulo Guedes é a diretora-chefe da associação das universidades privadas - tem que ser besta pra não ver, não é teoria da conspiração estilo Olavo de Carvalho. A pessoa precisa ser cega pra não perceber (Ana Roxo, no vídeo “Governados pela 5ªB Ressentida”, de 14 de maio de 2019).

Mais uma vez reforçando a importância da educação e, ao mesmo tempo, enquadrando os participantes do governo federal e aliados de Bolsonaro em geral como menos capazes intelectualmente, Roxo complementa que “Transforma-se o mundo através do pensamento, só que agora prioriza-se o pessoal que se informa por WhatsApp no fundão da sala” (Ana Roxo, no vídeo “Governados pela 5ªB Ressentida”, de 14 de maio de 2019).

Há ainda neste canal, como nos outros, uma grande predominância do assunto Bolsonaro, porém, com Ana e Tati, já se nota um político muito citado também na esquerda: Lula é frequente pauta positiva no canal. Para falar da direita e dos políticos no poder, Ana usa termos como “bandido” e outras palavras pejorativas, em um movimento claro de desprezo e desrespeito (outros exemplos são “desastre”, “tosco” e “ruim”). Entretanto, em vez de insistir

na palavra “verdade”, o que Ana e Tati fazem muito é falar sobre o que é “mentira” – que o que julgam ser o outro lado conta.

Com pautas similares, porém tratando todas de forma mais aprofundada e, conseqüentemente, por vezes, com linguagem menos popular, o quarto e último canal com vídeos analisados por esta pesquisa é o *Tese Onze*, de Sabrina Fernandes, no qual ela narra a posse com uma visão de fora. Ela não foi acompanhar em Brasília, nem estava contente com o momento. Declaradamente de esquerda, o que fica explícito até mesmo pelo nome do canal (por fazer alusão às “Teses sobre Feuerbach”, de Marx), Sabrina é socióloga, professora, militante e define seu canal como um contraponto ao senso comum com informação e formação política com forte viés marxista.

O primeiro vídeo a chegar ao YouTube em 2019 dentre os analisados é dela. Em 01 de janeiro de 2019, num vídeo de 27 minutos, Sabrina abre a conversa para dizer que está decepcionada com a esquerda. E isso já abre o que é um dos principais enquadres dela: ela é uma esquerdista que pretende educar quem partilha da visão de esquerda dela. Ela, assim como Nando, descreve a posse de Bolsonaro, só que o que passa por sua faixa ou *strip* no recorte do quadro é o fato de que os jornalistas que estavam lá trabalhando foram muito maltratados. Ao visitar outra plataforma, o Twitter, ela nota pessoas de esquerda, como ela, com um sentimento “revanchista” voltado à imprensa e chama a atenção sobre o comportamento tóxico. Daí, o vídeo “O mau exemplo da esquerda” – título que reforça que, embora tenha diversas críticas à direita, Sabrina não poupa a esquerda, numa intenção de fortalecer o grupo.

Neste vídeo, quase que como se desse uma deixa para que, depois, Ana Roxo dialogasse com ela, Sabrina já comenta que os apoiadores de Bolsonaro gritavam “Whatsapp!” e “Facebook!” num sinal de crítica à imprensa tradicional.

Sabrina é ativista ambientalista também, e nota-se uma ênfase maior a essas causas, como quando fala dos embates entre Bolsonaro e Ibama ou se aprofunda mais do que os demais canais no que aconteceu na cidade de Brumadinho<sup>2</sup>, em MG. A palavra, aliás, que ela usa para descrever o ocorrido na cidade é “ecocídio”.

Analisando com uma ferramenta de corpus as transcrições dos vídeos de Sabrina feitas para a pesquisa, a nuvem de termos destacados mostra o que a própria *youtuber* afirma: ela dialoga com a “esquerda” acima de tudo, porque esta é sua palavra principal, junto com “gente” e, assim como nos três casos anteriores, “Bolsonaro”. Também se nota a presença, menor, da

---

<sup>2</sup> Em 25 de janeiro de 2019, a cidade de Brumadinho teve o maior acidente de trabalho já ocorrido até então no país, com o rompimento de uma barragem.

“direita”, mostrando que Sabrina cita ambos os lados, ainda que em proporções diferentes. Uma palavra que ela geralmente usa bastante nesse diálogo com a direita, inclusive, também aparece na nuvem: “mamata”, a principal acusação das pessoas de direita contra os governos petistas anteriores a Bolsonaro. Sabrina ainda cita bastante “ética” – especialmente em seu primeiro vídeo, quando se dirige a colegas de ideal de esquerda, pedindo que pensem bem seus atos.

Em uma visão geral, nota-se o teor mais formal do discurso de Sabrina pela forma como ela elenca os personagens de suas histórias: imprensa, por exemplo, é um termo que praticamente só ela usa para fazer alusão aos jornalistas. Ela é a única a debater previdência social e direitos humanos em suas falas, com exceção de um único vídeo de Ana e Tati que fala dos direitos do ex-presidente Lula.

Em contraponto, o cenário de Sabrina parece ser o mais elaborado de todos. São quadros, mensagens, uma maior preocupação com o visual da própria *youtuber*, que sempre aparece maquiada e pronta para gravar. Sabrina, diferente dos outros, não tenta esconder que o vídeo foi pensando e que ela está consciente da gravação. Isso, junto com seu vocabulário menos acessível e pautas mais densas, podem torná-la, a princípio, menos próxima do público em geral. Ao mesmo tempo, esse esmero talvez dê à cena composta um ar de maior seriedade.

Embora não seja comum citar fontes das suas informações sobre as notícias *per se*, Sabrina dialoga à extensão com notícias, pormenorizando-as, e cita teóricos de diversas áreas para apoiar tanto a narrativa quanto a construção teórica do que está debatendo. E ela encoraja os colegas de esquerda a sempre questionarem, justamente, a quem interessa este ou aquele fato: esta é uma provocação constante em seus vídeos, convidando quem assiste a pensar e se aprofundar nos assuntos. A pauta educação também aparece, ainda que em menor escala se comparada ao canal *O mundo segundo Ana Roxo*.

## 2.2. O início de 2019 para Ana, Cauê e Sabrina

Como já foi notado, Ana, Cauê e Sabrina compartilham um ideário político de esquerda. Nesse sentido, o início de 2019 para os três é notadamente triste. Ainda que expressem de maneiras diferentes, os três vídeos que lançam para inaugurar o ano de 2019 são críticos ao novo presidente do país. Partindo de um campo político que compartilha ideais, o que se reflete em seu conteúdo em certa medida.

Antes dos acontecimentos e das ações representados dentro do enquadramento, há uma delimitação ativa, ainda que não marcada, do próprio campo, e, assim, de um conjunto de conteúdos e perspectivas que nunca são mostrados, que não é permitido mostrar (BUTLER, 2020, p. 113).

A primeira dos três a se pronunciar no YouTube em 2019 é Sabrina Fernandes, logo no primeiro de janeiro. A respeito de Jair Bolsonaro, ela começa comentando que, agora, “temos um presidente com anseios fascistas, que acabou de postar que o problema no Brasil seria a doutrinação marxista nas escolas”. Aqui, já é possível notar a crítica, ainda que comedida: Sabrina é marxista

Sobre a posse em si, Sabrina se detém no tratamento dispensado à imprensa que, como comentado, foi questionável, uma vez que os jornalistas mal tiveram acesso ao evento de fato, tendo que narrá-lo de acordo com terceiros. Ela entende que os ocorridos apontam para uma nova questão com o jornalismo vindo à tona, porque o que ela denomina como imprensa burguesa antiesquerda teria se tornado um obstáculo para Jair Bolsonaro e, portanto, acabou virando “*persona non grata*” (palavras de Sabrina) para aquele novo governo. Por conta disso, ela prevê que o Presidente se voltará apenas a veículos de sua preferência, bem como sua assessoria pessoal, deixando de lado a imprensa burguesa e a alternativa, o que seria ilustrado pelo que houve na ocasião.

Como conclusão sobre o que está por vir, Sabrina encerra o vídeo com a mensagem:

É preciso que, nesses quatro anos, a gente se paute em resistência. E resistência não é só um monte de canal no YouTube falando mal do Bolsonaro, Nando Moura [...] Resistência é pensar táticas, ter solidariedade, ocupar vias públicas quando necessário, lutar contra a criminalização dos movimentos que vem por aí, contra as coisas horríveis que esse governo tem planejado contra nossa aposentadoria e nossa liberdade de expressão, a nossa educação e tudo (Sabrina Fernandes, no vídeo “O mau exemplo da esquerda | Vlog 006”, de 01 de janeiro de 2019).

Nesse desfecho, ela fala de Bolsonaro, e também de outro *youtuber* que também é analisado aqui: Nando Moura, paralelizando os dois e, ao mesmo tempo, antagonizando com eles. Nando, como foi visto e será detalhado adiante, esteve na posse de Bolsonaro e é uma das fontes citadas pelo Presidente como confiáveis, em oposição ao jornalismo profissional.

Em 05 de janeiro de 2019, é a vez de Ana Roxo e sua dupla Tati Fadel falarem sobre o momento. Elas não passam incólumes pelo início do ano e pelo novo governo, porém, debatem isso menos. A postura da dupla é dizer que há muito a comentar, só que dizem que farão isso depois, por, segundo Ana, precisarem de “mais tempo para digerir”:

A gente resolveu fazer um vídeo de começo de ano assim. Teria muita coisa política para comentar, mas é aquela coisa, né? Não dá para ficar comentando quando acontece. A gente comenta um pouco depois sempre, a gente promete fazer um vídeo aí sobre as duas primeiras semanas, né? Quando passar um pouco. A Tati arregalou o olho aqui. Começo do ano que vem, a gente faz um vídeo sobre, mas enfim, a gente resolveu fazer um vídeo indicando podcasts, jornais e canais que a gente acompanha (Ana Roxo, no vídeo “INDICAÇÕES DE CANAIS E PODCASTS”, de 05 de janeiro de 2019).

Há indícios nessa fala de um quadro de desaprovação ao novo governo, como o comentário de que Tati arregala os olhos só de pensar em ter de comentar e o fato de o tempo necessário para a tal digestão ser longo (“começo do ano que vem”). Nesse vídeo, como visto na transcrição acima, elas indicam podcasts e canais de YouTube de esquerda para o público, bem como jornais e *newsletters* com “matérias muito confiáveis, mais profundas, de gente inteligente que instiga a gente”.

Embora não falem abertamente sobre a posse, falam sobre “golpistas”, criticam a imprensa “tradicional” e citam que Nando Moura e Olavo de Carvalho, filósofo tido como espécie de guru bolsonarista, são “gente que a gente tem que atacar”. Ademais, vale notar que Sabrina já havia falado sobre como a imprensa poderia ter dificuldades nesse momento e comentado que os apoiadores de Bolsonaro na posse gritavam por notícias de WhatsApp – o fato de a dupla indicar fontes de informação, de certa maneira, mostra um quadro compartilhado sobre a necessidade de saber onde buscar notícias e se inteirar sobre o que está acontecendo.

Cauê Moura, último a lançar o primeiro vídeo de 2019 dentre os analisados, postado no YouTube somente em 10 de janeiro, abre com um quadro chamado “Giro de Quinta”, no qual comenta notícias do momento. Uma delas, o fato de Jair Bolsonaro ser o novo presidente. O foco neste fato fica indiretamente claro pelo título do vídeo: “Nova era chegou”. Assim como Ana Roxo, Cauê não faz referências à posse em si.

Mesmo se propondo a analisar notícias, Cauê Moura tem um tom bem conversacional e informal – o que significa que ele elenca acontecimentos, intercalando com opiniões entre bem-humoradas e sarcásticas, mas sem teorizar muito a respeito. Inclusive, começa o vídeo conversando com os espectadores pelo nome, sem deixar claro se são fãs do canal ou nomes aleatórios para dar essa impressão de proximidade, com recados como “cê tá bom?” e “ajeita a postura”. Em vez de falar diretamente de Bolsonaro, neste primeiro vídeo, Cauê opta por falar do Queiroz, lembrando quem ele é (ex-motorista e ex-assessor de Flávio Bolsonaro) e que ele tinha mais de um milhão de reais em sua conta, apesar de “morar nessa goma aí” (comentário ao mostrar a foto da casa precária, incompatível com tal saldo). Embora com um posicionamento político oposto ao de Nando Moura, Cauê Moura apresenta um estilo parecido: gírias, fala próxima do público, explicações simples e tom de voz por vezes exaltado.

Cauê segue seu vídeo curto, com falas rápidas, comentando brevemente diversas notícias atuais com cunho político, incluindo algumas internacionais, e sempre deixando seu posicionamento muito claro em cada uma delas. No caso de Queiroz, por exemplo, com muito sarcasmo, ele insinua que ele recebeu fundos suspeitos e está se esquivando das investigações:

Ele negou depoimento porque foi internado de novo. Triste coincidência. Quem se interna no Einstein não costuma esquecer. Queiroz é o primeiro morador da Taquara, periferia do Rio de Janeiro, a se internar no Einstein. Um dos hospitais mais caros do Brasil. O tanto de carro que ele tem que vender pra pagar essa conta. Cada injeção é um Uninho 97 que ele vai ter que vender (Cauê Moura, no vídeo “Nova era chegou”, de 10 de janeiro de 2019).

Encerra o vídeo com o bordão “muito obrigado pela sua audiência, pela sua paciência, por ser esta pessoa maravilhosa, e tchau” – usado em quase todos os vídeos dele selecionados para esta análise. Essa construção de fala direta com quem assiste, feita tanto por ele quanto por Nando Moura, dá uma impressão de intimidade que pode levar o público a se sentir mais compelido a concordar com as opiniões expressas.

Mais diretamente ou menos diretamente falando da posse, os três *youtubers* abrem 2019, de alguma forma se posicionando contra o governo federal que se inicia. Nota-se um enquadramento pessimista compartilhado pelos três sobre o novo governo. Como enfatizam Mendonça e Simões,

ao focalizar os ângulos discursivos e as interpretações apresentadas, a abordagem centrada no conteúdo permite ver como os quadros se manifestam. Tal tipo de análise é fundamental para a compreensão de controvérsias públicas e de processos diacrônicos de alteração de quadros (2012, p. 196).

Olhando para o conteúdo desses vídeos, com mais ou menos embasamento teórico, é visível que são enquadramentos interpretativos, conforme definidos por Porto (2002). Os três trazem a mesma “definição de problema” (Entman, 1993): o novo governo federal será ruim. Cauê faz isso retomando a notícia sobre Queiroz, que é atrelada ao questionamento da integridade da família Bolsonaro. Sabrina é mais explícita, falando de um “governo com anseios fascistas”. Ana e Tati dizem que não têm sequer condições de comentar. O acontecimento é o mesmo, o enquadramento sobre um novo presidente que não atenderá às suas expectativas é similar, todavia, mesmo compartilhando essa opinião, narram o momento de forma diferente, uma vez que os quadros de referência mudam:

Enquadramentos são entendidos como recursos que organizam o discurso mediante práticas específicas (seleção, ênfase, exclusão, etc.) e que acabam por construir uma determinada interpretação dos fatos (PORTO, 2007, p. 116).

Outro ponto de convergência de pelo menos dois vídeos – Sabrina e Ana – é notar o alinhamento de Nando Moura a Bolsonaro e, ao mesmo tempo, com isso, estabelecer um distanciamento dele. Elas destacam esse ponto, trazem à luz, dando-lhe relevância – ou seja, na narrativa construída por ambos esses canais, isso é um ponto de destaque.

Embora Cauê não seja aberto quanto a Nando nos vídeos analisados nesta pesquisa, ele já declarou que o *youtuber* é um desafeto seu em outros momentos. E ele também fala mal de

Olavo de Carvalho, mentor de Nando, em um dos vídeos que será destrinchado adiante, o que Ana Roxo e Tati Fadel fazem neste primeiro de 2019, dizendo frases como “Nando Moura, Olavo de Carvalho, gente que a gente tem que atacar”. Com isso, é possível dizer que, para os três, a causa do problema é tanto o novo presidente do país em si quanto seus apoiadores.

### 2.3. Um mês depois: Flávio Bolsonaro, Brumadinho e Davos enquadrados

Entre fim de janeiro e começo de fevereiro de 2019, encontram-se novas interseções de temas nas postagens dos *youtubers* de esquerda, destacando-se, dentre as principais, as acusações surgidas contra Flávio Bolsonaro, a breve participação de Jair Bolsonaro no encontro do Fórum Econômico Mundial de Davos e o acidente de proporções catastróficas com o rompimento da barragem em Brumadinho, MG.

Quem inicia temporalmente essa série é Cauê Moura, com o vídeo “EU VOU VIRAR FÁBIO ASSUNÇÃO”, de 24 de janeiro de 2019. Com uma gravação de pouco mais de 8 minutos, ele também insinua a ligação de Flávio Bolsonaro com a milícia, fazendo alusão a um *tweet* de um anônimo que ele compartilha na tela do vídeo: “Não pode mais homenagear miliciano, que vira miliciano”. E acrescenta: “Não quero que o canal vire exposição de podres do clã Bolsonaro. É só eles pararem de produzir podres que eu paro de falar, demorou? Combinado?”.

Na sequência, ele passa para o discurso feito no Fórum Econômico Mundial de Davos pelo presidente Jair Bolsonaro, critica a fala breve do presidente (usou 6 minutos para discursar, quando seu tempo era de 45 minutos) e comenta que “seis minutos é o tempo que qualquer pessoa obcecada por arma consegue durar fazendo qualquer coisa”, com uma insinuação sexual. Ele ainda questiona a escolha de Jair Bolsonaro de não almoçar com os outros líderes e ter optado por um restaurante mais popular, o que ele considera “demagogia barata”.

Foi almoçar sozinho no bandeirão pra pagar de humildão pro gado que acredita nessa história. Quem não comprou essa demagogia barata sabe que ele devia mesmo era estar almoçando com líderes de outros países – que era o que todos eles estavam fazendo, menos o nosso. Não, o nosso é humilde. Fica fácil de entender que ele estava fugindo de jornalista, porque aí os caras iam pensar ele e iam descobrir que ele não consegue falar nada além de conspiração olavista e mamadeira de piroca, ceis tão ligado (Cauê Moura, no vídeo “EU VOU VIRAR O FÁBIO ASSUNÇÃO”, de 24 de janeiro de 2019).

Com diversas gírias, construção popular e nenhuma referência a fontes, sejam elas jornalísticas ou teóricas, Cauê deixa clara sua opinião. Quando fala sobre “humildão”, seu tom de voz é claramente sarcástico, e ele tem uma expressão jocosa no rosto. Aliás, “gado” é um

termo constantemente usado tanto por Cauê quanto por outras pessoas críticas ao governo federal para se referir aos apoiadores de Jair Bolsonaro em diversos vídeos, mostrando sua oposição a eles e criticando-os por seguir o presidente sem questionar. Críticas assim tanto ao governo quanto a seus apoiadores são constantes, mas sem muita profundidade, embora não falte humor.

Como de costume, Cauê não para em Jair Bolsonaro, tecendo comentários também sobre os filhos do presidente: “Aqui no Brasil, o outro filho do clã ficou indignado com a parcialidade da imprensa, expôs o absurdo que o El País estava cometendo porque aqui no Brasil tem um título, e na gringa outro.” Enquanto o pai estava em Davos, Eduardo Bolsonaro comentou que a imprensa nacional estaria sendo parcial e, como prova, mostrou as diferentes manchetes do jornal El País, em português e em espanhol. A questão é que o título em espanhol tinha um falso cognato, “anima”, como explica Cauê, que seria o equivalente a “pedir” em português. Fica claro, de acordo com o *youtuber*, que o filho de Bolsonaro não entendeu a frase em espanhol. De novo, mostrando seu enquadramento de deboche, Cauê comenta: “E aí, Dudu, essa vergonha que você tá passando é no débito ou no crédito?”

Analisando o enquadramento de Cauê, pelas informações que ele traz à baila, salientando-as, e os recortes que ele faz, como notar a ausência de Jair Bolsonaro no almoço com líderes, o problema é a incompetência do novo presidente e de seus filhos (o primeiro não discursa bem nem sabe como se portar num evento mundial, o filho faz críticas equivocadas, ambos são ridicularizados). Cauê não chega a elencar uma solução para esse problema neste momento. Basicamente, ele parece buscar fatos para antagonizar com o clã Bolsonaro, como ele próprio diz na abertura do vídeo e, segundo Marques e Mendonça,

O antagonismo político depende de um tipo de deslocamento que retira o sujeito, ainda que efemeramente, da trama articulatória em que se insere para abrir-lhe outras possibilidades de articulação. É nesse hiato, nessa decalagem, que a contingência do mundo e dos sujeitos se revela em sua potência política e também estética. O processo de configuração de sujeitos, fruto da articulação de posições de sujeito no bojo de uma multiplicidade de relações sociais, tem um quê de imprevisibilidade na medida em que escapa aos determinismos e sentidos pré-estabelecidos. Ele emerge da ruptura, da experimentação, da recusa e da reorganização que a acompanha (2018, p. 45).

Oposição a Bolsonaro numa linha similar fazem também Tati e Ana em seu *O mundo segundo Ana Roxo*. Em 03 de fevereiro de 2019, elas passam pelos mesmos assuntos abordando a precisão linguística – segundo a dupla que comanda o canal, “Chame pelo nome certo” é o bordão da vez e também o título do vídeo de 14 minutos.

Sobre Flávio Bolsonaro estar sendo comentado e investigado na mídia, elas pontuam que “o nome certo para senador com 36 anos é homem feito, não garoto. Flávio não é garoto,

isso é um eufemismo ridículo, ele é homem feito e responsável por seus atos”. Isso porque Jair Bolsonaro o chama de “garoto” em suas declarações públicas sobre o caso, dizendo que querem atingi-lo ao trazer as acusações sobre o dinheiro em sua conta. Elas seguem acrescentando que quem defende milícias deve ser considerado “criminoso” – mais uma vez, convergindo com a fala de Cauê, que cita a aproximação entre Flávio e a milícia no começo do vídeo. Nesse sentido, as falas de Ana e Tati parecem ter uma visão muito alinhada a de Cauê.

O “nome certo” para a apresentação do presidente em Davos, de acordo com o vídeo, deveria ser “discurso vergonhoso”, “vergonha nacional” e “redação da 5ª série”. Aqui, o problema enquadrado para a situação parece ser, da mesma forma que para Cauê, a inaptidão de Jair Bolsonaro para falar em público, sendo realçado aqui um presidente despreparado para discursar num evento internacional. Sobre essa percepção de ambos, é possível dizer que “o real é construído retrospectivamente – trazido à mente devido à nossa maneira de definir algo como não qualificado dessa maneira” (Goffman, 2012, p. 75). Ora, se ambos os canais percebem os ocorridos em Davos, em retrospectiva, da mesma forma, essa deve ser a realidade, não? Ao menos para eles e para quem com eles compartilha os quadros de referência.

O enquadramento do governo de Bolsonaro como despreparado, aquém do que deveria ser e indigno de respeito se nota por mais paralelizações sobre o que elas consideram “nomes certos”. O de Bolsonaro seria “biroliro”, seu discurso em Davos seria “redação da 5ª série, junção de *tweets*, vergonha nacional” e “comer no bandejão em vez de ir a um almoço de negócios é burrice ou jacu, marketing vagabundo”. Neste último, mais um quadro compartilhado com Cauê, que chamou a prática de almoçar num bandejão sem compartilhar a refeição com outros líderes de “demagogia barata”.

Indo além no escopo debatido por Cauê, Ana e Tati fazem referência aos rompimentos de barragens ocorridos nas cidades de Mariana e Brumadinho, dizendo que “desastre” é um termo errado, já que seria algo “inesperado”. Para a dupla, os acontecimentos em Brumadinho e Mariana deveriam ser nomeados como “crime ambiental”. Elas não deixam claro no recorte a quem estão tecendo críticas, todavia, o que salientam demonstra a insatisfação com a atuação dos poderes envolvidos.

Assumindo o enquadramento favorável a Lula, nesse mesmo vídeo, elas apontam que o que foi feito com o ex-presidente ao proibi-lo de ir ao funeral do irmão<sup>3</sup> deveria receber o “nome certo” de “sequestro político, tortura psicológica e injustiça”. Com essa lista de nomenclaturas

---

<sup>3</sup> No fim de janeiro de 2019, o irmão do ex-presidente Lula faleceu. Ele estava preso na época e foi proibido pela justiça de comparecer ao velório.

que elas consideram mais acertadas, é possível notar, numa primeira instância, a postura de oposição. A definição do problema fica com o governo federal e suas atuações. Como mencionado, este é um canal de enquadramento de esquerda, anti-Bolsonaro e a favor de pautas tanto educacionais, quanto ambientais.

Corroborando essa definição, elas desferem mais críticas a figuras que apoiam Bolsonaro, como Sérgio Moro e Olavo de Carvalho, fechando suas falas deste vídeo com uma volta ao presidente: “Menos tosco que o Bolsonaro, até um lápis é, por ser incapaz de proferir uma frase” (Ana Roxo, no vídeo “Chame pelo nome certo”, de 03 de fevereiro de 2019).

Para encerrar este bloco de vídeos com assuntos sobrepostos, em 05 de fevereiro, Sabrina posta na plataforma seu segundo conteúdo audiovisual analisado aqui. Com 22 minutos e quase 100 mil visualizações, o título já mostra o tema: “Um mês de Bolsonaro”. Ela é quem faz a análise mais formal deste momento e passa por assuntos que os demais também comentam: Queiroz, a tal “mamata” que era atribuída ao PT, a falta de apreço pela educação. Na definição de Sabrina, o vídeo responde a duas questões principais: “se a mamata era uma coisa do PT, com o Bolsonaro, ela já devia ter acabado” e “com a estrutura de governo que Bolsonaro montou, em quatro anos, ele vai conseguir consertar tudo que está aí?”

Sabrina debate um pouco sobre o que é “mamata”, uma das grandes críticas aos governos anteriores. Segundo a leitura dela sobre a definição da palavra de acordo com o governo federal e seus apoiadores seria:

Mamata, pra essa galera, é a vida boa, fácil, às custas do povo e do governo. Na definição deles, pode ser tanto a corrupção direta, ou “essa roubalheira toda aí”, ou serviços e iniciativas públicas, tipo financiamento do governo para empréstimo, para eventos, tudo mais. Coisas como a Lei Rouanet. Mas, para alguns, a mamata é ter direitos. Justo, então, é ser explorado. Que coisa é essa de férias, de SUS, quem mandou você ficar doente? Difícil é ser patrão no Brasil, essas coisas (Sabrina Fernandes, no vídeo “Um mês de Bolsonaro”, de 05 de fevereiro de 2019).

Seguindo este comentário irônico, Sabrina relaciona o conceito amplo de mamata (que, segundo ela, é dado pelos apoiadores do governo federal) com os fatos sobre Queiroz e as supostas transações ilícitas envolvendo Flávio Bolsonaro e milicianos, a contratação do filho do vice-presidente, Hamilton Mourão, para um cargo público, bem como o fato de o ministro do meio ambiente daquele momento ter sido condenado por fraude ambiental que favoreceu a entrada de mineradoras no país. Pelos fatos que salienta na sua análise do primeiro mês, Sabrina tece uma narrativa que aponta para uma negativa à resposta sobre a mamata ter ou não acabado com a chegada de Bolsonaro ao poder.

Embora ela tenha este enfoque maior na parte ambiental que os outros canais, é interessante notar o compartilhamento dos esquemas primários entre Sabrina, Cauê e Ana sobre

o governo de direita do país. De forma irônica, os três criticam e apontam incompetência, salientando pontos que mostram uma atuação desfavorável. Goffman (2012) explica esse compartilhamento entre os *youtubers* na sua definição de esquemas primários:

Tomados em conjunto, os esquemas primários de um determinado grupo social constituem um elemento central de sua cultura, especialmente na medida em que surgem compreensões relativas aos principais tipos de schemata, às relações destes tipos entre si e à soma total de forças e agentes que esses modelos interpretativos reconhecem estarem soltos no mundo. É preciso tentar formar uma imagem do esquema de esquemas de um grupo – seus sistemas de crenças, sua “cosmologia” (2012, p. 51).

Posto que são todos assumidamente de esquerda, faz sentido que tenham, como “grupo social”, visões e enquadramentos similares sobre Jair Bolsonaro e seu governo. A “cosmologia”, ou seja, a lente usada na tentativa de explicar o mundo tem um esquema primário populado de valores compartilhados pela esquerda, como se pode perceber nas falas gravadas.

Seguindo adiante no vídeo, Sabrina faz alusão a Brumadinho, comentando que as mineradoras economizam em infraestrutura para manter lucros. É notável que ela e Ana Roxo mais uma vez têm o mesmo enquadramento, desta vez, sobre o que se passou em Brumadinho: foi um ato humano, e não um desastre ambiental. Contudo, em seu enquadre, ainda que com fala mais breve, Sabrina dá nome ao causador do problema: as mineradoras. E até uma possível definição de solução: parar de economizar em infraestrutura.

Sobre Davos, Sabrina não passa pela qualidade do discurso em si, como fizeram os *youtubers* anteriores, todavia, faz algo que eles não fizeram: analisa o conteúdo e conclui que o discurso de Bolsonaro sinaliza para uma entrega da natureza a grandes ruralistas. Assim como no primeiro vídeo do ano, ela acusa a esquerda de estar desunida e desorganizada para debater esses pontos. É em momentos como esse que é possível dizer que Sabrina costuma ir um passo adiante em suas análises, notando suas causas para além do problema. A proposta de Sabrina é dialogar com a esquerda e, ainda, sobre a esquerda, como ela própria define. Nesse diálogo, ela busca listar fatos, datas e teóricos, e ainda comentar mais a fundo leis ou atos que estão por trás das notícias que ela comenta – assim, fica mais visível com Sabrina não apenas a definição do problema, de acordo com seus quadros de referência, como ainda sua proposta de solução.

O meio ambiente é outro que está na mira desse governo, como eu mostrei no último vídeo. Até o discurso do Bolsonaro em Davos, esse discurso sinalizou como ele quer entregar a natureza para os grandes ruralistas. Pressão internacional deve ajudar um pouco nesse quesito, mas eu não sei se vai ser suficiente. [...] É preciso pensar em mobilizar de forma mais ampla, para além de marchar, para além de passeatas, porque, se o governo vai investir milhões para convencer o grosso da população da reforma da previdência, a gente tem que ganhar de volta a confiança dessas pessoas, porque a gente não tem esses milhões, e aí, a gente tem que demonstrar que isso não está no interesse delas (Sabrina Fernandes, no vídeo “Um mês de Bolsonaro”, de 05 de fevereiro de 2019).

Como se nota neste trecho do vídeo, Sabrina define os problemas com profundidade maior, não poupando críticas também à esquerda, fazendo mais do que se deter em maldizer o governo, ofertando soluções e tentando embasar suas visões diversas. Com exceção de Sabrina no *Tese Onze*, que tenta trazer dados e profundidade, não apenas discutir com “o outro lado”, como é possível constatar, os demais canais fazem muitos ataques a quem não divide a opinião deles. Ainda assim, de forma geral, nenhum dos três cita suas fontes, o que leva, mais uma vez, a uma predominância de enquadramentos interpretativos, conforme definidos por Porto (2002).

#### **2.4. Reflexões sobre o primeiro trimestre do governo**

A última série de vídeos com assuntos que se mostram comuns aos três canais de esquerda é lançada entre fim de abril e começo de maio. De forma geral, eles refletem sobre o primeiro trimestre de Bolsonaro no poder, variando na amplitude do escopo.

Em 25 de abril, Cauê solta o vídeo “O Carluxo tá descontrolado!!!1”, com o numeral “1” no título, junto aos pontos de exclamação – um suposto erro de digitação, já que o número e a pontuação dividem a mesma tecla de um teclado ABNT padrão. Porém, como o YouTube dá a opção de corrigir depois de publicar, e o “erro” continua ali, talvez seja para passar uma ideia de digitação rápida “descontrolada”, como Carlos Bolsonaro, o Carluxo do título. Dá ainda um reforço à ideia de que Cauê é como seus seguidores, próximo, e não um *youtuber* profissional.

Já desde o título, uma vez mais, notamos que Cauê fala sobre o presidente brasileiro e seus filhos em tom irônico e de forma próxima ao público – é quando alguém manda mensagem para amigos que esses erros de digitação passam. No começo do vídeo, o *youtuber* dispara: “Ai, ai... Imaginem vocês, o homem eleito pra tomar conta dos nossos bilhões não consegue tomar conta do próprio filho, você fica preocupado” (Cauê Moura, no vídeo “O Carluxo tá descontrolado!!!1”, de 25 de abril de 2019). Uma vez mais, o presidente é enquadrado como incompetente, incapaz de fazer aquilo a que se propôs.

Naquele momento, Carlos Bolsonaro havia se desentendido com o vice-presidente Mourão e levou a briga ao conhecimento público por meio da rede social Twitter. Na explicação de Cauê, o escárnio esperado:

Carluxo perdeu o controle, sabe? Como uma criança mimada que você vê no shopping, que quer sorvete e fica chorando, esperneando. E você fica olhando pro pai: E aí, pai, você não vai fazer nada, não? Não vai dar uma surra nesse moleque? É basicamente que tem um monte de político e outros militares inclusive pensando a respeito do Bolsonaro. E aí, mito, vamos dar um jeito nesse moleque mimado do caralho que tá causando aí, por favor? Isso porque o Bolsonaro foi eleito porque tem

pulso firme. [...] Pra quem perdeu a novela, o Carluxo comprou briga com o vice, o Mourão, levou a briga pro Twitter, e é tudo no Twitter. Ele pode até ter cargo de vereador lá no Rio de Janeiro, mas a gente sabe que ele é mais digital influencer do que é a blogueirinha do governo. E a melhor parte é que, no meio dessa treta, para atacar o Mourão, o Tonho da Lua usa referências bibliográficas, os links de umas matérias de uma parte da imprensa que ele sempre desconsiderou, que ele chama de extrema imprensa, diz que é tudo fake news. (Cauê Moura, no vídeo “O Carluxo tá descontrolado!!!1”, de 25 de abril de 2019).

Com esta fala, ele salienta a infantilidade de Carlos Bolsonaro de acordo com seus quadros de referência, sem necessariamente comentar a notícia de fato, uma vez que mal dá para entender qual foi o motivo da briga entre Carlos e Mourão. Adiante, ele não perde a oportunidade e aproveita para criticar também o presidente, com o mesmo tom:

Bolsonaro botou panos quentes, ficou do lado do filho, que ajudou a ganhar a eleição, mas que também admira o Mourão. Ou seja, foi um “vamos parar de treta, acabou”. Só que o Carluxo mimado não obedeceu e simplesmente cagou na cabeça do pai como toda criança F.D.P. faz. Fui gravar esse vídeo aqui, o último ataque do Carluxo ao Mourão é de meia hora atrás, sendo que a mensagem do Bolsonaro já tem 2 dias. Dois dias se passaram, e o Carluxo ignorou, foda-se. Falta pulso firme, vara de marmelo na perna, mandar ajoelhar no milho (Cauê Moura, no vídeo “O Carluxo tá descontrolado!!!1”, de 25 de abril de 2019).

Em todas as falas, por meio dos aspectos destacados com mais intensidade, o enquadramento notado é de um tipo de desprezo por Jair Bolsonaro e seus filhos, se posicionando sempre contra eles de forma jocosa. Pelo que relata Cauê, entende-se que a imagem que Bolsonaro projeta é de pulso firme, e seu relato do fato de seu filho Carlos não o obedecer pode buscar desmontar essa imagem ou, ao menos, questioná-la. Uma crítica à postura do presidente mais uma vez.

Embora a maior pauta do vídeo sejam os acontecimentos recentes e não uma revisão completa do primeiro trimestre, Cauê dialoga indiretamente com o segundo vídeo de Sabrina, por meio do quadro compartilhado de que a “mamata” não acabou. Ao pontuar isso, ele vai além do momento atual, o que pode ser visto como uma análise mais ampla do que os comentários feitos sobre a notícia à mão.

O último vídeo de Sabrina a entrar para esta análise foi lançado em 09 de maio e ultrapassou 150 mil reproduções: “A quem interessa o desmonte do Brasil”. Esta produção dialoga com seu segundo vídeo na pesquisa, respondendo a críticas de bolsonaristas ao fato de Sabrina ter feito uma análise com apenas um mês de governo, ilustrando que “os atores não são completamente livres e independentes do engajamento interacional. Eles são configurados pela situação, que os precede, embora eles atuem sobre ela” (Mendonça e Simões, 2011, p.190). Em poucos mais de 20 minutos, ela traz os acontecimentos novos e abre dizendo que “todo dia é

uma bomba diferente caindo na nossa cabeça”, o que, junto ao título do vídeo, nos dá pistas claras sobre a visão desfavorável dela quanto ao primeiro semestre do governo federal.

Embora teça relações com o vídeo anterior, ela não ameniza as críticas nem tampouco volta atrás nelas: “é tanta coisa que eu pedi ajuda para o pessoal do Instagram para decidir qual (analisar)”, relata. Ela critica a reforma da previdência, analisa o panorama da educação, fala de saúde e de suas visões sobre o armamento, e essas críticas vão de encontro ao enquadre de Cauê do governo como incapaz – porém, é só a síntese do problema que é um quadro compartilhado entre eles. O caminho que Sabrina percorre para chegar a ele é bem mais extenso do que críticas a Carlos Bolsonaro. Este é o vídeo mais emblemático da *youtuber* nessa pesquisa, no quesito de provocar questionamentos.

Sobre a reforma da previdência, ela explica os abusos cometidos sistematicamente e tenta elucidar como resolver sem prejudicar as pessoas que dependem do sistema de solidariedade. Uma vez mais, ela destaca tanto o problema como nomeia soluções. Neste ponto, ela dialoga praticamente sozinha, posto que os demais *youtubers* mal tocam nessa questão previdenciária – nem para concordar, nem para discordar.

Quando fala de educação, ela retoma as questões de cortes sempre e fala o quanto o governo de Bolsonaro tem feito contra essa pauta. Aqui, ela e o canal de Ana Roxo se encontram, compartilhando quadros de referência. Os dois canais mencionam o quanto o governo federal fez de prejudicial para a educação, com cortes de fundos das universidades públicas, ir a público com falas diminuidoras da importância da formação e até mesmo posturas contrárias à intelectualidade. Na fala de Sabrina Fernandes, encontra-se:

Para a galera que queria um ministro com um projeto, taí, né? Um projeto de desmonte aceleradíssimo agora. Quando a gente vê ministro e presidente propondo fazer o seguinte: cortando verba de universidade pública, tentando desvalorizar o papel da universidade pública que poderia ser mais importante ainda com mais recursos, aos olhos da população, fica a imagem de balbúrdia, propondo desinvestir diretamente de áreas como sociologia e filosofia, como se elas não fossem importantes, mudando regras na seleção de livros didáticos e promovendo a militarização como solução para a educação no Brasil. E aí, sabe o que dá vontade? Dá vontade de falar: olha, esse país nunca mereceu Paulo Freire, patrono da educação, porque nossa educação nunca levou Paulo Freire a sério, além de alguns esforços de base de professores e conselhos que lutam com muito custo para melhorara alguma coisa (Sabrina Fernandes, no vídeo “A quem interessa o desmonte do Brasil? | 046”, de 09 de maio de 2019).

O que é salientado aqui sobre a postura do governo no que tange à educação é o descaso e até mesmo a maledicência das disciplinas que apoiam a construção do pensamento crítico. Por esse recorte e com estes destaques, entende-se que Sabrina enquadra o governo como prejudicial à educação e ao desenvolvimento dos estudantes, bem como à proteção das universidades, onde ela aponta que começarão os cortes. Neste momento, Sabrina ainda mostra

manchetes de jornal na tela do vídeo para embasar as notícias que está comentando, dando mais credibilidade à sua fala. Com o avançar do tempo, ela parece mostrar mais notícias como uma espécie de comprovação da sua fala – talvez uma adaptação da *youtuber* para reforçar a importância de fontes confiáveis.

Esse encontro da visão sobre educação entre Sabrina e Ana é notado especialmente no terceiro vídeo de *O mundo segundo Ana Roxo*, “Governados pela 5ª B ressentida”, que será analisado agora e que foi ao ar em 14 de maio, com pouco mais de 18 minutos, acumulando quase 30 mil visualizações. Aliás, o vídeo todo é uma mistura de ode à importância da educação e demonstração do quanto a família Bolsonaro e aqueles que os cercam fazem contra a educação. Aqui, com menos acidez do que o comum para a dupla, Ana Roxo e Tati mostram total desprezo pela família Bolsonaro, assim como Cauê, julgando-os incapazes e limitados, enquadrando seus atos como “desadministração”, “política infantilizada, invejosa, ressentida”, cheia de “subterfúgios escrotos”, atribuindo o descaso com a educação ao fato de “desdenharem um lugar ao qual nunca conseguiram pertencer”, nem mesmo Olavo de Carvalho. Do título do vídeo, compreende-se o quadro pelo qual elas analisam Bolsonaro e seus apoiadores. Ainda assim, Ana detalha:

Um sentimento que a gente tem é que a gente tá sendo governado pela turma do fundão da 5ª B. [...] A impressão que a gente tem é que o governo foi tomado por maus alunos que ficavam no fundo da sala, fazendo bullying com a gente, colando papelzinho escrito “gorda baleia” nas minhas costas, e que só se aproximavam da gente quando era para fazer trabalho em grupo ou em prova, para pedir cola, porque são pessoas medíocres, preconceituosas, que não têm amor ao próximo, que não olham para o outro, que estão enfiadas no mundinho delas (Ana Roxo, no vídeo “Governados pela 5ª B Ressentida”, de 14 de maio de 2019).

Presidente, apoiadores e filhos são equiparados a crianças e adolescentes mal-educados. Ainda que o recorte do tema e sua atribuída relevância seja um encontro com os quadros de referência de Sabrina Fernandes em seu *Tese Onze*, o enquadramento dado ao presidente e àqueles que o cercam se equipara ao de Cauê Moura. Ana Roxo desdobra essa explicação ainda mais, ligando esse comportamento ao motivo pelo qual esse grupo de pessoas estaria prejudicando a situação da educação no país.

Toda essa facilidade que a gente tinha, que não era facilidade, era disciplina, está se voltando em forma de política pública. Essa inveja e ressentimento pela intelectualidade. [...] E são homens de mais de 40 anos. Porque eu até entendo que adolescentes façam isso. [...] O Olavo de Carvalho nunca conseguiu ser aceito na academia porque ele tem uma versão delirante das coisas que ele lê, ele distorce tudo que ele lê. [...] Ficam desdenhando de um lugar ao qual eles nunca conseguiram pertencer. Não é porque é um lugar hermético, excludente. [...] Para mim, esses filhos do Bolsonaro lembram aqueles babacas que ficavam colando “gorda baleia” nas minhas costas (Ana Roxo, no vídeo “Governados pela 5ª B Ressentida”, de 14 de maio de 2019).

Indo de encontro ao que diagnostica Sabrina como problema, quem se pronuncia é Tati Fadel, repetindo o uso da palavra “balbúrdia”, noticiada como um atributo das universidades públicas de acordo com apoiadores do governo.

Ficam falando que a universidade pública só tem maconheiro, só tem balbúrdia. Mal sabem eles que, no campus da Unicamp. A gente precisa rastrear quem está sendo responsável por destroçar a imagem de uma das poucas coisas positivas do país, que cresceu, que tem livre acesso, e etcetera. [...] Então, você corta verba das universidades, você está estrangulando a mínima possibilidade de elas produzirem e fazerem coisas legais. Enquanto isso, o aprovou em tempo recorde o credenciamento de mais de 150 universidades privadas, e a irmã do Paulo Guedes é a diretora-chefe da associação das universidades privadas. Quer dizer, tem que ser besta pra não ver, não é uma teoria da conspiração estilo Olavo de Carvalho (Tati Fadel, do canal *O mundo segundo Ana Roxo*, no vídeo “Governados pela 5ª B Ressentida”, de 14 de maio de 2019).

Em sua fala, Tati faz mais do que definir o problema. Olhando os itens enunciados por Entman (1993), o quadro que ela narra ainda tem o julgamento moral tanto de quem busca minar a força das universidades públicas quanto de quem nega que isso está acontecendo. Ainda assim, mais uma vez, Sabrina é a única que parece oferecer, junto com sua análise, a parte da solução que compõe os quadros.

Embora Ana, Tati e Cauê, em seus canais, avaliem toda a administração em torno de uma única pauta, acaba se evidenciando que este encerramento do primeiro trimestre tem um saldo negativo para os três canais – incluindo o de Sabrina, claro, por sua avaliação mais completa e enunciada do período todo.

Em suma, no período e vídeos analisados, como visto, os três canais de *youtubers* fazem referências, em menor ou maior grau, às ligações da família Bolsonaro com a milícia, ao fato de que a “mamata” não era algo exclusivo dos governos petistas anteriores, à incompetência dos atuais ocupantes de cadeiras no governo federal, ao descaso com a educação e à presença de militares no governo. Isso mostra que, até mesmo por partirem de visões de esquerda, eles parecem compartilhar esquemas primários de enquadramento que, de acordo com Goffman (2012), são construídos por grupos sociais como elemento cultural compartilhado para ajudar cada um a perceber e interpretar os acontecimentos: “o tipo de esquema que utilizamos proporciona uma maneira de descrever o acontecimento ao qual ele é aplicado” (p. 49).

## 2.5. O enquadramento em defesa do campo dos *youtubers*

Pela análise até aqui, é possível notar que Cauê Moura se alinha realmente à esquerda. Por isso, se paralelizado ao *youtuber* de direita Nando Moura, a princípio, é de se esperar que tenham apenas o sobrenome em comum. Ao tratarem dos mesmos assuntos cotidianos,

percebem-se visões praticamente antagônicas – o que será aprofundado no próximo capítulo desta pesquisa. Mesmo quando falam do mesmo fato, o enquadramento muda, uma vez que o que destacam em cada situação se contrapõe. Eles partem de esquemas primários diversos e notam-se construções de narrativas diferentes dos mesmos acontecimentos por se tratarem de posições divergentes, o que torna possível a “compreensão das consequências individuais e sociais da predominância de determinados quadros” (Goffman, 2012, p. 196).

Além disso, ou até mesmo por conta disso, há entre os dois Mouras uma disputa de sentido, que ficará ainda mais clara a partir do próximo capítulo, mas que já pôde ser percebida na apresentação dos *youtubers*. É o pós-goffmaniano Porto que pode esclarecer isso, quando diz que

A consequência para o desenvolvimento do pensamento político é que os modos de compreensão utilizados pelas pessoas não são necessariamente abstratos ou conceituais, mas dependem de como o contexto social contribui para manter ou transformar formas de entendimento particulares. [...] O foco passa então do plano individual para o social, permitindo a compreensão da cognição como um processo que emerge da interação entre estes dois níveis, um processo no qual os meios de comunicação têm um importante papel mediador (PORTO, 2007, p. 68)

Com contextos sociais diferentes e entornos sociais praticamente opostos, considerando suas inclinações no campo político (esquerda e direita), seria de se esperar que eles nunca concordassem em nada. Contudo, nesta análise, surgiram os dois vídeos que provam o contrário, ambos de 11 de abril de 2019, dia em que foi anunciada a condenação à prisão do humorista Danilo Gentili. Tanto Cauê quanto Nando lançam vídeos no mesmo dia para protestar contra a condenação, com quadros de referência e consequentes argumentos muito semelhantes.

De formas diferentes, ambos *youtubers* abrem o vídeo dizendo que não têm relação com Gentili ou motivos para defendê-lo e, ainda assim, saem em sua defesa. Cauê começa o vídeo dizendo que não ia fazer vídeo, mas que sentiu a “necessidade de se manifestar”, porque “se vão prender humoristas agora por opiniões emitidas, era para eu estar preso também, vamos combinar. Estou sendo processado criminalmente.” Nando, da mesma maneira, começa criticando a prisão: “Meu Deus, em que país vivemos, humorista sendo preso.”

Já foi dito que Goffman (2012) explica enquadramento como a resposta prévia à pergunta “o que está acontecendo aqui?” – o real advém de uma definição prévia, que já está com a pessoa por conta de seu repertório. É neste repertório que cada um busca enquadrar o que acontece de novo e, por conseguinte, retirar da novidade o aspecto desconhecido, apreendendo-a. Assim, cada um enquadra de acordo com suas vivências e expectativas, construídas com base em experiências anteriores e associações possíveis a partir delas.

Para Nando e Cauê, o fato “humorista condenado à prisão” é um absurdo. Mesmo sendo tão diferentes, a resposta ao que está acontecendo, desta vez, foi a mesma. E isso pode ser por dividirem o mesmo campo: de “opinadores digitais”. Ora, assim como Gentili, eles expressam opiniões basicamente pautadas em enquadramentos interpretativos, sem buscarem muitos fatos e, por vezes, sem muito cuidado, vociferando suas crenças. Se alguém do mesmo campo tiver sua liberdade de fala “tolhida”, o mesmo pode acontecer com os dois Mouras, e é nesse momento que eles, sem saber, se unem. Afinal, dentro do campo,

Aqueles que, em um estado determinado da relação de poder monopolizam (mais ou menos completamente) o capital específico, fundamento do poder ou da autoridade específica característica de um campo, são inclinados a estratégias de conservação. [...] É a heresia, a ortodoxia, como ruptura crítica, frequentemente ligada à crise, com a doxa, que faz os dominantes saírem do silêncio e que os obriga a produzir um discurso defensivo da ortodoxia, pensamento direito e de direita que visa a restaurar o equivalente à adesão silenciosa da doxa (BOURDIEU, 2019, p. 111).

Nando explica sua indignação dizendo que é um “absurdo, as coisas nesse país são ao contrário, aqui é o poste que mijá no cachorro”. Em seu vídeo, provavelmente alheio à fala de Nando, Cauê corrobora: “Condenar criminalmente, cadeia? Sério? Acham plausível? Na moral mesmo? Temos que definir o que vale cadeia. De repente, é pra eu tá preso, falei atrocidades ao longo desses anos. Eu devia estar na cadeia também?”

E ambos concordam ainda que há um cunho político na condenação do humorista, um problema da esquerda na definição dos dois. Cauê Moura explica usando a palavra “cirandeira”, já situando a esquerda de forma pejorativa:

Tem que censurar porque não pode falar disso, não pode falar daquilo? Onde a gente desenha a linha? ‘Até aqui você pode falar, Caeuzão, isso daqui é cadeia’. Não, não, eu não vou compactuar com isso. Pode se decepcionar comigo, fiquem tranquilos, esquerda cirandeira, porque é recíproco (Cauê Moura, no vídeo “Sobre Danilo Gentili e Cirandagem”, de 11 de abril de 2019).

Nando segue na mesma linha, dizendo que

Danilo Gentili vai poder recorrer em liberdade, mas, se a segunda turma que o julgar for politizada também, nós, brasileiros, vamos ver um humorista que se revoltou com o voto de censura em cima dele indo para a cadeia, dormir na cadeia durante 6 meses. É realmente um absurdo. (Nando Moura, no vídeo “E agora, Danilo Gentili????”, de 11 de abril de 2019).

É curioso notar que, mais do que concordarem que a culpa é da entidade “esquerda”, os dois Mouras falam de censura, como se a prisão de Gentili fosse um ataque à liberdade de expressão que também os ameaça. Mais um enquadramento alinhado. Na definição de Mendonça e Simões (2012, p. 196), “ao focalizar os ângulos discursivos e as interpretações apresentadas, a abordagem centrada no conteúdo permite ver como os quadros se manifestam”, e a manifestação aqui converge para o mesmo quadro. Palavras como “censura”, expressões e

construções que culpam a “esquerda”, discordam sobre o ato merecer uma condenação à cadeia – eles analisam a notícia de forma muito similar.

Ainda na mesma toada, os dois *youtubers* trazem declarações políticas claras para além de suas posições contrárias à condenação, com avisos sombrios generalizantes sobre o que advém do que eles determinaram como censura. Nando proclama que “no YouTube, a coisa também está terrível. Diversos canais alinhados com o pensamento do liberalismo ou conservador têm a sua relevância baixada drasticamente, vídeos desmonetizados, relevância tem baixado”. Do seu canal, Cauê acha que “a gente tá abrindo um precedente perigosíssimo. Dali pra condenarem twitteiros que falam da bolsa de cocô do Bolsonaro é um, dois, rapaziada, pros caras abrirem seu perfil no Facebook.”

E, para fechar em tom apocalíptico, Cauê avisa: “Tô preocupado realmente com o futuro do país, e eu acho que a censura é uma coisa muito perigosa.” Nando, novamente e, acredita-se, de forma inadvertida, faz coro: “Nós vamos estar aqui por muito pouco tempo também, eles não vão deixar que as pessoas possam manifestar livremente seu pensamento. Não vão.”

Os quadros convergem, e isso surpreende. Afinal, eles partem de noções e esquemas primários muito diferentes em todos os outros momentos, menos este. Acontece que esses dois *youtubers*, se não partilham de visões iguais, estão relacionados e têm em comum o que Bourdieu chama de “campo”. Assim, embora venham de pontas opostas do espectro político, a peculiaridade de ambos terem a mesma opinião neste tema pode ser explicada por Nando e Cauê estarem juntos no mesmo “campo”, já que

todas as pessoas que estão engajadas em um campo têm em comum um certo número de interesses fundamentais, a saber, tudo o que está ligado à própria existência do campo; daí uma cumplicidade objetiva subjacente a todos os antagonismos. Esquecemos que a luta pressupõe um acordo entre os antagonistas sobre o que merece ser combatido e o que é reprimido no que se considera evidente, deixado ao estado de doxa, isto é, tudo o que constitui o próprio campo, o jogo, as questões, todos os pressupostos tacitamente aceitos, sem mesmo sabê-lo, pelo fato de jogar, de entrar no jogo (BOURDIEU, 2019, p. 111).

Ora, nenhum dos dois poderia ser contra algo que, em suas percepções, ameaçaria a fonte de poder simbólico de ambos: o campo em que atuam, o campo de quem emite opiniões no Youtube e outras redes sociais, ainda que de forma descuidada. Ao que parece, é com isso que se identificam com Gentili, e é isso que se pressupõe que defendem. Esse interesse mútuo e convergente pela notícia a respeito de Gentili revela a natureza do poder simbólico de forma bem sutil, uma cumplicidade opaca que poderia passar despercebida e que os força a dividir os quadros de referência para observar os desdobramentos deste acontecimento.

Com uma década de estrada digital, opinando sobre diversos assuntos, fazendo fama online e construindo público com isso, cada um deles têm muito a perder caso o que aconteceu com Gentili vire regra, e não exceção. Sim, eles divergem ideologicamente, só que “em todo campo haverá uma luta, cujas formas específicas devem ser procuradas entre o novo concorrente, que tenta eliminar os obstáculos do direito de entrada, e o dominante, que tenta defender o monopólio e excluir a concorrência” (Bourdieu, 2019, p. 109). Mesmo com repertório político diverso, eles fazem parte do lado dominante, por seu tempo de atuação como *youtubers*, bem como por sua forma similar de fazer os vídeos: narrativas enviesadas por enquadramentos predominantemente interpretativos para avaliar eventos políticos, como bem define Porto (2002). E, como vimos, ambos chegam a trocar xingamentos e ofensas com outros, sem nem sempre embasar bem o que dizem. A prisão de um humorista com uma atuação semelhante é percebida como ameaça.

Sendo o campo um espaço estruturado de relações no qual agentes em disputa buscam um objetivo em comum, as relações sociais e os campos têm espaços demarcados. Ainda que a condenação de Gentili não seja, *per se*, um novo concorrente direto, é um acontecimento que ameaça o campo dos “opinadores virtuais”, o que atinge esses dois *youtubers*. Gentili pode ser famoso na TV hoje, mas ele começou online e ainda angaria legiões de fãs no Twitter, outra plataforma digital. Ainda que ambos não tenham relação direta com Gentili, dividem o campo com ele – mesmo Cauê Moura, que repete diversas vezes no vídeo o quanto é avesso a Gentili. Há, na estrutura do campo, o acúmulo e distribuição de capital específico, igualmente simbólico, que confere autoridade a seus atores (Bourdieu, 2019) – todavia, isso só é possível se o campo se mantiver intacto.

O crescimento no campo implica na adesão às regras do campo. Essa necessidade interfere nos quadros de referência do sujeito, posto que incorpora seu repertório. A pessoa não pode romper com a estrutura que legitima seu status. Acreditar nisso tudo e defender faz parte: a crença é um fundamento do poder simbólico. Dessa forma, o campo junta todos os agentes interessados na mesma coisa, e eles passam a compartilhar, assim, dos esquemas primários a respeito do campo.

A chegada às posições mais altas, como acontece com Nando Moura e Cauê Moura, está ligada a um investimento prévio de tempo, de entender o campo, de galgar a subida. Esse envolvimento torna as práticas do campo comuns, o que, em última instância, faz com que os envolvidos não percebam, em longo prazo, os elementos arbitrários no campo – outro ponto

que pode explicar com ambos defenderam da mesma forma, sob o mesmo enquadramento, o humorista condenado.

Se a condenação à prisão de Danilo Gentili é vista por ambos como ameaça à base do sucesso que eles detêm, que é o direito de expressar suas opiniões (ainda que de forma nem sempre embasada ou por vezes de maneira descuidada) e falar o que bem entenderem em seus canais, seguindo o pensamento sobre campo e a defesa dele, mesmo perante tanto antagonismo, faz sentido que nasça uma certa cumplicidade, ainda que velada, e a notícia seja, portanto, vista pelo mesmo quadro de referência de perigo iminente à possibilidade que têm de expressar a opinião deles como quiserem, sem consequências. E o compartilhamento do esquema primário como detentores de poder simbólico deste campo leva a essa convergência inesperada:

Parece que dificilmente podemos olhar alguma coisa sem aplicar um esquema primário, tecendo assim conjecturas sobre o que ocorreu antes e expectativas sobre o que provavelmente vai ocorrer agora (GOFFMAN, 2012, p. 64-65).

É dessa forma que ambos identificam o mesmo problema e fazem o mesmo julgamento de valor: o que estão fazendo com Gentili é errado, é censura, e a culpa é da esquerda. Isso, segundo eles e seus esquemas primários que servem como quadros de referência para esta situação, é uma ameaça, nomeadamente, à liberdade de expressão e precisa, portanto, ser combatido.

E como Cauê compartilha um enquadramento tão politizado com Nando, opondo-se radicalmente à esquerda? Enquadramentos, como pontuam os pós-goffmanianos citados aqui, não são sólidos. São quadros de referência que também se movem com o tempo, e há uma movimentação temporal nesta pesquisa. A necessidade de fazer sentido do que está acontecendo sem violar sua posição no campo torna necessária esta adaptação de Cauê. Ainda assim, este foi o único momento em que eles convergiram, como será detalhado a seguir.

## CAPÍTULO 3 – DIVERGÊNCIAS: ENQUADRAMENTOS CONFLITUOSOS ENTRE ESQUERDA E DIREITA NO YOUTUBE

Neste capítulo, serão analisadas as diferenças entre os enquadramentos dos quatro *youtubers*, contrapondo não apenas Nando Moura aos três representantes de esquerda, mas também esses três entre si.

Serão consideradas, para construção do capítulo, as divergências encontradas nas narrativas a respeito dos mesmos acontecimentos, entendendo os quadros de referência dos objetos de análise desta pesquisa.

### 3.1. Em que Nando Moura diverge dos *youtubers* de esquerda

Desde o início desta pesquisa, foi dito que, em termos de ideologia política, o *youtuber* Nando Moura era aquele que mais se distanciava dos outros três. Este é o momento de esmiuçar mais esta afirmação e entender quais são os quadros através dos quais Nando lê sua realidade bem como emoldura a resposta para “o que está acontecendo aqui?”.

Nando Moura teve cinco vídeos analisados para esta pesquisa. Em todos, o tema constante é Bolsonaro. Nisto, ele e os demais *youtubers* convergem. Aliás, ele também fala da família Bolsonaro como um todo, com o Presidente Jair Bolsonaro sendo seu principal assunto. Entretanto, suas falas sobre a família Bolsonaro e o governo em geral são positivas, e este *youtuber* não poupa palavras para defender aqueles a quem apoia. Nos cinco vídeos analisados, conforme parece que as críticas ao governo se ampliam, Nando mostra um crescer no sentido da raiva que demonstra.

Seu primeiro vídeo de 2019 abre o ano em uma nota feliz, diferente dos demais. Até o título do vídeo é mais leve: “Conversa fiada”. O que ele faz neste é abrir a câmera em um cenário diferente de seu usual para contar que esteve em Brasília para a posse de Bolsonaro, o cerne de seus vídeos. Neste primeiro vídeo, já é possível reparar como este *youtuber* é fã do presidente. Entender que esta é a postura de Nando ajuda a compreender qual é a lente através da qual ele enxerga o mundo e o interpreta, uma vez que

Quadros de referências sociais são construções humanas historicamente localizáveis, a partir de interesses e demandas também identificáveis, e ter consciência sobre tal dimensão é indispensável para que a interpretação de uma determinada situação não seja equívoca (CARVALHO, 2011, p. 4).

Naquele momento, Nando apoia o presidente e está visivelmente satisfeito com a posse de Bolsonaro, bem como se sente numa missão para defender o novo governo e atacar, cada vez mais, quem se opõe a ele. Até por conta de críticas que começam a surgir de forma mais

frequente, os vídeos seguintes já têm títulos mais contundentes. O segundo, “Seria Flávio Bolsonaro INOCENTE???” (escrito exatamente desta forma na plataforma de vídeos), traz para o debate as acusações feitas contra o filho do presidente – daqui, já se vislumbra um aumento de indignação e até certas falas violentas. Em seu terceiro vídeo, a raiva aparece de forma mais clara, com ataque direto, e o alvo é um de seus preferidos, a emissora de televisão Rede Globo, criticada desde o título do material publicado no Youtube: “#GloboLixo – 1964, Ursos e FRANCESES!”. No penúltimo vídeo, Nando desfere ofensas tanto contra outros *youtubers*, em especial, Felipe Neto, quanto contra anônimos que discordam dele nas redes sociais, chegando a nomear uma dessas pessoas. Seu quinto e último vídeo considerado aqui, “E agora, Danilo Gentili???” , fala de sua indignação contra a condenação do humorista e, de acordo com o raciocínio dele, por conseguinte, contra a esquerda do país.

Em todos os vídeos, o assunto “Bolsonaro” é constante, como já mencionado, e sempre de forma favorável. Seu apreço e seu apoio tanto pelo presidente quanto por seus familiares ficam evidentes, e ele faz questão de mencionar isso sempre. Em todos os temas tratados nos vídeos analisados, o apoio se evidencia, ainda que de forma mais ou menos marcada.

O uso dos termos “verdade”, “absurdo”, “país” e “esquerda” cresce conforme os meses avançam, sendo que “verdade” e “esquerda” são sempre contrapostos, ao passo que suas visões e “verdade” são paralelizadas. Muito do que acontece e com que Nando discorda acaba sendo nomeado como “absurdo”. A palavra “país” aparece em contextos nos quais Nando tenta explicar o que se passa no Brasil de acordo com sua perspectiva. Ele faz referência a Olavo Moura e a outros autores direitistas de forma constante. As referências parecem ser escolhidas a dedo.

“Raiva” é um termo menos usado que, todavia, igualmente cresce em uso conforme o tempo passa, corroborando a percepção de que, conforme os meses se vão e mais notícias desfavoráveis ao governo parecem surgir, a paciência do *youtuber* diminui. Há ainda um crescer de palavrões e xingamentos de forma geral, sendo a palavra “canalhas” a mais repetida – de novo, um termo reservado à esquerda ou pessoas que se alinham ideologicamente a este pensamento político. E as reclamações dessas pessoas ganham, em diversos momentos, o significado do verbo “espernear” e suas inflexões.

É interessante notar a quem e como ele dirige suas frustrações e violência, posto que, para vociferá-las de forma tão aberta, ele realmente as crê justificáveis. Butler (2020, p. 227) questiona essa normalização da violência contra quem se julga ser “o outro”, aquele cujo quadro não faz sentido para si: “Quais são as condições sociais e os enquadramentos interpretativos de

certos tipos de violência, e quando e onde ele é “descartado” como resposta afetiva disponível diante de outros tipos de violência?”

“Felipe Neto”, outro termo bastante usado, se refere a um *youtuber* muito famoso, alvo de críticas em diversos vídeos de Nando, e a quem ele reserva a alcunha “garoto espertinho”, dita sempre com sotaque que pretende imitar o carioca. Outros *youtubers* são criticados de forma menos repetida, ainda que igualmente feroz – a saber, são todos *youtubers* com postura esquerdista, como Henry Bugalho, Cleyson Felizola, e até mesmo Cauê Moura.

Diferente de Sabrina e de Cauê, Nando não fala mal daqueles com quem divide os ideais políticos, embora peça mais união da direita, citando Kim Kataguirí ao comentar o caso de Flávio Bolsonaro. É a única menção que faz nesse sentido, o que não chega a ser uma crítica exatamente, só um apelo.

### 3.2. As diferentes visões sobre a posse

Com este repertório de quadros e molduras pelos quais observa o mundo e os acontecimentos, não é surpresa que o mundo segundo Nando Moura seja diferente daquele que os outros três *youtubers* enxergam. Afinal, “os sentidos do acontecimento resultam de suas particularidades, mas também são iluminados e tensionados pelos significados do conjunto no qual estão inseridos”, como explicam França e Lopes (2017, p. 82). E tais conjuntos são diferentes. É isso que será verificado, a começar do primeiro assunto de 2019, a posse de Jair Bolsonaro.

Sabrina Fernandes, em seu “Tese Onze”, foi a primeira a se posicionar. Sua fala foi sobre incômodo, palavra que ela usou (dessa forma ou flexionada) inúmeras vezes, marcando bem esse sentimento. Tal incômodo tinha duas fontes: a posse em si (ou, como ela descreve, “o fato de que temos um presidente com anseios fascistas, que acabou de postar que o problema no Brasil seria a doutrinação marxista nas escolas”) e a postura da esquerda em relação ao tratamento dado aos jornalistas que foram à Brasília cobrir o evento.

Ela explica que este não foi um vídeo preparado, pois ela queria apenas conversar. Nando Moura também inaugura 2019 no YouTube de forma similar: é um vídeo diferente dos demais, no qual aparece uma segunda pessoa, e que ele parece gravar apenas para conversar – o título dá essa impressão, “Conversa fiada”. Todavia, as semelhanças com Sabrina se encerram aí. Nando e sua contraparte, que só aparece nesse vídeo, estão “esbagaçados”, porque foram para Brasília acompanhar a posse, e se mostram extremamente orgulhosos e felizes por isso, apesar do “trânsito desgramado”.

Para Mouillaud (2002, p. 49), os acontecimentos carregam em si “uma explosão do sentido pulverizado em um pó de detalhes”, e cabe ao campo da informação, como explica Simões (2014, p. 178), “construir a moldura que enquadra o sentido na construção da notícia”. As construções que ajudam Sabrina e Nando a darem sentido ao que está acontecendo são diversas e, por conta disso, resultam em histórias tão diferentes. Nando, de um lado, descreve um momento feliz, cheio de pompa e circunstância, como será desdobrado. Sabrina, como já visto, detalha mazelas perigosas para o que está por vir, tomando o que houve com os jornalistas como base de previsão para um futuro sombrio.

Em sua tentativa de fazer sentido sobre o incômodo com a posse e o tratamento dado à imprensa, Sabrina diz que precisa “desabafar” e passa 27 minutos explicando por que ela considera errado a esquerda ir para as redes sociais comemorar os maus tratos que jornalistas sofreram na cobertura da posse. Ela pontua que, por conta da oposição da imprensa a Bolsonaro, os jornalistas de veículos tanto “burgueses” quanto “alternativos” seriam, nesta gestão, tratados como “*persona non grata*” – por isso, ela prevê que Bolsonaro passara a elencar quais veículos terão e quais não terão acesso a ele de acordo com alinhamento. O que, na leitura de Sabrina, é uma questão grave no acesso à informação e até mesmo na manutenção de direitos básicos.

Para ela, era esperado que os apoiadores do novo presidente fossem às redes manifestar sua satisfação com o que aconteceu com os jornalistas, contudo, ela não esperava ver pessoas de esquerda agindo da mesma maneira. Nesse momento, Sabrina se explica e ainda cita Nando Moura:

A questão é que ao mesmo tempo que vi a galera da direita falando "bem-feito, deixa esse povo passar sede realmente", tinha gente da esquerda falando a mesma coisa. E aí que eu fico bastante incomodada. O tema desse vídeo em que estou conversando de uma forma mais leve é a questão da coerência. Onde é que tá a nossa coerência? É preciso que, nesses quatro anos, a gente se pautem em resistência. E resistência não é só um monte de canal no Youtube falando mal do Bolsonaro, Nando Moura, porque isso aí desonra a palavra resistência. Resistência é pensar táticas, ter solidariedade, ocupar vias públicas quando necessária, lutar contra a criminalização dos movimentos que vem por aí, contra as coisas horríveis que esse governo tem. (Sabrina Fernandes, no vídeo “O mau exemplo da esquerda | Vlog 006”, de 01 de janeiro de 2019).

É nessa fala que a crítica dela começa a ficar mais clara: esquerda, para Sabrina, tem de se diferenciar da direita sendo mais humana, não aplaudindo maus tratos a quem quer que seja, e agindo apenas depois de pensar, lutando pelos ideais. Ela ainda segue dizendo que é preciso pensar em “quais discursos vamos cancelar?”.

Em seu vídeo, por sua vez, Nando admite que não podia mesmo filmar, mas comenta que o segurança notou quem ele era e permitiu – por isso, ele tem muita filmagem para editar. Aqui, o distanciamento passa a ficar mais evidente: em vez de se incomodar com a regra, Nando

parece regozijar por ser exceção a ela e não se incomoda com o fato de a posse estar acontecendo longe dos olhos da imprensa. Ao mesmo tempo em que conta com muito orgulho do acesso que teve, Nando também constrói uma imagem humilde: conta que comeu sentado em um caixote num lugar ruim, ao qual se refere como “geleia”, e diz que quase ganhou esmola por comer na rua. Ele pontua que pagou sozinho pela viagem e ainda elenca gastos: “avião, hotel, motorista credenciado”, e emenda com uma ação de venda de “fones capitalistas” para pagar pela viagem, oferecendo-os a quem vê o vídeo.

Essa construção da humildade é reforçada constantemente tanto neste vídeo, quanto em outros, e ainda em relação ao presidente. O quadro de referência da humildade parece ser importante, ainda que questionável, uma vez que quem vai à Brasília acompanhar a posse não pode ser, no geral, considerado uma pessoa humilde – é um evento exclusivo, como ele mesmo comenta.

Enquanto a imprensa não teve acesso, como é sabido, Nando esteve em três cerimônias, filmando e se mostrando neste vídeo pronto para reportar sobre isso: a posse no Palácio do Planalto; o coquetel no Itamaraty, onde comenta que viu Gil Carteiro e também onde recebeu uma mensagem de Eduardo Bolsonaro para ir ao terceiro evento; o churrasco na Granja do Torto. Ele disse que “não queria incomodar” (de novo, uma marcação de humildade), mas emendou contando que foi ao churrasco com “Gil [Carteiro], seguranças e Bibi do lado” [Benjamin Netanyahu], todos nomes de pessoas de muito poder e papel importante no atual governo naquele momento.

É curioso notar como Nando oscila entre as tentativas de humildade e a citação de nomes importantes junto com o crescer de eventos a que foi chamado. Porto (2007, p. 73) fala que “uma das características mais importantes do conceito de enquadramento é o fato de que ele vai muito além do plano da informação, incorporando questões referentes às diversas formas de interpretação da mesma informação.” Ou seja, ainda que esteja claramente rodeado de pessoas importantes e em eventos exclusivos, Nando ainda prefere se colocar como uma pessoa comum, retomando a tentativa de proximidade com quem o vê pela plataforma de vídeos. Porto referencia Hall e fala de “interpretações preferenciais”, que

nos ajudam a saber mais sobre o mundo, mas também fazer sentido dele. O foco então muda do campo da informação para o dos processos de interpretação. De acordo com essa perspectiva, a cultura pode ser entendida como o conjunto de enquadramentos que são exibidos no discurso e pensamento das pessoas de um grupo social (PORTO, 2007, p. 73).

Ora, se Nando, assim como Cauê, usa gírias e apelidos para quem o segue, faz sentido que ele não queria se distanciar como alguém mais importante do que seus fãs e, ainda assim,

compartilhar com pessoas que pensam como ele toda a pompa e circunstância que o momento da posse lhe permitiu. E depois, a identificação como “humilde” parece servir para um quadro de referência de direita com um viés religioso – há constantes referências cristãs nas falas de Bolsonaro e Nando, em diversos momentos, bem como existe na vertente cristã, de forma geral, um enaltecimento dessa humildade.

Sobre o churrasco, Nando ainda comenta que tinha gente de diversos países, cita que viu Luciano Hang, dono da rede de lojas Havan e notório apoiador do presidente, e que ficou acompanhado de Gil e Eduardo Bolsonaro. Porém, não quis “encher o saco” quando viu Jair Bolsonaro dormindo na sala, “no sofá, de bermuda e chinelo”. Aqui, agora, o quadro de humilde também se estende ao novo presidente, noção que ele reforça quando contrapõe Jair Bolsonaro a Lula, Dilma e Temer:

Uma das coisas impressionantes do Bolsonaro é que você não vai ver ninguém da equipe de trabalho dele falando dele. Sempre falam dele com muita admiração. Cara humilde, simples, cumprimenta todo mundo, diferente do que acontecia com Dilma, com Lula, os caras não olhavam nem na cara. Com Temer, os empregados tudo o mais. Não teve até aquela história da Dilma, acho que a camareira dela, ela jogou o secador. Não sei o que ela jogou (Nando Moura, no vídeo “Conversa fiada”, de 02 de janeiro de 2019).

Entre o Bolsonaro “humilde e simples” de Nando Moura e o novo presidente com “anseios fascistas” de Sabrina Fernandes, vê-se histórias que, se não fosse sabido, poderiam ser interpretadas como diferentes. São sobre o mesmo acontecimento, com a mesma pessoa no centro. De maneiras diferentes, ainda que igualmente inconscientes, Nando e Sabrina imprimem aos acontecimentos narrados o que veem por meio de seus quadros, formados pelos seus referenciais e opiniões de mundo.

Os quadros de referência a partir dos quais os indivíduos constroem generalizações sobre a política – mais ou menos usados, mais ou menos proeminentes – indicam a existência subjacente de diferentes estilos de vida, noção que, embora vaga, tem a utilidade de nos lembrar as condições estruturais e históricas em que se situam as pessoas. Os quadros de referência variam em função da vivência de cada um, suas trajetórias pessoais e profissionais e suas diferentes interações sociais (ALDÉ, 2004, p. 139).

Sabrina, como doutora em Sociologia, com especialização em Economia Política, além de ativista marxista, só poderia mesmo ter uma leitura completamente diferente desta exibida por Nando, o músico defensor da direita que, inclusive, dá a entender que tem uma relação mais pessoal com a família Bolsonaro. Seus quadros de referência são demasiadamente diferentes. Cada um deles destaca aspectos diversos e ressalta características que chamam suas atenções por conta de seus repertórios e lentes de leitura do mundo. Do lado de Nando, as referências à humildade, os enaltecimentos a Bolsonaro e aos que o rodeiam, os nomes presentes como de pessoas admiráveis dando grandeza ao evento. Do lado de Sabrina, a desumanização, o aceno

a um porvir sombrio possivelmente com notas fascistas, as atitudes condenáveis de esquerda e de direita, o descaso com a imprensa paralelizado com desumanização e com um risco emergente tanto de censura quanto de manipulação das notícias.

Se, por um lado, Nando ignora completamente o que houve com os jornalistas para focar nas celebrações, Sabrina também não comenta a posse em si ou abarca as pessoas que estavam ali comemorando. Cada qual salienta e destaca o que cabe em seu quadro, emoldurado por seus focos pessoais, construídos por suas vivências únicas. E as divergências entre eles se repetem, porque

Todo tema político tem uma cultura, ou seja, um discurso que se modifica com o decorrer do tempo e que apresenta interpretações e significados sobre os fatos relevantes. Na maioria destes temas, existem “pacotes interpretativos” e que competem entre si. No centro de cada pacote está o enquadramento, definido como “uma ideia central organizadora” que atribui significados específicos aos eventos, tecendo uma conexão entres eles e definindo o caráter de controvérsias políticas. De acordo com esta perspectiva, os temas políticos são caracterizados por uma disputa simbólica sobre qual interpretação irá prevalecer (PORTO, 2007, p. 116).

Ainda assim, a postura de Sabrina não necessariamente se repete, em sua totalidade, nos outros canais de esquerda analisados aqui. Pode ser por ela ter as análises mais aprofundadas, uma vez que as opiniões sobre o novo governante do país, em si, convergem. Ana Roxo, assim como ela, também cita Nando no primeiro vídeo do ano, mas sob outra ótica: "Nando Moura, Olavo de Carvalho, gente que a gente tem que atacar" – e esta é a única fala sobre o novo presidente e, por associação, sobre a posse, sem nem falar sobre o episódio em si. Ana, como dito antes, se recusa a comentar mais por precisar “de mais tempo para digerir”.

Já Cauê Moura, o último a lançar o primeiro vídeo do ano dentre os quatro, só faz alusão ao novo presidente no título do vídeo: “Nova era chegou”. De resto, dedica seu tempo a debater as notícias sobre Queiroz, o que implicitamente acaba depondo contra a família Bolsonaro, ainda que, neste vídeo em particular, Cauê não os mencione diretamente.

Por conta do repertório mais amplo de Sabrina e pelo envolvimento muito maior de Nando, faz sentido que ambos, ainda que de pontos de vista e com uma seleção de quadros de referência absolutamente diferentes, tenham maior aprofundamento na narrativa sobre a posse em si. França e Lopes explicam isso e, também, o distanciamento de Ana Roxo ou a aparente superficialidade de Cauê Moura, ao dizerem que

Ao gerar afetação em indivíduos e coletividades, por conseguinte, o acontecimento também faz emergir sentidos na busca de defini-lo, apreendê-lo, narrá-lo e compreendê-lo. Nesse âmbito, o acontecimento revela sua segunda face, da alta potencialidade simbólica, que faz de um fenômeno existencial um objeto de conhecimento, no sentido de ser passível de identificação (delimitação, mesmo que não definitiva) e interpretação (FRANÇA, LOPES, 2017, p. 79).

### 3.3. Definições diferentes sobre acontecimentos: Davos, Flávio Bolsonaro, 1964 e a natureza

Independentemente do quadro adotado para narrar os idos da posse de Jair Bolsonaro, o primeiro vídeo em que os quatro partem da mesma temática – o começo do ano de 2019 e de um novo governo federal – já começa a apontar para respostas à pergunta principal dessa pesquisa: como cada um dos *youtubers* mobiliza recursos de seus repertórios e campos de atuação para construir uma narrativa e, dessa maneira, a partir dos recortes feitos por seus quadros de referências, acabam entregando histórias que parecem vir de realidades diversas.

Analisando as temáticas seguintes, é possível notar que essa situação se repete. Sempre bebendo de repertórios diferentes, as narrativas nos vídeos sobre os acontecimentos seguem rotas que divergem mais conforme cada *youtuber* se afasta do próximo ideologicamente. Porto (2007) ilumina essa questão, dizendo que “os conceitos da narrativa e enquadramento são, portanto, importantes instrumentos analíticos para a compreensão das formas pelas quais as pessoas fazem sentido do mundo da política” (p. 74), o que explica como o quadro de referências de cada um resulta em uma narrativa divergente.

A participação de Jair Bolsonaro no Fórum Econômico Mundial de Davos, que ocorreu entre 22 e 25 de janeiro de 2019, é a próxima interseção de assuntos que se nota nos vídeos desta pesquisa. Dentre os *youtubers* com vertente ideológica de esquerda, nota-se uma postura crítica à participação de Jair Bolsonaro. Todavia, Nando Moura, seu então apoiador, tece elogios. Aliás, cronologicamente, seu vídeo é o primeiro desta série.

Em 22 de janeiro de 2019, junto com o início do Fórum, Nando lança um vídeo defendendo Flávio Bolsonaro de acusações de corrupção e, nele, já se coloca ao lado do governo federal, apoiando de forma breve, porém contundente, a atuação do presidente no Fórum Econômico em Davos: “A abertura do foro de Davos com um projeto diferente de Brasil, um Brasil liberal, que quer fazer comércio sem viés ideológico. Eu me orgulho muito deste governo, este é o melhor governo que eu, em toda minha vida, vi neste país” (Nando Moura, no vídeo “Seria o Flávio Bolsonaro INOCENTE ???”, de 22 de janeiro de 2019).

O enquadramento do governo como “o melhor que já viu na vida” não permite dúvidas sobre seu posicionamento favorável. Seu diagnóstico inicial é excelente e, com ele, sua avaliação de Davos é igualmente positiva: “um projeto diferente” já é um elogio se retomadas suas falas de que os governos anteriores eram ruins. E dada sua postura aberta sobre a economia, a fala “comércio sem viés ideológico”, dando a entender que as escolhas dos presidentes anteriores sobre os países com quem negociar se devia mais a crenças do que a uma real

preocupação com a parceria comercial em si, consegue tanto exaltar Bolsonaro quanto criticar a oposição.

Trocando o quadro de referências, Ana Roxo e Cauê compartilham diversas opiniões entre si e se opõem à opinião de Nando. A começar pela crítica ao discurso do Presidente, não pelo teor somente, mas também pela duração. Cauê Moura, assim como Nando, faz sua avaliação ainda durante o Fórum, em um vídeo de 24 de janeiro, disparando: “O cara foi lá discursar na gringa, tinha 45 minutos de palco para usar, usou 6. Se for pensar bem, seis minutos é o tempo que qualquer pessoa obcecada por arma consegue durar fazendo qualquer coisa.”

Ana Roxo chega logo depois, em 03 de fevereiro, numa crítica generalizada ao governo federal e seu primeiro mês, que inclui observações sobre Davos. Endereçando tempo e qualidade de fala de Jair Bolsonaro de uma só vez, ela descreve da seguinte maneira:

O nome do que o Biroliro fez em Davos não é discurso, é redação da 5ª série de um mau professor, junção de tweets. O nome daquilo é vergonha nacional. Ele atesta a falência da educação no Brasil, porque ele é o presidente. Ele é o que representa a gente. Vocês votaram nisso aí pra te representar, você se sente representado por isso? Tá faltando autoestima para você, porque eu não me sinto representada por isso (Ana Roxo, no vídeo “Chame pelo nome certo”, de 03 de fevereiro de 2019).

Desde o apelido pejorativo dado ao presidente, “Biroliro”, fica claro que Ana desaprova o discurso. De forma bem clara, ela chama a fala de “vergonha nacional”, justificando que parecia uma “redação da quinta série” feita por um aluno com um “mau professor” ou, então, uma “junção de tweets”, e algo de tão baixa qualidade serviria, segundo ela e Tati, sua dupla, para demonstrar como é falha a educação no país. Ela define o problema, identifica as causas e ainda faz julgamento moral, passando por quase todos os pilares de um quadro em seu recorte.

Para além do momento do discurso, Ana e Cauê ainda observam, nas faixas que destacam do acontecimento “Davos”, o que Bolsonaro fez após discursar. No momento em que os líderes de outros países almoçavam juntos e davam entrevistas, o presidente brasileiro optou por se separar do grupo e comer em um local mais comum. O que poderia ser, para Nando, conforme suas observações sobre o uso de chinelos do presidente na posse, um ato de humildade, no quadro de referência destes outros dois *youtubers*, Cauê e Ana Roxo, é denominado “demagogia barata” e “coisa de jacu”, respectivamente. Transcrevendo Cauê primeiro:

Mandou um discurso meia bomba que não empolgou ninguém, depois foi almoçar sozinho no bandeirão pra pagar de humildão pro gado que acredita nessa história. Demagogia barata, ele devia estar almoçando com líderes de outros países que é o que todos estavam fazendo, menos o nosso, não, o nosso é humilde. Ficou fácil entender que ele tava fugindo de jornalista, porque os caras iam prensar ele. Se os jornalistas pegam, iam descobrir que ele só sabe falar de conspiração olavista e mamadeira de piroca, ceis tão ligado (Cauê Moura, no vídeo “EU VOU VIRAR O FÁBIO ASSUNÇÃO”, de 24 de janeiro de 2019).

Com a expressão “pagar de humildão pro gado que acredita”, Cauê demonstra o desagrado tanto com o ato de o presidente não almoçar com outros líderes quanto pelos seus seguidores, a quem se refere como “gado”, por seguirem sem questionar. Vê-se tanto a definição de problema quanto um diagnóstico de causa (“só sendo gado para acreditar”). Outra causa que ele diagnostica é o motivo pelo qual ele acredita que Jair Bolsonaro não teria acompanhado os demais presidentes durante a refeição: fugir de jornalistas. Na avaliação de Cauê, Bolsonaro não teria preparação para lidar com entrevistas internacionais, com o diagnóstico: “só sabe falar de conspiração olavista e mamadeira de piroca”. O diagnóstico, de certa forma, agrega um juízo moral, posto que ridiculariza. Bem distante do “orgulho” descrito por Nando.

A mesma situação, segundo Ana e Tati, que compartilham a fala transcrita:

O nome certo de comer no bandejão em vez de estar no almoço de negócios é burrice. O nome certo disso é jacu. Sabe a pessoa jacu? Bicho, você já tá na Suíça, está em Davos, está com todos os grandes, já é presidente, rodeado de empresários. Não vai sentar na Suíça para comer com empresários, falar, realmente abrir oportunidades de negócios? Você vai comer num bandejão? Isso é marketing vagabundo. E aí as pessoas caem nessa de "ai, como ele é simples, foi comer no bandejão". Simplão o caçamba, né? (Ana Roxo, no vídeo “Chame pelo nome certo”, de 03 de fevereiro de 2019)

Assim como Cauê, a dupla destaca também que os seguidores de Jair Bolsonaro acreditam nele sem questioná-lo, e diagnosticam aí mais um problema, de acordo com seu quadro: almoçar “no bandejão” seria mais do que algo de “jacu”. Elas atribuem a esse acontecimento os nomes “burrice” e “marketing vagabundo”. Burrice, por perder a oportunidade de efetivamente fazer negócios com empresários do mundo todo – o que já vai contra a fala de Nando, que disse que Bolsonaro, em Davos, abriu oportunidades de negócios “sem viés ideológico”. Sobre o “marketing vagabundo”, o fato de almoçar no “bandejão” seria para passar uma falsa impressão de simplicidade – aquela que Nando reforça desde seu primeiro vídeo, e na qual nenhum dos *youtubers* de esquerda parece acreditar.

Carvalho (2011, p. 7) diz que “a noção de que os enquadramentos podem variar, transformando-se em realidades múltiplas, é fundamental para a compreensão das variações que ocorrem na vida social, exigindo-nos novos referenciais interpretativos”, e isso é o que se vê aqui, mesmo quando as opiniões em geral vão de encontro.

Um bom exemplo é o que ocorre quando Sabrina passa brevemente por Davos no vídeo de 05 de fevereiro, o último desse agrupamento. Ela faz uma releitura bem abrangente do primeiro mês de Jair Bolsonaro na presidência e, assim, dedica apenas poucas falas para Davos. Como ativista ecológica, em vez de destacar as faixas de tempo de fala, qualidade do discurso

ou a atitude com o almoço, o que Sabrina recorta é que Bolsonaro parece que vai “entregar a natureza para os grandes ruralistas”, uma preocupação constante da *youtuber*. Ou seja, mesmo partindo de um prisma igualmente desfavorável, o que Sabrina elenca como problema difere dos outros dois *youtubers* de esquerda.

Nesta mesma série de vídeos, entre o fim de janeiro e o começo de fevereiro, entra em pauta a notícia do envolvimento de Flávio Bolsonaro com dinheiro de fontes, na época, considerados duvidosas. Em tese, algumas dezenas de milhares de reais foram parar em sua conta como frutos da venda de um imóvel. Para Nando Moura, pelo dinheiro estar na conta bancária de Flávio (“como ele pega um dinheiro ilícito, põe na própria conta, sabendo do Imposto de Renda e da fiscalização bancária?”, Moura, 2019) e por ele ter mostrados documentos sobre a transação, seria praticamente impossível o montante ser fruto de corrupção:

Será que Flávio Bolsonaro é inocente? Porque, em todos os lugares que você ouve falar alguma coisa, parece que ele já é o condenado fdp maldito imundo. Queria conversar com vocês um pouco a respeito disso. [...] Flávio Bolsonaro é empresário, tem uma franquia daquela loja de chocolates Kopenhagen. Ele mostrou lá nas entrevistas os documentos que ele apresentaria ao Ministério Público, provando a sua inocência. O cara não pode ser idiota, “tá aqui o documento”. E ele não tem que provar para a mídia, tem que provar para o Ministério Público (Nando Moura, no vídeo “Seria o Flávio Bolsonaro INOCENTE ???”, de 22 de janeiro de 2019).

De acordo com as faixas que Nando evidencia do acontecimento, esses pontos da sua fala (Flávio ser empresário, ter documentos, mostrá-los em entrevista sem ter essa obrigação) junto com o fato de que o comprador do imóvel teria confirmado que o depósito na conta do filho do presidente foi, de fato, feito por ele, seriam as justificativas que comprovariam a inocência de Flávio. Seguindo os comentários sobre o caso, Nando ainda encontra a causa do problema: comunicação. Ele afirma que o erro de Flávio é “não se comunicar direito com os eleitores”.

Nando ainda pede calma às pessoas, reforçando que a direita precisa se unir, que não é hora de questionar tanto, para que Bolsonaro possa governar em paz. E deixa sua crítica à esquerda:

Agora, vocês querem o quê? Principalmente esses canalhas, eleitores do PT que votaram no Haddad no segundo turno. Querem o quê? Que enfie uma faca na barriga do cara? Se um eleitor do PT tivesse a postura que nós, eleitores do Bolsonaro, temos desde o começo, não teria tido 16 anos de tanta roubalheira, de tanta putaria, de tanta canalhice nesse país. Porque todo mundo sabia que o filho do Lula apanhava bosta no zoológico, apareceu como milionário, e os caras ficaram quietos. A Rede Globo só foi falar disso depois que a bosta já estava toda no ventilador (Nando Moura, no vídeo “Seria o Flávio Bolsonaro INOCENTE ???”, de 22 de janeiro de 2019).

Dessa forma, mais do que um quadro com um recorte favorável a Flávio Bolsonaro, Nando ainda emoldura o outro: lembra o público, de acordo com a forma como vê e seu

repertório, quem são os verdadeiros culpados. PT, petistas e Globo são alguns dos principais culpados, estranhos, fontes de problema em diversos momentos de sua fala. É como se um ser culpado redimisse o outro: “É muito complicado falar qualquer coisa antes de se averiguar tudo. Quem quer realmente dinheiro ilícito, esconde na cueca, leva em garrafa de uísque que nem o Palocci delatou que o Lula recebia, esconde em malas no apartamento” (Moura, N., 2019).

Sobre isso, Butler sugere que

Quando um quadro é emoldurado, diversas maneiras de intervir ou ampliar a imagem podem estar em jogo. Mas a moldura tende a funcionar, mesmo de forma minimalista, como um embelezamento editorial da imagem, se não um autocomentário sobre a história da própria moldura. Esse sentido de que a moldura direciona implicitamente a interpretação tem alguma ressonância na ideia de *indiscriminação/armação* como uma falsa acusação (2020, p. 23).

Nos mesmos vídeos em que falam de Davos, com uma seleção de fatos diversa da feita por Nando, Ana, Cauê e Sabrina veem o acontecimento com Flávio de outra forma. Cauê, com seu constante tom de escárnio, compara o possível envolvimento da família Bolsonaro com a milícia com o ditado “se tem pena de pato, bico de pato e nada que nem pato, costuma ser pato”. Ele não entra em detalhes do caso em si, porém, com esse ditado como norte de sua fala, ele recorta que, se há tanta gente falando, provavelmente há, sim, algo de errado.

Ana e Sabrina discorrem um pouco mais e trazem à baila mais fatos. Ana, por exemplo, elenca que um “senador de 36 anos” não é um “garoto” a ser deixado em paz, como pedia o presidente à época. Segundo Ana, isso seria um “eufemismo ridículo”, posto que Flávio é um “homem feito e responsável por seus atos”. Ela lembra ainda que os políticos da família Bolsonaro defendem a bandeira da diminuição da maioria penal e, portanto, se um garoto de 14 anos pode ser culpado por seus crimes, por que Flávio não seria? Ana ainda comenta, assim como Cauê, a proximidade dele com a milícia, e expõe sua opinião, dizendo que milicianos são “bandidos, estelionatários, coercitivos”.

Sabrina, por sua vez, relembra que ainda não há respostas sequer sobre as transações com Queiroz, a quem Cauê já tinha se referido em seu primeiro vídeo do ano, e igualmente menciona a gravidade da presença de milícia no caso. Aliás, sempre com um tom mais didático, mais do que a indignação dos dois *youtubers* anteriores, Sabrina explica isso de forma que aparenta maior consternação: “Tem milícia, não é um caso qualquer”.

Traçando um paralelo entre as falas de Nando e as falas de Sabrina, Ana e Cauê, é interessante notar como o primeiro se deteve mais no caso do dinheiro na conta e no fato de ser uma conta bancária legítima, enquanto os três últimos deram maior destaque à possível participação da milícia, o que deixa toda transação, em certa medida, ilegítima. Nando sequer cita a palavra “milícia”, nem neste vídeo, nem em nenhum dos outros desta análise.

Outro ponto de reflexão é que, para o trio esquerdista, este fato de Flávio é um dos muitos comentados no vídeo. Para Nando, é o ponto principal. Isto indica uma diferença de importância: Nando traz o caso já no título deste vídeo e passa muito tempo construindo sua argumentação favorável a Flávio, ao passo que Ana, Cauê e Sabrina se dedicam mais às outras notícias que comentam nos seus respectivos vídeos.

Chong e Drukman (2007, p. 104) trazem que os efeitos do enquadramento “ocorrem quando (geralmente pequenas) mudanças na apresentação de uma questão ou de um evento produzem (às vezes grande) mudanças de opinião”. Os recortes diferentes que cada um deles faz mostram muito disso.

Outro episódio que coloca o grupo de *youtubers* de esquerda e Nando Moura em *strips* de destaque diferentes dos acontecimentos é o aniversário do Golpe Militar de 1964. Inclusive, o nome “golpe” por si só já é um dos pontos de dissonância: para Nando, o correto seria “contrarrevolução”. Em um dos momentos em que Nando mais traz embasamento teórico para suas falas, o comentário começa com o fato que levou três dos quatro canais analisados a tratarem do assunto: Bolsonaro sugeriu que o aniversário do golpe militar de 1964 fosse comemorado.

Para defender essa ação, Nando começa atacando, como de costume, o que ele considera o outro lado: “O negócio tá de lascar. No lance do 1964, a juíza proibiu: “O que é isso? Não vai ler carta pra falar de 1964, esta merda tá proibida”. Nunca vi estardalhaço quando PSOL, PT, PC do B comemoram a revolução russa, que levou a 100 milhões de mortes. Vou repetir, 100 milhões de mortes” (Nando Moura, no vídeo “#GloboLixo – 1964, Ursos e Franceses”, de 30 de março de 2019). Mudando para um tom incommumente mais tranquilo, ele propõe:

Aqui a respeito de 1964, faço uma pergunta pra você. Foi um golpe, ‘é golpe’, ou foi uma contrarrevolução? Bom, aqui, o primeiro link da descrição, eu tenho um E-book de graça, conhecimento de graça, mitos e verdades sobre a história do regime militar. Recomendo aqui também a leitura de ‘1964, o elo perdido’, que é um livro que está aqui na descrição do canal. [...] Pra você entender como chegou num ponto desses professores maravilhosos de história, filosofia e sociologia chegarem à conclusão de que na verdade nazismo é de direita, recomendo pra você a leitura desse livro aqui: ‘Meias verdades, velhas mentiras, a estratégia comunista de embuste e desinformação’. Um livro extremamente importante. E para que você saiba como é que eles se embrenharam em todas as faculdades não só neste país aqui, do Brasil, mas do mundo inteiro, cuspidando veneno e desinformação na cabeça dos professores, o livro ‘Desinformação’, que mostra estratégias secretas para minar a liberdade, e promover o terrorismo. Então, tá aí, meus amigos., uma série de informações e de leituras pra vocês. E dia 31 agora, é o lançamento do filme sobre 1964, porque nós queremos saber o que é a verdade, o que aconteceu de fato. E fique esperto aqui no canal, porque você vai receber essas informações antes de todo mundo. Verifique sua inscrição no ‘quênal’, sua ‘gostinha’, seu ‘xininho’, e se inscreva no Instagram, o link tá aqui na descrição, porque domingo eu tenho uma série de surpresas para vocês (Nando Moura, no vídeo “#GloboLixo – 1964, Ursos e Franceses”, de 30 de março de 2019).

É possível destacar, nessa fala, que ele tem um olhar atento a comparativos numéricos de total de mortes e que ele tem, em suas referências, uma série de livros que, em teoria, embasam a opção por “contrarrevolução” como nomenclatura em vez de “golpe”. Ainda assim, ele próprio mais critica quem não tem essa visão do que de fato deixa claro seus motivos para acreditar nessa escolha. Ele passa um longo tempo do vídeo criticando a esquerda e uma das classes que a compõe, que é o grupo de intelectuais da área das humanidades (os citados professores de história, filosofia, sociologia). Embora ele diga aqui, como em outros momentos, que sua questão é a busca pela verdade, ele devota mais tempo a apontar o que considera mentira. No fim deste vídeo, como em tantos outros, ele mantém seu ritual de pedir que as pessoas curtam o vídeo e assinem o canal, com um palavreado peculiar todo seu: “quénal”, “gostinha”, “xininho”. Ainda que se distancie de Cauê ideologicamente, já foi notado o quanto eles se aproximam em formato, com críticas ácidas, uma dose maior de animosidade e esses pequenos rituais com seus públicos.

Ana não fala explicitamente deste acontecimento em seus vídeos selecionados para esta pesquisa. Cauê, porém, faz seu papel de contraponto, comentando bem o caso:

Teve o lance da ditadura. vocês estão sabendo? O Bolsonaro incentivou os militares a comemorem a ditadura. Ela faz aniversário agora, essa arrombada dessa ditadura, que, aliás, os caras querem usar de revisionismo histórico para chamar de revolução de “contragolpe contra o comunismo”, mas é ditadura, tá? Qualquer regime que trabalha aí com esse lance de repressão, de cercear direitos, de censura, de tortura em porões obscuros, é ditadura. Esse negócio de regime de contragolpe é o cu da mãe, falou? O Bolsonaro mandou ali uma recomendação para desgosto até do partido dele para que os militares comemorassem o golpe militar de 64. Nem é de se achar estranho, vindo de um cara que elogiou Ulstra, que é um cara que torturava gente, inclusive colocou rato em vagina de mulher, inclusive elogiou o Pinochet no Chile, que também era um torturador de merda (Cauê Moura, no vídeo “Homem-Aranha brasileiro arreventa meliante”, de 26 de março de 2019).

Quase que numa resposta direta a Nando, Cauê diz que chamar o golpe de contrarrevolução é “revisionismo histórico” e explica seu ponto de vista a partir de sua definição do que é uma ditadura. Além disso, ele traz como suporte aos seus argumentos o fato de que Bolsonaro apoia pessoas e movimentos que dão “desgosto” inclusive ao partido ao qual o presidente era afiliado na época. Vê-se na fala dele que há certo destempero, com palavrões e acusações, ainda que ele tente se explicar mais e não apenas citar livros ou só atacar quem tem outra opinião.

Eles bebem de fontes bem diferentes para apresentarem suas conclusões, ao que Aldé diz que

É importante frisar que as relações dos cidadãos com esses quadros de referência são relações de comunicação; as pessoas estão inseridas em redes de mensagens recebidas e enviadas, em que os diferentes quadros de referências – e os próprios indivíduos,

quando sua posição nessas redes de comunicação o permite – podem ser entendidos como emissores de mensagens e construtores ou multiplicadores de explicações sobre a política, ao menos potencialmente (2004, p. 139).

Sabrina é mais cirúrgica e breve em seu relato sobre o momento, fazendo alusão ao fato de o ministro da educação elogiar a ditadura, dizendo que os militares ajudaram a corrigir os rumos do Brasil. Para a professora e estudiosa, o maior problema não é na fala do presidente, e sim no fato de o maior responsável pela educação no país encarar o momento da ditadura iniciada em 1964 como uma correção. Mesmo em uma fala breve, a crítica se nota, tanto pelo teor quanto pela postura da *youtuber*, demonstrando desagrado.

Diferente desses momentos de debates com enquadramentos mais interpretativos, em que Sabrina costuma ser mais breve, o tema no qual ela se demora mais é a natureza, apoiando a causa ecológica. Um tema que, aliás, Cauê sequer passa perto: eles compartilham parcialmente seus quadros de referência.

Sabrina chamou a atenção para o descaso do governo federal com a natureza, por exemplo, quando mencionou a mensagem de Bolsonaro em Davos. Ademais, ela retoma o tema na sua análise do primeiro mês do governo, e lista uma série de atitudes e acontecimentos que, a seu ver, seriam prejudiciais. Ela começa dizendo que Bolsonaro chama o Ibama de “indústria da multa” e comenta que uma multa dele de 2012 foi suspensa assim que ele foi eleito. A socióloga destaca também que o ministro do meio ambiente foi condenado por fraude ambiental e, ainda assim, se manteve no cargo – com o conectivo “ainda assim” demonstrando que, para ela, isso é uma incoerência, até porque este processo do ministro teria sido por favorecer mineradoras.

O ápice dessa sua fala é Brumadinho, que ela chama de “ecocídio” e, depois, chega a dedicar um vídeo inteiro ao caso. Este caso, segundo Sabrina, ilustra o quanto mineradoras desconsideram e agredem o meio ambiente para manter seus lucros. Ainda que não diretamente relacionadas à causa ecológica, Ana e Tati reverberam essa opinião, apontando que “Brumadinho e Mariana não foram desastre nem tragédia, e sim crime ambiental”, uma vez que “desastre é inesperado, e não é o caso, porque não se evita tsunami, terremoto, tufão. Isso é desastre ambiental. Já aqui foi crime ambiental. Não teve fiscalização nem manutenção. [...] Quem morreu foi assassinado” (Ana Roxo, no vídeo “Chame pelo nome certo”, de 03 de fevereiro de 2019).

Para ambos os canais de Youtube, o descaso com a natureza e o uso descuidado de recursos naturais têm notas criminosas com fins lucrativos. O enquadramento que Ana e Sabrina

fazem do ocorrido em Brumadinho é muito similar: crime ambiental, assassinato, ecocídio. Algo a ser levado a sério.

Ainda que não diretamente relacionado a Brumadinho, na mesma época desses vídeos, Nando lança um conteúdo gravado falando sobre os franceses e os ursos polares, por conta de uma reportagem na Globo. De dentro de um carro antigo com o motor ligado, ele comenta:

Os franceses tã tudo doido? 48 mil pessoas por ano morrem por poluição de carros. [...] Quantas aceleradas nessa porra aqui preciso dar pra repetir uma revolução russa na França? Faça os cálculos aí. “Não, é a poluição que tá matando tudo”. Poluição, geleira, os ursos – em cima dos blocos de gelo. Os ursos são foda, tá tudo morrendo. A putaria é grande! Fake news da Globolixo é demais. Já tô até imaginando as pessoas no hospital: “Doutor, por que ele morreu?”, “foi a poluição que o matou” (Nando Moura, no vídeo “#GloboLixo – 1964, Ursos e Franceses”, de 30 de março de 2019).

Na reportagem comentada por Nando, a Globo pontuava o quanto a poluição causada pelo excesso de veículos pode matar. Segundo Nando, uma notícia falsa, contra a qual ele protesta acelerando o carro e professando impropérios. Pela sua fala, em que caçoa do derretimento das geleiras e do efeito disso nos ursos polares, ele demonstra enquadrar a preocupação com o meio ambiente como algo digno de chacota e desnecessário – seria até possível dizer que ele não acredita que a poluição é um problema, pelo que ele delimita em seu quadro ao narrar a notícia e contra-argumentar com a Globo.

Mesmo sem falar de forma direta sobre o assunto Brumadinho, é interessante avaliar que, para Nando, o foco em problemas ambientais não importa, e isso mostra, uma vez mais, como este *youtuber* parte de quadros de referências, via de regra, distantes dos outros três.

### **3.4. Enquadramentos gerais sobre o governo federal**

Para além de momentos específicos em que as narrativas propostas pelos *youtubers* se encontram nos mesmos acontecimentos, esta pesquisa traz mais um ponto em comum, ainda que mais geral, sobre os assuntos tratados pelos canais analisados. Talvez, o assunto mais proeminente, aliás: o então novo presidente do país e o início de sua atuação no governo federal.

Como todos tratam desta pauta em praticamente todos os vídeos analisados, deter-se sobre este tópico, ainda que seja amplo e distribuído pela coletânea de vídeos, parece ser um bom desfecho para a análise, ainda mais neste momento em que foram consideradas as divergências nos recortes dos acontecimentos, considerando o enquadramento evidenciado por eles.

Especificamente falando sobre o presidente Jair Bolsonaro, as visões que mais se encontram são de Ana Roxo e Cauê Moura. No canal de Ana, o presidente é denominado como

“Biroliro” (apelido pejorativo) algumas vezes. No canal de Cauê, o apelido preferido é igualmente pejorativo: “Bozo”, em referência ao palhaço.

Para Ana Roxo e Tati Fadel, Bolsonaro é intelectualmente limitado e mentiroso – é o que mostram as falas em que enquadram o presidente nesses rótulos, como: “O Biroliro não consegue entender as metáforas do Olavo de Carvalho”, “Bolsonaro, que é extrema direita, tosco e burro” ou “Menos tosco que Bolsonaro até este lápis, por ser incapaz de proferir uma frase”.

De acordo com as faixas de destaque nas falas de Cauê, a imagem que ele compõe de Jair Bolsonaro segue igualmente nessa linha, apenas com mais agressividade, como é comum em seu canal. Ao falar, por exemplo, de quando Bolsonaro homenageou o paraguaio Strozner, que tem em seu histórico 18 mil pessoas torturadas e mais de quatro mil assassinadas, além de acusações de pedofilia, Cauê indaga:

Onde foi que a galera se perdeu, mano? Onde foi que a gente deixou de cobrar nossos políticos e ficou passando a mão na cabeça de quem homenageia estuprador e pedófilo? Teve gado na internet tentando relativizar e falando "Mas e o Fidel?", "E o Che?", "E o não sei quem?", como se a presença de outros FDPs pelo mundo fosse uma maneira de isentar o nosso presidente de ter homenageado estuprador pedófilo. Eu diria que a gente caminhava em passos largos pra distopia, mas a verdade é que a gente já chegou nela, rapaziada. O bagulho já virou Mad Max, tá ligado? Daqui a pouco nós vamos estar na rua se matando por gasolina aí, por leite, por água, falou? E a lição é simples: quem elogia estuprador é um puta babaca do caralho (Cauê Moura, no vídeo “Homem-Aranha brasileiro arreventa meliante”, de 26 de março de 2019).

Há algumas *strips* aqui que é importante notar: a indignação com a postura do presidente, a demonstração de não ter nenhum respeito por Bolsonaro ou por quem o admira pelos adjetivos a eles direcionados, a paralelização do momento atual com uma distopia, indicando que ele, no mínimo, desaprova o que se passa no Brasil de 2019. Em um dos vídeos, inclusive, ele se refere ao governo como na “ditadura bolsonariana”. Junto com o desalento de Ana e Tati, esse cenário que se compõe no quadro de Cauê é, ainda que mais agressivo, igualmente desanimador. Ambos os canais demonstram não ver nem pontos positivos, nem solução. O que existe são problemas apontados com o claro causador sendo Bolsonaro na maior parte das vezes.

No outro extremo da forma de narrar, vê-se um Bolsonaro “informal”, “humilde”, com o feito “impressionante” de que “ninguém da equipe de trabalho dele fala dele e, sempre que falam, é com muita admiração”, segundo Nando Moura. Na descrição de Nando, além de um “cara humilde, simples, cumprimenta todo mundo, diferente do que acontecia com Dilma, com Lula, que os caras não olhavam nem na cara”, Bolsonaro ainda é extremamente competente. Nando passa boa parte de seus vídeos elencando feitos, como um “ministério pautado em

competências”, ou um “discurso por um Brasil diferente em Davos”, ou até mesmo a “extradição de Cesare Battisti, que só aconteceu porque Bolsonaro tem essa postura, diferente daquela lambança imunda do Temer pra conseguir holofotes e o cara acabou escapando”. Nota-se muito orgulho e aprovação, um presidente e sentimentos bem diferentes dos dois primeiros *youtubers*.

Esses distanciamentos ao narrar o acontecimento, para Butler (2020, p. 17), advêm dos esquemas que cada um utiliza para organizar os fatos antes de poder transformá-los em histórias para contar: “Os esquemas normativos são interrompidos um pelo outro, emergem e desaparecem dependendo das operações mais amplas de poder, e com muita frequência se deparam com versões espectrais daquilo que alegam conhecer.”

Sabrina Fernandes, por sua vez, ainda que rechace a imagem que Nando tem de Jair Bolsonaro, tece suas críticas de forma diferente daquela usada por Ana, Tati e Cauê. Ela costuma apontar ideais e ações, mais do que um enquadramento de opinião que é tão usado pelos demais canais aqui observados. Ela pontua, por exemplo, que o presidente tem “anseios fascistas”, e explica que é por ele dizer que “o problema do Brasil seria a doutrinação marxista nas escolas”.

Ela segue suas falas sempre tentando se manter calma e didática, chegando até a trazer à luz o fato de que, desde o começo do governo, “Bolsonaro teve mais da metade da agenda de encontro com militares”, o que, para Sabrina, seria alarmante. A militarização, de forma geral, e o endurecimento de leis, junto com a defesa do uso de armas, também são pautas constantes tratadas ao lado do presidente: “O populismo penal que ajudou a eleger o Bolsonaro, prometendo liberar posse de arma, redução da maioria penal” – outro exemplo de como ela busca aliar fatos às falas, chegando mais perto de um enquadramento noticioso.

É interessante lembrar que, de todos, Sabrina é a que tem o mais amplo repertório acadêmico e formal sobre política, por seus estudos na área. Isso, em certa medida, afeta seus posicionamentos e a maneira como debate os ocorridos, o que remete de volta à influência dos quadros de referências existentes no repertório de cada um, uma vez que

Vários quadros de referência podem formar a base a partir da qual cada indivíduo vai elaborar um conjunto coerente de explicações ou analogias - um discurso - para orientar-se no mundo. Eles fornecem a matéria-prima das explicações que as pessoas vão construir acerca da política. Cada cidadão tem acesso a quadros de referência diferentes para buscar exemplos desse tipo (ALDÉ, 2004, p. 135).

A respeito de quem governa ao lado de Bolsonaro, os quadros se repetem: para Ana e Cauê, são motivo de piada, desânimo e desaprovação; para Nando, de respeito e orgulho; para Sabrina, de críticas e olhar cauteloso. Ana e Tati, por exemplo, comparam os governantes à

“turma do fundão da 5ª B”, os “maus alunos que faziam bullying”. Chamam-nos, de forma inespecífica, de “pessoas medíocres, preconceituosas, no mundinho delas, sem olhar para o outro”, delimitando o governo como uma “desadministração, com política infantilizada invejosa, ressentida, de subterfúgios escrotos”.

Cauê, por sua vez, faz isso dizendo que o “clã Bolsonaro” não para de “produzir podres” e falando que o país parece um “House of Cards”, série da empresa de streaming Netflix em que os personagens principais sobem ao poder por meio de artimanhas desonestas e nenhum caráter. Embora lhe sobre humor, via de regra, costumam faltar detalhes. Sabrina é menos genérica e dirige as críticas, em geral, a pessoas específicas, como quando pergunta onde estaria Sérgio Moro quando explodiu o caso de Queiróz, uma vez que “não foi atrás de imóveis, nem fez condução coercitiva” (alusão ao que fez atuando como juiz nos casos contra o ex-presidente Lula e outros políticos do PT), e indaga se ele queria mesmo acabar com a corrupção ou se era “só antipetista mesmo”.

Elogioso como de costume, Nando comenta que “finalmente, você tem ministros dirigindo nosso país escolhidos de maneira técnica”, fala que é “maravilhoso” ver a “alfabetização como prioridade” enquanto o governo “limpa a ideologia de gênero”, aprova as mesmas “medidas anticorrupção de Sergio Moro”, criticado por Sabrina, e aponta a parceria federal com Israel como prova de que este governo tem “vontade de tirar o nordeste dos grilhões da falta de água”, diferente “desses caras do PT”.

Dado que os repertórios deles são menos formais que os de Sabrina Fernandes, mesmo no caso de Tati e Ana, a forma como incorporam justificativas ao que apresentam como narrativa sobre o que está acontecendo pode acabar tendendo a certa estereotipação encontrada em conversas fora do YouTube também, conforme aponta Aldé:

Esquemas simples e recorrentes, estereotipados, que organizam para cada indivíduo um discurso do senso comum, não especializado, mas suficiente. O caminho cognitivo utilizado pelo cidadão comum resume e sintetiza critérios para avaliar o mundo público nas personagens da política, geralmente alçadas a essa posição por sua evidência e visibilidade nos próprios meios de comunicação. (2004, p. 19)

Por fim, sobre os apoiadores do governo no povo, do lado de Sabrina Fernandes em seu Tese Onze, o que se nota são avisos a quem é de esquerda para se abrir ao diálogo e manter um bom exemplo. Pelo que foi visto nesta análise, este é o único canal em que as críticas também são dirigidas a quem tem alinhamento ideológico da mesma forma que a quem não tem – por vezes, as críticas a quem compartilha dos mesmos ideais chegam até a ser mais duras, como no primeiro vídeo do ano, com o título “O mau exemplo da esquerda”, já analisado aqui em capítulos anteriores.

Os outros três canais tratam os opositores ideológicos como oponentes de fato. Nando, sendo um destes apoiadores do governo federal, ataca, via de regra, os petistas, mas mira nas pessoas de esquerda em geral: “Se um eleitor do PT tivesse a postura que nós, eleitores do Bolsonaro, temos desde o começo, não teria tido 16 anos de tanta roubalheira, canalhice, putaria nesse país.” Até mesmo para defender o início de governo, pauta geral das análises desta pesquisa, ele contrapõe o que parecem ser, na visão dele, dois lados opostos: “Ele está há 100 dias no governo, todos os problemas do país são culpa dele, nem parece que ficamos décadas e décadas sendo governados por bandidos, propinocracia de governos de regimes de esquerda que levaram o país à falência.”

Mais uma vez na mesma toada, Cauê, Ana Roxo e Tati Fadel costumam mandar avisos. Cauê questiona a liderança de Bolsonaro constantemente e chama seus defensores de “gado”. Ana fala sobre ter cuidado com o que ela e Tati denominam “lideranças por baixo dos panos”, pelo fato de não acreditarem que exista um “movimento apartidário” que é tão defendido, por exemplo, para elogiar a escolha de ministros de Bolsonaro, e rebatem de forma constante a frase “agora é torcer para dar certo”, dizendo que isso é “coisa de quem se arrependeu por votar num incompetente”.

No geral, ao falarem sobre o governo federal e o que o envolve, vê-se acontecimentos de um quadrimestre inteiro narrados e revisados de formas bem diferentes. Simões (2014, p. 183) detalha que o acontecimento é entendido num processo de “individuação” que “se realiza a partir de um percurso interpretativo, em que se podem identificar vários eixos em articulação”. Ela se refere aos quadros, como definidos por Goffman, e seus princípios de organização:

São esses princípios conformadores dos quadros que permitem a definição da situação<sup>5</sup> pelos sujeitos. Quando um indivíduo se insere em uma situação, é preciso compreender qual é o quadro que a conforma e, conseqüentemente, qual o posicionamento que deve adotar perante ele (MENDONÇA, SIMÕES, 2012, p. 189).

Ora, se os quadros permitem responder à pergunta “O que está acontecendo aqui?”, assim, na descrição do acontecimento, o que se busca é justamente responder a essa questão, ou seja, identificar os quadros que organizam o acontecimento, bem como os posicionamentos adotados pelos atores sociais. Sabendo que os quadros organizadores da experiência variam de pessoa para pessoa, junto com seus repertórios e posicionamentos, começa-se a responder à pergunta principal desta pesquisa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por que falar de política? Desde o início desta pesquisa, foi dito que é por meio da conversa que as visões e concepções do que aconteceu, inclusive e, talvez, principalmente no campo da política, se formam. A maioria das pessoas precisa de alguém explicando os processos complicados que se desenrolam no ambiente político – e contar uma história é uma das maneiras mais eficientes de fazer isso. De acordo com Porto,

A atividade de contar histórias é um instrumento heurístico importante utilizado pelas pessoas para fazer sentido do mundo. Por outro lado, os indivíduos incorporam em uma narrativa e como as narrativas mudam depende dos enquadramentos que são utilizados. O conceito de enquadramento se torna, assim, essencial para entendermos como as pessoas pensam sobre o mundo da política e o papel da televisão neste processo (2007, p. 72).

Os *youtubers* observados nesta pesquisa prestam esse papel de comunicação com seus públicos. Eles mobilizam recursos que obtêm em seus campos de atuação para narrar acontecimentos políticos dos primeiros 100 dias de 2019. Segundo Aldé,

A compreensão do processo através do qual as pessoas formam ideias políticas pretende servir, em suma, para falarmos de questões básicas de democracia, tais como as qualificações necessárias à noção de um cidadão interessado e bem-informado, a natureza e a estrutura das atitudes políticas e, não menos importante, que papel têm, na construção dessas explicações, os meios de comunicação de massa (2004, p. 49).

Durante a análise exposta, viu-se que os canais de YouTube estudados se esforçam para trazer a seus públicos informações que lhes deem condições de entender e até dialogar sobre política: eles debatem notícias atuais sobre o que está acontecendo no país. O ponto é que, entre o início do ano de 2019 e a última leva de vídeos analisada, 4 meses depois, eles trazem visões que diferem sobre o que aconteceu em cada momento importante. Especialmente se contrastarmos as narrativas dos *youtubers* de esquerda com o aquele da direita, tem-se construções de fatos que parecem opostas, como se sequer tratassem do mesmo acontecimento.

Tendo em conta que as narrativas de tais acontecimentos no YouTube se dá como acontece com qualquer pessoa – só se narra aquilo que se entende, portanto, para compreender e transformar em história, é preciso que a pessoa alinhe o que vai transmitir ao que já trazia em seu repertório obtido anteriormente –, sabe-se que os *youtubers* partem de fontes anteriores acumuladas para contar a quem ouve o que acontece, ou seja, buscam quadros de referências que já têm consigo para poder fazer sentido da nova informação e transmiti-la adiante. E os quadros, como parte de experiência individual alimentada pelo coletivo e pelo social do entorno de cada um, embora sejam inconscientes, variam de pessoa para pessoa – por mais capital social que um *youtuber* tenha em seu canal na plataforma, nenhum deles está isento disto.

Quando algo ocorre, é a busca dessas referências que ajuda cada um a desvendar o acontecimento. Para Simões (2014, p. 182), “um universo de sentidos é desencadeado e é a partir dele que se apreende o poder hermenêutico do acontecimento”. De acordo com a autora,

dessa forma, o acontecimento não pode ser simplesmente explicado por causas e consequências no mundo ou por fatores externos a ele. [...] Essa inserção do acontecimento em um quadro temporal, que ele mesmo constrói e ilumina, ocorre a partir dos sentidos que são instaurados nesse processo (SIMÕES, 2014, p. 182).

Assim, conforme Ana Roxo e Tati Fadel, Cauê Moura, Nando Moura e Sabrina Fernandes contam os acontecimentos políticos brasileiros a seus públicos, respondendo a eles o que está acontecendo aqui, seus quadros de referência entram em ação e fazem com que as faixas de destaque em cada momento mudem para cada um deles, o que os leva a relatar as mesmas coisas de formas diferentes e até conflituosas. Joseph elucida que os quadros fazem isso à medida que são

um dispositivo cognitivo e prático de atribuição de sentido, que rege a interpretação de uma situação e o engajamento nessa mesma. [...] A noção de quadro designa uma “estrutura de espera” por meio da qual abordamos o mundo com os *ready-made* interpretativos, como “veteranos da percepção” (JOSEPH, 2000, p. 51).

Tomando dois canais como exemplo: *O mundo segundo Ana Roxo*, com seu olhar esquerdista, vivendo no meio do mundo das artes e das humanidades, ligado à educação e ao teatro, tem em seu entorno influências muito diferentes daquelas que Nando Moura, músico conservador, com postura política de direita e aliado de Bolsonaro, traz consigo. Faz sentido, por tudo que foi visto até agora, que suas produções contem histórias diferentes sobre o mesmo acontecimento: a forma como enquadram qualquer notícia que levam adiante é feita com recortes muito diferentes, e o que lhes chama atenção, assim sendo, será igualmente diversificado.

Comparando Nando, de forma mais abrangente, aos três *youtubers* de esquerda, uma vez que é com ele que se notam os antagonismos mais evidentes, isso se torna ainda mais claro. Como seus repertórios políticos e conjuntos de crenças advêm de fontes diferentes, sem muitas interseções, nessa disputa de sentido, Nando trará à tona recortes dos acontecimentos que passarão despercebidos ou serão vistos de outra forma por Ana, Cauê e Sabrina – ou seja, como Porto (2007, p. 124) resume bem, eles demonstram “controvérsias interpretativas” em suas narrativas, e elas são espécies de “disputas políticas que não são resolvidas apenas a partir de informações e fatos, mas que se desenvolvem principalmente através de enquadramentos interpretativos”.

Ao combinar o que se sabe de cada um dos *youtubers* observados, como crenças políticas, repertórios e vivências, visões de mundo e causas defendidas, bem como entornos

culturais e profissionais, tem-se que os esquemas de interpretação são, sem dúvida, diversos. O debruçar em suas falas sobre a posse de Bolsonaro, sobre as polêmicas com seu filho Flávio, o discurso do então novo presidente no Fórum em Davos, as notícias sobre Queiróz, as definições diversas do que é mamata e outras notícias daqueles primeiros 100 dias do ano de 2019 demonstra o quanto esses esquemas diversos e os quadros de referência diferentes afetam o resultado da resposta ao que está acontecendo aqui: as narrativas dos acontecimentos, de fato, divergem. De um lado, a posse de Bolsonaro é tão dolorosa que sequer é mencionada. De outro, é uma grande festa. E há ainda a possibilidade de ser algo que, embora problemático e indesejado, justifique pronunciar-se para mostrar oposição. Nesta ordem, temos as visões dos primeiros vídeos de 2019 feitos por Ana Roxo, depois por Nando Moura e, por fim, por Cauê Moura e Sabrina Fernandes. O mesmo acontecimento, quadros de referências muito diferentes, interpretações diversificadas resultantes e, como resultado, as narrativas se desencontram. Mesmo nos dois vídeos que protestam, de certa forma, contra o momento político da posse, ainda se notam recortes diferentes: as faixas de destaque para Cauê Moura (o caso Queiróz) não têm nada a ver com as de Sabrina (o tratamento dado aos jornalistas que cobriram a posse). As chaves interpretativas que cada um usa mudam:

É nesses quadros de referência que os indivíduos buscam elementos cognitivos e chaves interpretativas que lhes permitem dar sentido a suas ideias e escolhas políticas. A necessidade de relativa coerência interna das atitudes políticas traduz-se numa certa constância de quadro de referências utilizados na construção das explicações estruturais, discursivas. Cada indivíduo recorre a uma rede de referências que pode ser mais ou menos complexa, combinando critérios como a facilidade, ou acessibilidade discursiva, a plausibilidade, a credibilidade da fonte, a ressonância ou clima de opinião envolvendo explicações específicas (ALDÉ, 2004, p. 137).

Em um momento anterior nesta pesquisa, a própria Aldé (2004) já foi citada por trazer que as pessoas, por serem, de certa forma, obrigadas a participar da política, precisam se posicionar e, como cidadãos comuns, buscam em discursos de outros, mais próximos deles em termos de referência e até mesmo de escolha linguística (*youtubers* tendem, de forma geral, a tornar a notícia mais palatável do que os jornais tradicionais, por exemplo), apoio para seus esquemas *ready-made*, suporte para interpretar o que está acontecendo, entender melhor e poder, assim, cumprir o que se lhes pede: participar. O processo de construção de atitudes políticas, retomando, é comunicacional.

Se a fonte de comunicação vem impregnada de sentidos já dados, é esperado que, para além das posturas no YouTube, os seguidores dos canais, já alinhados a eles ideologicamente, fora da plataforma, sigam o mesmo debate politizado. É visível esse viés, com enquadramentos

interpretativos (Porto, 2002), em três dos quatro canais: Cauê Moura, Nando Moura e *O mundo segundo Ana Roxo*. Simões explica que

A análise dos acontecimentos tal como construídos e individuados pela mídia nos permite apreender (ao menos em parte) os significados que ecoam a partir da emergência concreta das ocorrências e como esse acontecimento simbolizado participa da organização de nossa experiência no mundo – e de novas experiências nele. Esse tipo de análise nos permite, ainda, apreender a imbricada relação entre mídia e sociedade, não como esferas separadas: os acontecimentos na mídia são também acontecimentos na sociedade, e a leitura daqueles nos permite perceber como as ocorrências emergem na vida social e ordenam nossa experiência (2014, p. 185).

Neste momento, é importante notar que não se pressupõe aqui que nenhum *youtuber* faz uso de seus quadros de referência de forma consciente – o que é verdade para qualquer pessoa, já que eles são esquemas de interpretação que vêm praticamente programados com o ser humano, ainda que possam mudar conforme o tempo passa, as referências variem e o repertório se amplie. Não se trata disso, nem do que é verdade ou mentira, como já pontuado no início desta pesquisa. O ponto a considerar é o quanto o que cada um traz consigo afeta, de maneira expressiva, o que este vê na situação como faixa de destaque e, por conseguinte, a forma como interpreta o que viu e relata, posteriormente o acontecimento.

O YouTube, como fonte de informação eleita por muitos brasileiros, traz influenciadores de opinião, os *youtubers*, contando histórias sobre política e trazendo nelas seus recortes de mundo para oferecer respostas a quem os acompanha. As respostas variadas vão muito além do real ou do inventado. Como visto, elas fazem parte de construções diferentes. Quando Butler (2020) fala sobre as formas de enquadrar uma guerra, por exemplo, ela explica que

Os “enquadramentos” que atuam para diferenciar as vidas que podemos apreender daquelas que não podemos (ou que produzem vidas através de um continuum de vida) não só organizam a experiência visual como também geram ontologias específicas do sujeito. Os sujeitos são construídos mediante normas que, quando repetidas, produzem e deslocam os termos por meio dos quais os sujeitos são reconhecidos (2020, p. 17).

Notícias parecem seguir o mesmo processo ao serem recontadas. Os termos, fatos e destaques são deslocados de acordo com o que cada um reconhece como importante. Mesmo nas interpretações que buscam maior foco em fatos, oferecendo enquadramentos noticiosos, conforme define Porto (2002) em contraponto aos enquadramentos opinativos, e como vê-se com as narrativas de Sabrina Fernandes, ainda existe o destaque maior a certos elementos da mesma realidade em detrimento de outros.

Isso significa que a resposta à pergunta “o que está acontecendo aqui?” é impossível? Não necessariamente. Isso, na realidade, aponta para o fato de que ela é variável e que os quadros influenciam. Porém, ao mesmo tempo, essa influência não precisa, e talvez nem deva,

ser vista como algo nefasto. Com isso em mente, seria possível eleger ouvir mais de uma fonte, sempre, antes de formar opinião – até porque, como conclui Aldé,

encontramos que a comparação de mais de um discurso, ou de enquadramentos diferentes para os mesmos eventos, permite ao indivíduo contextualizar as explicações que elabora. A interseção de quadros de referência midiáticos com quadros interpessoais relevantes para os cidadãos reflete-se, assim, em discursos mais inteligentes sobre a política, em que o hábito de comparar diferentes enquadramentos dados aos mesmos eventos, instituições e pessoas políticas habitua o cidadão a receber novas informações com certo relativismo e autonomia, escolhendo, interpretando (2004, p. 136).

Um dos incômodos que gerou esta pesquisa foi a enorme polarização que se vê entre as pessoas, especialmente quando se discute política. Chega-se a extremos de amizades que se rompem e famílias que param de se falar. Ouvindo conversas sobre política, a impressão que se tem é que há apenas um certo e um errado, uma única versão dos fatos. Exatamente como fazem os *youtubers* analisados. Aqui, vê-se que não é bem assim: não há mentiras no que cada um dos analisados fala, há recortes diferentes, feito de acordo com os quadros de referências dos quais os *youtubers* dispõem. Quem olhar para todas as narrativas do mesmo acontecimento juntas, deve notar que montam um quebra-cabeça maior.

Até hoje, essas posições antagônicas, dicotômicas e com posturas mutuamente excludentes persistem – como 2022 é ano de eleição federal, parece que, conforme os meses passam, isso tende a piorar. Uma possibilidade que essa pesquisa gostaria de deixar é embasada na fala supracitada de Aldé e aliada ao conceito tensionado de enquadramento aqui: múltiplas fontes compõem uma história mais completa, multifacetada. É um exercício até de empatia, na visão desta pesquisadora, que se busque respostas para além da zona de, porque se manter nos limites do que cabe em um único lado da história diminui o mundo e, certamente, não traz um quadro completo. A verdade absoluta não existe, o que há é a eterna pergunta do que está acontecendo aqui, e é preciso continuar buscando resposta, sem se satisfazer com o familiar, só porque coube no nosso quadro sem causar estranheza.

Com isso em vista, na insatisfação de olhar para apenas uma resposta, esta pesquisa deixa perguntas também, como portas abertas e, espera-se, caminhos iniciados. Além das falas, valeria analisar a parte mais imagética dos vídeos, que não foi exaurida aqui. Há riqueza de material para prosseguir entendendo como as falas dos *youtubers* dialogam com os comentários que recebem nos vídeos e avaliar como suas narrativas dos acontecimentos se encaixam os quadros de suas audiências. Ademais, nota-se que muitos novos *youtubers* se estabeleceram de 2019 para cá: é possível incluir novos olhares, mais diversos, para compreender que, mesmo entre direita e esquerda, mais quadros surgem. Parece importante não parar de perguntar.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Naiara. Os impactos da polarização política na saúde mental de brasileiros. **Revista Exame**, edição online, 15 de outubro de 2018. Disponível em: <https://exame.com/brasil/os-impactos-da-polarizacao-politica-na-saude-mental-de-brasileiros/> Acesso em 06 de janeiro de 2021.

ALDÉ, Alessandra. **A construção da política: democracia, cidadania e meios de comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BATESON, Gregory. A theory of play and fantasy; a report on theoretical aspects of the project of study of the role of the paradoxes of abstraction in communication. **Psychiatric Research Reports**, 1954, p. 39 a 51.

BERGER, P. & LUCKMAN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas, SP: Papirus, 2011.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: Quando uma vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

CARVALHO, Carlos Alberto. **Aportes para a concepção do conceito goffmaniano de enquadramento e suas interconexões com a noção de contexto**. In: XX Compós, 2011, Porto Alegre.

CHONG, Denis & DRUCKMAN, James N. Framing theory. **Annual Review of political science**, 2007, vol 10, p. 103 a 126.

COUTINHO, Iluska & MONTEZANO, Cristiane T. **O formato YouTuber como possível modelo de divulgação científica na internet**. In: XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2019, Vitória.

DATASENADO. **Mais de 80% dos brasileiros acreditam que redes sociais influenciam muito a opinião das pessoas**. Publicado em 10 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/publicacaodatasenado?id=mais-de-80-dos-brasileiros-acreditam-que-redes-sociais-influenciam-muito-a-opinio-das-pessoas>. Acesso em 22 de julho de 2021.

ENTMAN, Robert. Framing: toward a clarification of a fractured paradigm. **XL Journal of communications**. vol. 43, nº 4, p. 51-58, 1993.

FRANÇA, Vera. **O crime e o trabalho de individuação do acontecimento no espaço midiático**. In: VI SOPCOM, 2009, Lisboa.

FRANÇA, Vera & LOPES, Suzana Cunha. Análise do acontecimento: possibilidades metodológicas. **Matrizes**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 71 a 87, set./dez. 2017.

GITLIN, Todd. **The whole world is watching: Mass media in the making and unmaking of the new left**. Berkley, Los Angeles, Londres: University of California Press, 2003.

GOFFMAN, Irving. **Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GOMES, Pedro. **Filosofia e ética da comunicação na midiatização da sociedade**. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

GRAGNANI, Juliana. Por que o Brasil se transformou em terreno fértil para a difusão de notícias falsas durante as eleições. **BBC News Brasil** em Londres, edição online, 03 de novembro de 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45978191> Acesso em 05 de janeiro de 2021.

JOSEPH, Isaac. **Erving Goffman e a microssociologia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

KRISTEVA, Julia. **Strangers to ourselves**. Nova York: Columbia University Press, 1988.

MANOVICH, Lev. A prática da vida (midiática) cotidiana. **Lugar comum**, 2008, n. 28, p. 283 a 296.

MARQUES, Angela & MENDONÇA, Ricardo. A política como (des)construção de sujeitos: desencaixes e rearticulações identitárias em protestos multitudinários contemporâneos. **Galáxia**, 2018, vol. 37.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino & SIMÕES, Paula Guimarães. Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 2012, vol.27, n.79, p.187-201. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092012000200012>.

MONTAÑO, Sonia. **Plataformas de vídeo: apontamentos para uma ecologia do audiovisual da web na contemporaneidade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MOUFFE, C. **Sobre o político**. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2015.

MOUILLAUD, Maurice. **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Editora da UnB, 2002.

PARK, J. Contrasts in the coverage of Korea and Japan by US television networks: a frame analysis. **International Journal for Communication Studies**, 2003, v. 65, n. 2, p. 144 a 164.

PORTO, Mauro. **Enquadramentos da mídia e política**. In: XXVI Encontro Anual Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2002, Caxambu, MG.

PORTO, Mauro. **Televisão e política no Brasil: a Rede Globo e as interpretações da audiência**. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

SAMPAIO, Rafael. Participação política e os potenciais democráticos da internet. **Dossiê Comunicação e Política – Revista Debates**, 2010, v. 4, n. 1, p. 29 a 53.

SCHEUFELE, Bertram. Framing-effects approach: A theoretical and methodological critique. **Communications - European Journal of Communication Research**, 2004, vol. 29, n. 4, p. 401 a 428.

SCHÜTZ, Alfred. **Collected Papers I. The Problem of Social Reality**. Holanda: Springer, 1972.

SIGNATES, Luíz. Epistemologia da comunicação na democracia: a centralidade do conceito de comunicação na análise dos processos políticos. **Revista Novos Olhares**, vol 1, n. 1, p. 7 a 17.

SILVEIRINHA, Maria João. **O lançamento da moeda europeia e seus enquadramentos na imprensa**. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005, Rio de Janeiro.

SIMÕES, Paula G. O acontecimento e o campo da comunicação. In: Vera R.V.França; Alessandra Aldé; Murilo César Ramos. (Org.). **Teorias da Comunicação no Brasil: reflexões contemporâneas**. Salvador: EDUFBA, 2014, p. 173 a 195.

VAN GORP, Baldwin. The constructionist approach of framing: bringing culture back in. **Journal of communication**, 2007, vol. 577, p. 60 a 78.